

---

This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

<https://books.google.com>



PQ  
9505  
A6  
1910

MARIO DE ALENCAR



Alguns  
Escritos

LIVRARIA GARNIER  
RIO DE JANEIRO



**LIVRARIA MAGALHÃES**

Typographia e Encuadernação

Rua da Quitanda, 5-A

CARRETTAS TELEFONE 1061

SÃO PAULO



# ALGUNS ESCRITOS



MARIO DE ALENCAR

---

# ALGUNS ESCRITOS



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
RIO DE JANEIRO | PARIS

---

1910



PQ  
9505  
A6  
1910

## AO LEITOR

---

*Com exceção do discurso lido na Academia Brasileira, os trabalhos que compoem este livro foram feitos em épocas diversas e para jornais, e deviam talvez ficar onde estavam, esquecidos ou ignorados, e alguns d'elles sob o pseudonimo que lhes dei. Durante algum tempo não foi outro o meu pensamento. Recolhendo-os agora, cedo ao desejo de, em homenagem mais duradoura, unir o meu nome ao das pessoas queridas que n'elles figuram. Não exclui nenhum dos outros escritos, para não excluir a maior parte. O titulo anuncia a qualidade do livro e justifica a falta de unidade que possa haver. A mim agrada-me vel-os juntos, porque em suma fui eu que os fiz, e gosto d'elles apesar de tudo. Ao leitor fica o direito de achar o contrario, e nem por isso hei de querer-lhe mal.*

Outubro de 1909.

M. DE A.



# I

## DISCURSO DE RECEPÇÃO

NA ACADEMIA BRAZILEIRA

---

« Senhores : Permitti que só vos diga o meu agradecimento, depois de ter cumprido a tarefa inicial, que me incumbe, de falar-vos sobre o companheiro illustre, a quem me foi dado succeder nesta caza. E' um dever de tamanho pezo, tão desproporcionado aos recursos da minha intelligencia e do meu esforço, que, não obstante a honra de que elle agora me investe, quazi me arrependo de haver solicitado e merecido a indulgencia dos vossos sufrajios.

Conheceis tanto como eu, ou melhor do que eu, o contraste imenso entre a minha fraqueza e a força daquelle enjenho, entre a minha timidez e aquella ousadia, aquella confiança e rezistencia de animo, aquella extraordinario poder de palavra, que deu a José do Patrocínio, no ultimo quartel do seculo XIX, a preeminencia aos homens de luta na imprensa e na tribuna popular deste paiz. Mais facil seria o meu trabalho, se tivesse de falar-vos sómente do romancista que elle foi e do poeta que elle não quiz ser. Preferiu a gloria menos duradoura e os cuidados mais terrenos de jornalista e de escritor

politico. Foi um homem de ação social, e o estudo da sua obra e da sua vida não deve excluir a apreciação do seu caracter de homem. Não possuindo as qualidades que o fizeram forte, receio, por não comprehendel-as, apreciar-o mal. Relevareis, porém, os meus erros e a minha incapacidade, se ponderardes que nada é tão difficil, tão complexo, tão sujeito ao engano, como o delinear um caracter, e particularmente o de um homem que viveu no nosso tempo, ao nosso lado e entre as nossas paixões.

Não seguirei a regra uzada na biografia dos homens notaveis de procurar nos antecedentes de familia e nos atos da infancia a razão, os sinais e os vestijios do destino delles. Se fosse infalivel este principio de psychologia applicada, ver-me-hia agora em grandes difficuldades para explicar-vos os indicios da formação do jornalista e do orador no obscuro commercio de uma quitanda e na tranquillidade beata de uma igreja de provincia. A minha perspicacia iria quando muito achar na dezenvoltura e na ginstica de um galopim o segredo da intrepidez e da pericia do polemista futuro. Confesso-vos, porém, a minha incredulidade no efeito dessas influencias nativas e dos primeiros anos : creio mais na força do acazo, que é a nossa providencia ou a nossa ignorancia, e que fez de Patrocínio um pujante escritor, apezar do seu berço miseravel e da sua infancia mal protegida pelas negligencias de uma batina. A vivacidade dos seus grandes olhos, iluminados de doçura e intelligencia, valeu-lhe o carinho e o cuidado de protectores mais eficazes na primeira idade de menino :

mas o ter vencido na vida, o ter transformado um nome comum e sem raiz no nome glorioso e immortal que nos deixou, deveu-o elle principalmente a si mesmo, á sua vontade, á sua corajem, ao seu talento e ao seu amor do estudo.

Aos treze anos veiu de Campos para esta cidade e aqui se empregou como servente-aprendiz de farmacia no hospital da Mizericordia. Tinha caza e comida e dois mil réis por mez pagos pelos seus companheiros, aos quaes substituia nos plantões de domingo; e do vigario de Campos recebia a mezada de dezeseis mil réis. Era mais do que tinha no desconforto e na mizeria da quitanda de provincia, muito pouco ainda para a ambição de quem devia crear um nome na historia nacional. Sem a altivez que havia nelle, e era um protesto intimo de suas forças contra a humildade da orijem; sem a imaginação cuja genealogia não descobri, sem o talento que não teve antepassados, sem o intenso gosto dos livros; as condições do meio e da sua puericia o mais que teriam formado seria um pratico de farmacia, um tagarela boticario de arrabalde e naturalmente depois um ajil cabo de eleições. Nuns apontamentos auto-biograficos publicados em jornal, Patrocínio refere-se a esse trecho da sua vida; mas não disse as aspirações do menino e as inquietações do cerebro imaginozo e intelijente fechado nos limites de uma botica de hospital. A nossâ imaginação é que adivinha o que foi essa quadra de existencia para aquelle espirito peregrino. Passaro escravizado que não se rezigna a dezaprender o vôo para o qual lhe deu a

natureza a graça das azas livres. Ali mesmo começou a estudar, frequentando o Externato Aquino, cujo diretor lhe franqueou as aulas gratuitamente, porque elle já não tinha com que as pagar e logo depois perdia a escassa mezada de dezeseis mil réis. Tirou-lh'a o vigario de Campos, quando o viu trocar a humildade de servente-aprendiz pela distincção de estudante. Aprendeu tudo e bem, e para o curso medico só lhe faltava o exame de filozofia, que não chegou a fazer por cauza de um frade professor dessa materia. Frei Saturnino não gostava delle e costumava dizer-lhe que a sua batina sabia mais filozofia do que toda a que pudesse entrar no cerebro do vosso confrade. Sem esse exame, rezignou-se Patrocínio a estudar o curso de farmacia, que acabou com muita distincção, servido pela caridade de colegas e ajudado por lições particulares que dava.

Foi-lhe a carta de farmacia uma inutilidade, porque não era do seu temperamente ser pharmaceutico e só podia alugar o diploma por trinta ou quarenta mil réis.

« Rezolvi morrer de fome, escreveu elle mais tarde; não alugaria um titulo que me havia custado tanto sacrificio e que representava as unicas alegrias até então experimentadas. » Disse isto nos apontamentos auto-biograficos a que já me referi e que elle publicou em 1881, em dias de polemica indiscreta, quando o agredia a curiosidade anonima dos adversarios. Escreveu-os em defeza da sua vida particular e publica. E disse então a sua origem, as

condições do seu nascimento, os protetores que teve e a quem beijava as mãos, as adversidades que sofreu e até os factos mais intimos de familia, que todos discretamente escondem num desvão da consciencia.

Espirito que fosse extranho aos costumes da terra e não conhecesse a linguaagem dobrada dos homens, não falaria mais abertamente, com a mesma candidez que elle uzou nesse escrito, falando para o mundo e para os seus inimigos. Não sei como o julgou então, nem o julga hoje, a sagacidade dos decifradores de almas alheias. Nessas linhas escritas para o comentario da multidão, com a naturalidade e o dezapego de uma confidencia, só achei que notar o que ellas verdadeiramente significam, um documento de sinceridade. Esta foi a virtude, ou foi o defeito, se é defeito, daquelle character.

Contento-me com lhe achar esta feição. Não indagarei se foi bom ou se foi máu, porque seria uma distincção inutil. O bem e o mal estão em nós; são as partes iguais e elementares da nossã pobre e mortal essencia humana. Assim como a planta produz segundo as forças da terra e do ar que a alimentam, assim os atos humanos são bons ou máus segundo o meio e as circumstancias que lhes dão orijem. Não ha infalibilidade nem predestinação na natureza. Da mesma arvore, da mesma semente, haveis de colher frutos de qualidade varia; e a diversidade delles é o efeito do acazo dos ventos.

Contra o imprevisto do acazo trouxe a civilização a necessidade e o artificio da cultura moral, que é como a estufa do character.

Ao abrigo das tempestades dos ventos e das calmas do sol, respiramos a mesma atmosfera, tendemos para o mesmo nível de gosto e adquirimos a capacidade de hipocrisia, que no domínio dos sentimentos e dos costumes é a condição e o fim da civilização, é a norma da educação e é a base da sociedade humana.

Como o uzo do vestuário tornou indecente a nudez do corpo, assim creou a civilização a indecência da nudez do espírito. O nivelamento moral extinguiu a sinceridade que as nossas conveniências de bem estar e de gosto desdenham como expressão de alma selvagem.

Esta sinceridade selvagem tinha-a Patrocínio em si, de origem, e prezervou-a na vida apesar da cultura. Foi uma das côres fundamentais do seu caracter. Sinceridade, imaginação e sentimento compunham a tricromia daquelle espírito.

Toda a sua obra literaria, a grandeza e os defeitos della, o seus atos honestos, os seus dezacertos humanos, as incoerências da sua vida publica, a sua altivez e os seus desfalecimentos, tudo se ha de explicar pela diversa combinação dessas côres fundamentais que as circumstancias e o momento superpunham ou separavam á maneira de um artista com as chapas de uma estampa colorida. A imaginação era vivaz e pitoresca, o sentimento impetuoso e fecundo.

Era tambem fecunda a sua inteliçencia, lucida, forte e penetrante, mas era uma inteliçencia a que eu chamarei tranquila. Não tinha a inquietação da curiosidade incontentada ante os grandes problemas

do universo e da vida humana. Se a esfínje alguma vez assomou a seus olhos, ou elle os desviou indifferente ou aceitou satisfeito a decifração antiga que lhe davam os caminhantes experimentados na solução do enigma eterno. Houve um instante em que elle repouzou na beatitude do pozitivismo; mais tarde, acordando ao sofrimento que chegava, ou cansado das fórmulas dessa escola de sabedoria geometrica, elle ascendeu para o sonho da religião, num vôo sereno e facil, sem vacilações, dirigindo-se sempre pelo roteiro catolico da crença. Jámais o perturbou a duvida; não parou a fitar a esfínje com a anciedade do desespero, não sentiu a amargura do silencio infinito, e no dezalento da indecifração do enigma, não teve o gozo de enfrental-a com o sorrizo da ironia, que é a vingança zombeteira e sofredora do genio contra o misterio dos deuzes.

Na attitude ante a esfínje é que se póde medir, senão a intensidade de uma inteliencia, o seu alcance, a sua orbita de expansão e de surto. Patrocinio não possuiria a de um grande filozofa, nem a de um grande poeta, para os quaes os altos problemas do universo e da vida humana, com a peculiar differença de concepção e de intuito, são o principal motivo de inspiração e de estudo. Limitada a curiosidade ás couzas finitas e concretas, ou quando muito ás fórmulas uzadas do pensamento geral, a sua inteliencia tranquila e indifferente ficou subordinada á força e ao impulso da imajinação e do sentimento.

A subordinação, porém, não era tanta que lhe

paralizasse a atividade conciente, privando-a da direta colaboração e analize na percepção das imagens do mundo; ou por outras palavras, creando-lhe no espirito a absoluta injenuidade dos sentidos, a faculdade divina de sonhar acordado e a ignorancia fecunda e formadora dos mitos, que foram as condições orijinarias da poezia primitiva e espontanea.

Se as circumstancias da vida de Patrocínio, em vez de arrastal-o á agitação, lhe houvessem permitido perseverar no cultivo das fórmãs literarias com que estreou e que parecia serem fórmãs naturais e adequadas ao seu enjenho, a poezia que fizesse podia ser excelente, mas, como quazi toda a poezia moderna e a dos antigos *poetas menores*, seria uma poezia de reflexo, de segunda mão, um comentario elegante da superior e verdadeira poezia que é a dos grandes poetas. Seria por ventura mais. Acharia na emoção pessoal materia para um lirismo de tonalidade notavel, seria um creador vigorozo de quadros, chegaria a aviventar com vibrações de tragedia cenas do drama humano em que as paixões não excedessem a mediania da vida comum. Seria um romancista de costumes talvez perfeito. Mas a sua sinceridade foi uma virtude negativa para o aperfeiçoamento.

A criação artistica, em todas as épocas e principalmente no tumulto das cidades modernas, pede o isolamento, a distancia proporcionada para a perspectiva do cenario, o dezinteresse imediato do ambiente para a reprodução ideal das figuras e dos fatos.

A Patrocínio não foi possível preparar esse isoladamente; demaziado sensível ao momento, ás paixões e ás pessoas em cujo meio operava o seu espirito, era incapaz de uma abstracção continuada, que devia ser a atmosfera para a formação da obra de arte. Ficaram-lhe o trabalho e o talento ao serviço e á mercê das impressões do dia. A obra de pura arte que deixou, poesia e romance, póde-se dizer que foi accidental.

Era inevitavel a atracção do jornalismo. A imprensa tinha de dar o molde á expressão do seu enjenho, e este por sua vez havia de fixar-lhe, por influencia de suas qualidades caracteristicas, a feição, senão nova, definitiva de imprensa panfletaria.

Efetivamente foi por uma especie de panfleto — *Os ferrões* — que elle começou a carreira de publicista. Titulo e fórmulas desse periodico foram de certo sugeridos pel' *As Farpas*, com que em Portugal Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão reformavam a critica de idéas e costumes, introduzindo na velha imprensa burgueza uma nova fulguração de talento, de estilo e de franqueza juvenil irreverente. Imitavam tambem esses escritores um panfleto celebre de Alphonse Karr — *Les Guêpes*.

E' da França que nos chega para o Brazil e Portugal quazi todo o alimento do saber e das belas letras. Tudo queremos imitar dali. Mas nem tudo se póde imitar, menos ainda o que é peculiar a um povo, o que o distingue e lhe foi dado pela natureza, pelos costumes, pela tradição e pela propria historia. O espirito francez não póde ser senão de Francezes, e

só por uma exceção individual o tereis espontaneo e puro em labios de um Portuguez ou Brasileiro. Imitado e transportado para a critica social, elle perde a graça nativa, a subtileza, a urbanidade da malicia, o pico de epigrama e o sal que tempere ou atenuo o ardor com que possa ferir.

Notai os titulos dos trez panfletos e a differença de inspiração, de gosto e de tendencias. **GUÊPES** — vôo inquieto no espaço, alimento de flôres, picada de inseto que mal fere irritado e foje timido. **FARPAS** — é o côrro, a encenação tradicional de cavaleiros fidalgos, depois a instigação, a dezordem da carreira, o torvelim do pó, o desfecho premeditado de golpes e feridas. **FERRÕES** — armas de inseto ou puas de agulhão, acritude de estimulo ou injuria de ponta de ferro. O nosso meio era ainda escasso de idéas; os costumes não seriam optimos, e como sómente a serena izenção da filozofia sabe discernir entre os costumes e as pessoas, os **FERRÕES** não souberam imitar a agressão alada das vespas e investiram contra a gente do seu tempo num descompasso rasteiro de agulhadas. Desconcertos da mocidade, que haviam de ser a norma da critica pessoal no Brazil; mas naquelle tempo eram ainda uma antecipação da maneira nacional; e os **FERRÕES** só duraram dez numeros.

Mezes depois Patrocínio fazia parte da *Gazeta de Noticias*. Entrou sem outra recomendação que uns versos que por um amigo d'elle foram apresentados a Ferreira de Araujo, então já redator principal da folha. Trez sonetos, versos de amor. Ferreira de

Araujo com o discernimento do seu claro espirito e a bondade do seu coração, adivinhou o que havia no autor dos versos e aproveitou a revelação daquelle talento.

Além dos trabalhos da parte anonima da folha, escrevia Patrocínio dois folhetins semanaes, e a principio um delles em verso rimado, « Gazeta metrica », miniatura de um numero da folha, incluzive anuncios, que eram depois publicados na seção competente do jornal. Tinham chiste os versos, eram leves e de uma metrificacão espontanea, sem rimas buscadas, fórma natural e facil da sua faculdade poetica.

A esse folhetim succedeu a « Semana Parlamentar » de Prudhomme. A politica tomava o logar das letras. Patrocínio era encarregado de referir os debates da Camara; tinha o espetaculo diario da comedia politica, frequentava os bastidores, surpreendia-lhes os segredos; estudava os atores, no palco e fóra delle, conhecia-lhes os habitos e os artificios; o comentario foi intelijente e agudo, o sucesso geral e grande. Tinha elle então vinte e poucos anos. A idade explicava a innocencia das convicções, o fervor da discussão e a esperança na efficacia da critica. Ainda de notar, mais pela idade que pelo enjenho delle, era na maioria desses folhetins o tom dessa mesma critica, o bom senso, a boa lojica, a seriedade de pensamento, o ar de gravidade com que, apenas saído da adolescencia, elle vinha preceituar para os maiores encanecidos da politica brasileira. Trazia o folhetim quazi sempre um

introito de generalidades sobre a materia constitucional ou a actualidade politica, depois a applicação aos fatos da semana. Revelava estudo, dezinteresse pessoal, e não tinha retorica, o que é admiravel naquella idade e no nosso paiz. E' que Patrocínio era sincero e cultivava nessa época o positivismo, de que foi por algum tempo aluno e sectario.

Num dos seus outros folhetins falava com indignação, disfarçada em zombaria, do menospreço com que fôra acolhida uma publicação de um dos chefes brasileiros da filozofia pozitiva. Nesses folhetins literarios era essa a maneira acentuada, a galhofa, a intenção de ter graça, que parece ser em regra a preocupação desse genero de literatura jornalistica. A obrigação de encher com assunto de espirito em dias certos um certo numero de tiras de papel, na medida do rodapé, deve ser superior ás forças de qualquer talento, por mais fertil que seja. O simples cuidado da extensão forçada do escrito prejudica a espontaneidade da graça, empece o desenvolvimento natural da idéa com as dilações propozitadas para suprir o espaço necessario. Não pôde Patrocínio evitar tais senões, mas tinha com que resgatal-os qualidades literarias que prometiam ser das melhores e que o romance em breve mostraria que podiam ser completas e optimas.

*Motta Coqueiro* ou *A pena de morte* foi, como todos os seus romances, escrito dia a dia para o jornal. O assunto era em suas linhas principais um factó real, e foi sugerido pela noticia da prova tardia de innocencia de um executado. Devia ser

escrito em colaboração por quatro dos redatores da *Gazeta de Noticias*. Naquelle tempo a *Gazeta de Noticias* era um jornal de rapazes, e já se faziam dessas brincadeiras em literatura. Tocou a Patrocínio iniciar o trabalho, e o fez tão bom, tão levantado, que os outros colaboradores o deixaram antes de experimentar a prova difficil de medir-se com elle.

Todo o primeiro capitulo, que é o da execução do condenado á forca, é excelentemente feito. Mostra o talento de um narrador elegante e os dotes de uma imaginação descritiva não comun. Tem movimento, emoção e vida. Os outros capitulos, salvo alguns compostos em dia menos propicio, e apezar de escritos sempre apressadamente, não desmerecem do primeiro. São em geral bem traçadas as figuras do livro. Um tipo de feiticeira, a tia Balbina, é uma criação admiravel, é como os grandes tipos poeticos que abranjem no vigor e na concisão dos traços individuais a representação symbolica de épocas, de raças ou de instituições. Em tia Balbina, a feiticeira, aliás personajem secundario na acção do livro, ha toda a poezia da raça negra e da sua escravidão pela raça branca.

De *Motta Coqueiro* como de *Pedro Hespanhol*, que é outro romance folhetim, e de *Retirantes*, haveria não poucos trechos com que formar uma coleção de pajinas escolhidas de boa literatura. Viriam as melhores de *Retirantes*, que é dos livros de Patrocínio o mais trabalhado, ainda que anterior a *Pedro Hespanhol*, e é o de maior observação, de

mais gosto e o menos imperfeito no estilo. Escreveu-o depois de uma viagem ao Ceará, ao tempo da grande sêca de 1879. Trazia os olhos queimados da visão do cenario, assistira á retirada dos famintos do sertão para a Capital, ouviu-lhes os gemidos e as ancias, viu-lhes o aspeto entorpecido de miseria, o despudor da agonia e observou a concurrencia do interesse calculado e disfarçado, que procurava na fome alheia o incentivo para o lucro e na piedade o pretexto para a deshonor e a luxuria. Tinha ali a imaginação abundancia de quadros em que aplicar o seu colorido opulento. Era fertil o assunto e o romancista, que havia sido espectador das cenas terriveis da sêca, multiplicou-as com um poder de evocação minucioza de chapa fotografica. Esse é o defeito do livro. As cenas formam pajinas admiraveis, algumas de emoção da mais profunda tragedia; mas pelo seu numero excedem a medida do romance e perturbam-lhe a unidade de plano. Para compol-o bem, fôra necessario que o escritor disciplinasse a fantazia em vez de comprazer-se na sua riqueza, e soubesse escolher e eliminar o que ella lhe dava prodigamente com uma exuberancia indomada de terra dos tropicos.

Creio que elle não se detinha em delinear o esboço das suas obras, em predispor e proporcionar-lhes a materia, em talhar o molde e a fizionomia dos personajens. Era brusca a inspiração, o trabalho quazi sempre arrebatado. Ignorava ou não aceitava aquella sabia regra de arte que o allemão Holzt definiu em fórmula aljebrica e o vosso erudito e subtil confrade

João Ribeiro tão lindamente comentou e vulgarizou em uma das suas finas *Pajinas Esteticas* : Arte-Natureza — X.

Mas esse defeito, esse desregramento, essa indisciplina, foram virtudes principais e as que mais convinham para outra obra que teria de ser a obra-prima de José do Patrocínio : a campanha do abolicionismo. Sabeis o que ella foi, e eu não cansarei a vossa atenção reproduzindo-a em todos os seus estadios e detalhes, posto que cada um delles tenha para o historiador daquella época um valor não pequeno de informação moral e politica.

O abolicionismo no Brazil passou por duas grandes fazes : a primeira, até 1871, em que é a razão que o inspira e dirige; é o movimento da idéa, ou, se é do sentimento, é-o numa fórma idealizada, de calma e de reflexão; a segunda faze, de 1879 a 1888, é a do inteiro dominio do sentimento, concreto, irrefletido e apaixonado.

Estabelecida no Brazil-colonia, sancionada e regularizada pelas leis da Metropole e do Imperio, como elemento economico, necessario e reputado insubstituivel, tornou-se a escravidão um fato natural e justo que todos aceitavam como instituição tradicional, por efeito do meio e da adaptação submissa do negro á sua fatalidade de raça mais fraca.

Não eram os homens nascidos no meio de escravos os que podiam sentir aquelle espanto eloquente e aquella indignação christã que arrebatava o Padre Antonio Vieira a exclamar do pulpito contra a transmigração imensa de gentes e nações etiopes, uma

das grandes couzas que então se viam no mundo, e que elles, pelo costumes de cada dia, não admiravam. O desnatural da instituição só foi revelado pela cultura estrangeira. Povos para os quaes a escravidão seria um perturbador em vez de um fator economico, começavam a condenal-a em nome da razão. Já na Independencia era José Bonifacio, o patriarca, influenciado pela filantropia ingleza.

Filantropia é uma palavra bonita, que exprime puramente uma idéa, uma abstracção de sentimento vago, como essas aspirações remotas de igualdade, de justiça e de paz universal, que são concepções anômalas no homem, ente racional que tem estomago e tem caninos. Prevalece a abstracção excepcionalmente em tipos singulares, raros no tempo e no espaço ; e essa anomalia se imita e se pratica pelo comum das gentes, quando os estomagos já comeram ou não podem comer. Ha para o egoismo da natureza muita maneira de simulação, com que ella, indifferente ou cruel, melhor serve aos seus fins. Generalizam-se as aspirações de igualdade, de justiça, de amor humano e de paz internacional, porque nem todos os homens são igualmente fortes, nem todos os povos podem ter exercitos, nem todos os homens podiam ser senhores de escravos. Intelijencia do interesse, que é a lei dos animais e das couzas. Chamem-lhe os outros de piedade humana; eu lhe chamarei simplesmente de astucia, instinto disfarçado de... carnivoros intelijentes.

Seja como fôr, ella produz o beneficio e o equilibrio geral, porque será sempre dos fracos a maioria na

terra. A filantropia ingleza, pelo prestijio moral da Inglaterra e o temor da sua força guerreira, continuou a sua ação eficaz. Houve a lei de 1831 que aboliu o trafico; o ato de Eusebio de Queiroz em 1850, que lhe deu realidade; e a lei de 28 de Setembro que libertou os nacítuos.

Atos exclusivamente politicos e que não feriam a propriedade efetiva dos senhores, limitavam apenas a faculdade de aquisição, só excluam a posse do que era eventual, possível ou provavel, mas não existente; deviam ser relativamente faceis essas reformas, e entretanto só foram admissiveis e aceitas progressivamente após consideração, estudo e debate.

Cinco anos durou a elaboração da lei de 28 de Setembro; concebido o projeto por São Vicente e submetido á corôa em 1886, discutido no Conselho de Estado em repetidas sessões, só em 1871 foi apresentado ao Parlamento pelo Visconde do Rio Blanco, que o havia entretanto combatido no mesmo Conselho de Estado. Era um vencido convencido, a quem tocava a fortuna de ligar o seu nome a uma lei glorioza. Opuzera-se ao projeto com a prudencia e a elevação de um homem de Estado; aceitou-o mais tarde e se bateu por elle, quando as circumstancias o tornaram oportuno, quando lhe pareceu que as condições do paiz podiam sem inconveniencia sofrer essa reforma liberal. Como a um verdadeiro estadista, era a ponderação, era a razão de Estado que lhe inspirava as convicções e os atos.

Ouviram-se então vozes contrarias de homens

tambem de saber e clarividencia, como a de Olinda e, deixai que vos cite um nome querido e respeitado e que é o meu tambem, o nome de Alencar.

O seu sentimento era generoso; elle seria pela abolição completa, havia-o declarado como aspiração num escrito da adolescencia, — o prefacio ao romance *Contrabandistas* —, confirmára-o na obra literaria da madureza, — o drama *Mãe* —; não obstante, como politico, como delegado da soberania nacional, para quem os destinos da nação devem constituir ~~um~~ encargo de honra, de meditação e de consciencia, reprimiu José de Alencar o seu sentimento pessoal para só atender aos cuidados do paiz. Considerou a situação do presente, pezou as consequencias da lei e, consultando os seus efeitos futuros, combateu o projeto com a sobranceria de quem cumpre um dever que respeita e a integridade de um character que serve lealmente a sua patria. A sua previzão foi talvez pessimista, não por preconceito ou interesse partidario, mas só pela solitudine apreensiva de seu pensamento patriotico e recto. Não profetizava, predizia pela lojica; e não era da previzão humana que a providencia assentaria aqui a sua morada, transformando o Brazil em terra milagroza, onde as surpresas de majica se multiplicam e o determinismo politico e social dezapparece aos caprichos de uma vara de condão.

Não vos lembro estas couzas senão para lembrar a diferença entre as duas fazes do abolicionismo; e como na primeira era o raciocinio esclarecido que preponderava sempre nas rezoluções dos lejisladores.

Ao problema social antepunha-se, como convinha, o problema politico; o respeito ás leis era o principio dominante na maioria dos homens de Estado. Promulgada a lei de 1871, restrinjida como fôra a faculdade de aquizição de escravos adventicios e por nacer, a propriedade escrava não ficava atinjida, continuaria a existir meio seculo, cem anos ou mais, duplamente garantida pela prudencia dos estadistas e pelo prestijio dos donos dos escravos, que eram ainda cerca de dois milhões e representavam o maior capital da industria e uma das maiores fontes de ondê vinha para o paiz grande parte da sua renda, baze do seu governo e da sua independencia. A lei de 1871 parecia aos diretores da nação uma conquista liberal que satisfazia, e conciliava o ideal da justiça humana com as necessidades praticas do paiz.

Até 1879 não appareceu nenhum projeto novo no parlamento brasileiro. Fazia então Joaquim Nabuco a sua estreia politica na Camara dos Deputados, e ao renome de parlamentar brilhante e sedutor que logo alcançou, juntava a fama de ser o renovador da idéa abolicionista. Joaquim Nabuco, porém, era já o homem de pensamento que todos admiramos; o entusiasmo da mocidade não dezalinhava em sofreguidão irrequieta a compostura fidalga do seu espirito. Tinha o temperamento liberal do Senador Nabuco, cultura mais vasta, descortino mais amplo de idéas; seria um continuador da politica do pai com maior eficacia porque tinha maior força de eloquencia. Tudo o qualificava para um propu-

gnador dos mais estrenuos e dos mais justamente reputados e respeitados na campanha abolicionista, que elle emprendia com absoluta fé. Mas seria um lutador de idéa ; já possuia a tolerancia que constitue o traço do seu character gentil e o fundo do seu pensamento elevado e grave. « Quando nos alistámos, diz elle algures, acreditavamos todos nós que a campanha duraria além da nossa vida... » A agitação popular que impoz a abolição, só podia ser a obra de um homem de imaginação vibrante, sentimento impetuoso e sinceridade selvajem. Naquelle tempo era José de Patrocínio. Tinha, além de tudo isso, a eloquencia, já exercitada pelo trabalho quotidiano da imprensa.

Trez anos antes, elle havia contado em verso a melancolia d'A *Revista* dos escravos nas fazendas. Dizia primeiro o alvorecer do domingo, o tanjer alegre do sino para as horas de folga ; a iluzão de liberdade que cantava com as aves e sorria com o sol. Depois a tristeza dos dias de trabalho, o tanjer apressado do sino despertando os escravos para a fadiga e o sofrimento :

.....  
 E levantam-se mudos, taciturnos  
 Os martires sombrios da avareza,  
 .....

.....  
 E vão postar-se em quietação de estatuas  
 Ante o feitor, submissos, alinhados ;  
 Os cães podem latir ante os seus donos  
 Mas elles devem estar sempre calados.

Eis a revista ! um ato de miséria,  
De escarneo e de vileza acerbo mixto,  
E que termina o escravo murmurando  
Junto ao senhor : louvado seja o Christo.

Louvado seja o Christo ! — mas seus labios  
Ensinavam doçura e piedade;  
Não mandavam que o despota chumbasse  
Uma grilheta aos pés da humanidade.

Louvado seja o Christo ! — mas nas sombras  
D'aquella angustia longa e sobrehumana  
Irizava-se um arco de aliança  
Por todo o céu da consciencia humana.

Louvado seja o Christo ! — elle era dôce  
Como aos domingos o romper da aurora;  
Escravo ! não é elle quem sustenta  
O homem torpe e vil que vos explora !

Quando se ha de curar essa medonha  
Chaga hedionda e fatal do cativeiro;  
E ha de o trabalho sacudir os braços  
Lançando dos grilhões os estilhaços  
Lonje dos céos formozos do Cruzeiro ?!

Era ainda a escravidão para José do Patrocínio um tema poetico, em moda naquelles dias; mas estes versos já são como um prenuncio de tormenta.

Havéis de ter sentido em algumas tardes luminosas de verão certa serenidade contrafeita da natureza : vêm crescendo as nuvens; ha um silencio de escuta no espaço, um movimento surdo; e fuzila a centelha e esfuzia a lufada. Foi a iniciativa de Joaquim Nabuco na Camara como a arajem que aglomerasse as nuvens e determinasse o choque. A palavra de Patrocínio foi como a voz da tempestade; a

sua imaginação e o seu sentimento foram todos os ventos, gemendo, rujindo, soprando de Norte a Sul, de Leste a Oeste, varrendo a terra e levantando o turbilhão. Foram vendaval que ameaçava, gritava, sacudia, zurzia, arrebatava; foram o simun africano que trazia a supplica, a saudade, o perfume das florestas, o eco da liberdade do dezerto, a vizão das choupanas nativas, e era a cantiga selvajem, era o sofrimento do libambo, era o banzo e era a revolta. Soprava caricias e fogo no coração do negro e zunia terrivel na consciencia do branco. Houve o espanto, a anciedade, a alucinação, o desgoverno e a loucura. A lei de 13 de Maio de 1888, concebida, apresentada, discutida e promulgada em oito dias, aboliu a escravidão, incondicionalmente, libertando mais de um milhão e quinhentos mil escravos. A abolição foi feita por obra de José do Patrocínio. Foi talvez um erro de politica, foi sem duvida uma violação de direito, mas um erro magnanimo e bendito, uma conquista social glorioza.

Disse-vos que foi esta a obra prima de Patrocínio. Obra genial no seu conjunto. Não a premeditou, foi uma explozão; não a fez com a ordem e a harmonia de plano de uma criação individual, o entusiasmo multiplicou-o, e elle a foi compondo á feição das obras primitivas, que seriam, na architectura, as fabricas ciclopicas, em que a grandeza do todo supre a combinação e o perfeito do traço, na poezia as rapsodias rudes dos barbaros em que o estro e o fervor da inspiração crêa no desconcerto das partes a unidade nacional dos poemas épicos. O trabalho

do talento de um homem pareceu a criação do genio de toda uma raça, e o tempo em que o compoz, apenas dez anos, foi como a parada de um seculo, immobilizado para abranjer a formação daquella obra extraordinaria.

Para fazel-a, José do Patrocínio não imitou nem consultou modelos. São os capitulos della artigos de imprensa diaria, lições de doutrina, sermões de piedade e conselho; são elejias, são odes, são satiras; são conferencias e discursos de improviso, catilinarias, filipicas e panejiricos. Os anos que decorreram, ainda não fizeram esquecer a impressão dessas orações : vibrava e transformava-se o auditorio sob o efeito daquella palavra magnifica. E no entanto não era Patrocínio um orador educado pela retorica. A sua fraze não tinha o ritmo ondulante do pensamento oratorio : era curta, inciziva, de um compasso breve e precipitado como as pulsações do seu coração doente. Alterava-se o timbre da sua voz; perdia a modulação de sopro e estalava, como as notas arrancadas ao metal de instrumentos de corda. Era dezelegante nas atitudes; braços e corpo sacudiam-se em gesticulações dezordenadas. Não subia á tribuna como um ator se apresenta no palco, para pedir os aplauzos da platéa; aparecia como um dominador, como quem faz uma missão em que não reflete, como um oraculo sob a inspiração de um deus oculto. O auditorio não o intimidava. Discursava uma vez em conferencia popular, ao tempo em que os propagandistas da Republica achavam no seu fervor pela campanha abolicionista

um pretexto para atacal-o como dezertor das fileiras republicanas. Havia então partidos, predileções e não raro findavam as conferencias em espectáculo de guerra. Ia Patrocínio fazendo uma exposição comparativa do estado social de varios paizes do mundo, e ao chegar ao nosso, dizia : « O Brazil... » mas deteve a palavra um momento como a coordenar as ideas. Aquella parte do auditorio que lhe queria mal, e era grande parte, entrou a rir, supondo que elle tinha uma inihção mental, ou na propria expressão popular, um carço. « O Brazil... continuou Patrocínio, que somos nós? que somos nós? somos um povo que rí quando devia chorar. » Nesse dia não houve doestos nem luta; a conferencia terminou sob unanimes e ardentes aplauzos.

Sabia excitar a emoção, porque todo elle era emoção. Ao acabar os discursos, ficava exausto e ofegante : o coração mal obedecia á violencia do sangue inflamado pelas exploções dos sentimentos. Por isso não foi mais assiduo na tribuna.

A imprensa não lhe custava tanto sacrificio de saude. Escrevia os artigos com o mesmo entusiasmo, a mesma veemencia, mas o calmo ambiente do seu gabinete de trabalho temperava-lhe os fremitos da inspiração. Escrevia como falava, sem emendar os periodos, sem lhes dar o polido de arte. Não formou um estilo, porque foi um prodigo da riqueza que tinha; faltou-lhe o dom da economia intelectual, a paciencia para esperar a cristalização do pensamento.

Parece-me que em toda a sua obra a consciencia

nunca foi uma colaboradora ativa. Patrocínio era um improvisador; o seu talento tinha fulgurações de relampago, a cintilação e a aspereza de um filão de ouro; não possuía a continuidade de luz dos astros, a simetria e o brilho facetado de um diamante. Não se apagam, porém, as fulgurações do relampago da retina que um dia as sentiu. Ha de guardar a nossa lembrança e ha de ficar na historia literaria deste paiz, o esplendor e a fertilidade daquelle enjenho. A tradição nacional não recorda quem tivesse como elle a faculdade inventiva do epiteto e da metaphora, que exprimia o seu louvor ou a sua desaprovacão. Ha de artigos seus, titulos que valem biografias, metaphoras que gravaram em bronze a fizionomia da sua época, e epitetos terriveis que soaram como o estalar de lategos e bofetadas. Em contacto com as paixões, os interesses e as intrigas da politica, a sua sinceridade foi-lhe arrastando o espirito para a satira pessoal e punjente.

Depois de feita a abolição, Patrocínio podia morrer, e morreria feliz; mas a sorte fez que elle vivesse ainda, para sofrer a sua gloria. Sofreu-a lutando. Conheceram-no todas as cauzas generozas que nos ultimos anos se ajitaram neste paiz. Continuou combatendo sob os insultos, sem esmorecer; foi perseguido pela inquizição na idade-media da nossa republica, fuzilaram-no como malfeitor numa praia, emquanto elle, forajido numa caza de Paula Mattos, ideava o mecanismo de uma aeronave dirijivel. Foi a derradeira preocupação do seu espirito. Aborre-

cida da terra a imaginação pedia o espaço ilimitado do céu. Veiu depois a pobreza, a molestia e a miséria. Hospede na imprensa, onde elle fôra senhor e dono, escrevia ultimamente alguns artigos para não morrer de fome. O coração que o devia matar, foi que o matou, interrompendo uma cronica que elle escrevia para *A Noticia*. Morreu de repente, e foi bem assim, porque já era demais a agonia de alguns anos de abandono e de miséria.

Na imprensa e aqui na Academia elle fica sem substituto. Eu proprio sou a garantia de que a sua cadeira aqui continúa a ser a cadeira de José do Patrocinio. É grande bastante o seu nome para que, á sombra delle e sem perturbal-o, possa um modesto autor de versos esquecer-se da vida, compondo ritmos para as suas alegrias e tristezas. A vossa companhia é uma segurança contra o deza-lento. Não tive outra aspiração quando vim pedir-vos este logar; nem me iludiu a significação da vossa bondade, acolhendo-me sem medir o contraste de valor entre mim e aquelle morto illustre. Qui-zeistes, admitindo-me, ter a vosso lado um representante do nome de José de Alencar; não vieis em mim o continuador do talento do grande romancista, mas vistes que eu tinha e prezava o gosto das letras e a seriedade no cultivo dellas, e pareceu-vos que não era indigno da Academia prestar homenagem á memoria de um escritor brasileiro animando-lhe o filho no sincero esforço e na nobre ambição de servir a sua patria, servindo á sua lingua e ao seu proprio ideal.

Eu não podia ambicionar maior distinção nem maior nobreza do que a honra da vossa companhia, em que está representado o que o pensamento nacional possui de mais alto na poesia, na obra de ficção, na linguística, na crítica, na diplomacia e na eloquência parlamentar. Tomando posse desta cadeira, sinto-me orgulhoso de pertencer a uma instituição a cujos destinos preside a glória, pura e imorredoura, de Machado de Assis.

Senhores, eu vos agradeço cordialmente a indulgência dos vossos sufragios. »

---

## II

# MACHADO DE ASSIS

### PAJINAS DE SAUDADE

---

Comecei a escrever estas pajinas algumas horas antes de morrer Machado de Assis ; retomei-as um mez depois, e pelo tempo adiante, sem outro pensamento que o de fazer falar a saudade. Vão como saíram, um pouco desconexas, conforme é o caracter dellas, de paginas soltas. Não cuidei de escrever sobre a obra do escritor, senão de homem, contando as impressões da nossa convivencia de alguns anos. Era inevitavel por isso falar tambem de mim ; mas estou que o fiz o strictamente necessario e ninguem achará que pretendi pôr-me em realce á conta da lembrança do meu grande amigo.

\*  
\* \*

28 de Setembro de 1908.

Venho da caza de Machado de Assis. Lá estive todo o dia de sabado, hontem e hoje, e agora estou sem animo de continuar a ver-lhe o sofrimento ; tenho receio de assistir ao fim que eu dezejo não tarde. Eu, seu amigo e seu admirador grande, dezejo que elle morra, mas não tenho corajem de o ver

morrer. O meu pensamento está com elle, e escrever sobre elle agora é um modo de acompanhá-lo, de velar carinhosamente a seu lado nos ultimos instantes em que possa ainda aquelle nobre e alto espirito pouzar no frajil corpo trabalhado.

Elle ignora o horrivel mal que o vai devastando; porém sofre; e o que elle temia era o sofrimento fisico, que anula o valor moral, e afeia e entorpece a creatura. Ouvi-lhe uma vez estas palavras ácerca de Arthur de Oliveira: — Levou tempo a morrer de uma molestia grave. Uma molestia grave não se contenta de uma merenda ligeira, á ponta de uma meza; não, ella quer comer sentada e a fartar, e devagarinho, saboreando...

Não lhe perdoou essa ironia o acazo, mestre ou inimigo de ironias. Era fina e justa a imagem, e a sorte para mostrar que o era, deu-lhe uma molestia grave por companheira inseparavel dos seus ultimos dias. Não bastava que elle sofresse na alma; e eu sei quanto elle sofreu, desde que ficou só no mundo, ha cinco anos. Ouvi-lhe as falas intimas e posso afirmar que lhe fiquei conhecendo a feição de bondade que elle trazia talvez velada para o mundo.

Era essencialmente bom e puro, de uma delicadeza e sensibilidade que não podia, por mais que o quizesse, acomodar-se á rudeza das couzas e dos homens. Essa mesma delicadeza e sensibilidade o fez timido e aparentemente fraco, a elle que foi um forte. Contradição da natureza, que tão bem se exprimiu no genial humor de toda a sua obra. Os que só conhecerem o escritor, não adivinharão o

homem, e os que só tiverem lido superficialmente o homem e o escritor, entenderão que houve nelle duas figuras distintas e opostas, que entretanto não eram nem distintas nem opostas, senão uma só figura, que se velava ou descobria voluntariamente, pelo respeito de si mesma e o receio de não parecer sincera, aos olhos dos outros.

A beleza foi a sua inspiradora e guia, a beleza divina, que é a perfeição moral e plastica; repouzada para a attitude que forma a estatua e medida para a eternidade contra a ação do tempo, que é como um vento forte — onde lhe embaraçam o caminho com o excessivo, aí tudo elle abate e destroe. Capaz de ser terno, com abundancia de coração, Machado de Assis escondeu no escritor a ternura do homem, e na intimidade do afeto rezervava a manifestação do seu sentimento á eloquencia do gesto sóbrio. Certa maneira de apertar a mão equivalia nelle a um grito de alma; o seu olhar sabia suprir toda a piedade e simpatia que a voz temia dizer, fujindo á enfaze de convenção ou á palavra banal.

Era por instinto e por estudo um elegante na alma e na intelijencia. Jámais lhe sorpreendi o gosto da maledicencia; mais propenso a dizer e pensar o bem que o mal, não o dizia logo, sem a certeza de o dizer acertado, para não desmoralizar o bem que dissesse. Do mal que pensava, todo ou quazi todo provinha da suspicacia, propria de um tímido e de um experimentado que sabe discernir e raciocinar o sofrimento.

Tinha o espirito forrado de uma filosofia forte,

que lhe dera a propria vida e a cultura. Sabia que o que é, é porque tem de ser. Compreendia a maldade e a bondade, admirava o idealismo da rejeção humana, entendendo a sua inutilidade e inefficacia; não tinha nenhuma forma de religião e admitia e respeitava todas as religiões. Tudo era expressão humana, e não lhe cabia senão olhar e comentar os homens. Não os acuzava, reproduzia-os; e á natureza má opunha o sorrizo inteligente, que é o gesto adequado á beleza, melhor que as lagrimas indiscretas. Era um puro, nobre e grande artista, superior ás modalidades de escolas. Com o decorrer do tempo, agora que vai acabar a presença corporea do escritor, crescerá a admiração da sua obra e ficará para sempre. Valeu-lhe sobretudo, para a fazer tão igual, um gosto instintivo que, dirigindo-lhe a cultura, na mesma cultura se apurou e se firmou, evitando-lhe o erro em pontos de arte e estilo.

\*  
\* \*

30 de Outubro de 1908.

E' morto Machado de Assis. Morreu ha um mez, poucas horas depois de escritas estas linhas com que eu procurava consolar-me da saudade delle. Na manhã seguinte chegou a noticia que eu esperava. A realidade, porém, da morte, posto que prevista, é misterioza e perturbadora. Tive um grande abalo de coração, e o aspeto daquelle querido corpo sem alma entrou-me pelos olhos como a sensação de uma ruina inesperada.

Foi breve o espanto e o atordoamento. A agitação da vida que se faz em torno da morte distrai da visão real. Senti então ainda uma vez como na hora extrema vale a solidariedade humana. Enjenhoza combinação de instintos, intuitos, pensamentos e sentimentos, é esse aconchego de vivos junto ao corpo que viveu. Em presença da morte nenhum vivo tem a cojitação da sua propria morte. Ha uma segurança reciproca de apoio, uma converjencia de atenções para o espetaculo que vai findando, e no intimo de todos fica um estado de consciencia de eternidade individual. E a morte alheia, se a não trouxe a surpresa de um acidente ou o contajio de molestia devastadora, entra na percepção dos assistentes como um ato da mesma vida.

Entre os que assistiam na caza de Machado de Assis e mais lhe recordavam os ditos de espirito, estava Arthur Azevedo. Não me pareceu enfermo, nem elle proprio se julgava um enfermo para viver. A presença da morte não lhe acordou o receio de que elle podia ser atinjido tão breve. Elle e nós todos viamos o espetaculo, e ficava-nos aquella esperança com que Prometheu velou os olhos humanos para não presentirem o proprio fim.

Caido o pano, foram - se atenuando as lembranças da cena e confundindo numa vaga idéa de auzencia. Até hoje não senti ainda nitidamente a morte de Machado de Assis. Junto ao seu cadaver, pouzado na sala da Academia, durante alguns momentos em que fiquei sózinho velando-o, eu a cada instante me voltava como a fixar-lhe o vulto vivo que viesse ao

meu encontro. Durante o enterro não realizei em espirito que fosse elle quem eu acompanhava para o deixar fechado sob a terra. Agora é menos real que antes o seu acabamento. Fóra da certeza da razão, mas ao alcance do meu sentido afetivo, para mim Machado de Assis ainda vive, auzente sim, sem determinação de prazo, mas sem a impossibilidade dolorosa de existir, de reaparecer a meus olhos no conjunto que a natureza lhe deu, animado por aquelle espirito que, não sendo da terra, a terra, a continjencia, a fragilidade das couzas não póde tocar e extinguir.

Entretanto, a iluzão de auzencia temporaria não basta para recompor-lhe a figura; não bastam os seus retratos, ainda o que elle tirou ha dois anos. Alguma couza é fujidia, que aparece nas retinas fechadas ao mundo exterior e logo se desfaz, quando procuro fixal-a. E' então que eu sinto a distancia como é longa e invencivel. Assim é do aspeto corporeo d'elle, e mais é daquella alma, que ainda em vida poucos entenderiam, escondida que elle a trouxe, de vontade ou por modo de ser superior á vontade. Eu mesmo, que lhe mereci nestes ultimos quatro anos tanta confidencia das mais intimas, em horas de sofrimento que não dá ao espirito o vagar e o gosto de vestir-se; eu mesmo não sei se me ficou o conhecimento exato daquella alma exquizita. Nunca a espiei com olhos de observação predisposta; nem é de amigo que se ha de esperar essa pesquisa interesseira de segredos reveladores. A amizade é por essencia despreocupada de atitudes; e a minha foi

de absoluto dezinteresse, sem calculo de nenhuma especie.

\* \* \*

Do nosso primeiro encontro não guardo noticia particular. Era eu ainda menino e já timido; entretanto a lhaneza e modestia do homem desvaneceu o embaraço que eu devia sentir na presença do escritor illustre. Outras vezes que lhe falei, tratou-me sempre com a mesma bondade: e embora eu não lhe frequentasse a companhia, não tive receio de lhe mostrar de uma feita uns versos que hoje sei que não seriam bons. Leu-os complacentemente, fez-me com delicadeza uma observação a respeito da alternancia de rimas agudas e graves e animou-me a publical-os em livro. Não me falava o critico, nem elle o queria ser, senão a pessoa polida e fina e o mestre condescendente, sem orgulho, que se fazia pequeno para não magoar a pequenez do discipulo. Foi esta feição do homem, mais do que o valor do escritor, que gerou a minha simpatia e respeito. Mais tarde, com o amadurecer da razão, entrei a receiar-lhe o julgamento, apesar das suas maneiras delicadas e confiantes, e esquivava-me aos encontros a sós com elle como quem tem a perder em ser ouvido. Admirava o escriptor e temia-lhe a observação. Gostava de vel-o e ouvil-o nas palestras da *Revista Brazileira*, mas nunca me animei a pedir-lhe intimidade. Esta foi elle que m'a deu, afetuoza e completa, inalterada até a sua morte.

Quebrara-lhe o sofrimento da viuvez os habitos

de reserva do espirito, e a solidão creou-lhe a necessidade de alguém que o ouvisse com afeto e lhe entendesse as penas e o confortasse com palavras amigas.

Viamo-nos diariamente; e era habito seu depois das palestras do Garnier acompanhar-me todas as tardes de bonde até ao largo do Machado. Não raro ia ver-me na Secretaria, durante as horas de folga do trabalho, ás vezes antes do trabalho. Aí, como em tudo, notava-se a extrema delicadeza da sua educação. Educação? feitiço de temperamento é que era, que a educação apenas apurou, pois não ha disciplina ou estudo que produza aquelle mixto de finura e de timidez que me espantava a mim, timido entre os tímidos.

Parece-me estar a vel-o apontar á porta do salão da Biblioteca da Camara. Parava indecizo, como que a pedir licença, a pedir desculpa de importunar os raros leitores, que continuavam a ler sem dar pelo vizitante illustre. Entrava pizando pé ante pé, sem fazer ruido, e de lonje acenava-me que não fosse ao seu encontro para não chamar a atenção sobre elle. Antes de sentar-se, indagava se não me ia incomodar, interromper o trabalho. O que o levava ali, era ás vezes uma preocupação de saude, uma queixa do seu mal, para achar conforto, ás vezes uma impressão de noticias do dia, ás vezes couza nenhuma, o simples gosto de conversar.

A preocupação de saude era frequente : ou havia os efeitos de um acesso do mal terrivel ou a iminencia delle. Falava-me como a seu proprio medico,

confiando-me tudo, consultando-me sobre minucias da molestia e o que havia de dizer ao seu facultativo; e era de uma docilidade, extraordinaria num cético, ás minhas opiniões e ás minhas advertencias; deixava-se persuadir e tinha prazer em ficar persuadido.

Custava-lhe mais a rezignação ao sofrimento moral, ao abandono em que o deixou a sorte, matando-lhe a companheira de tantos anos. Falava-me com os olhos velados de lagrimas; eu dava-lhe o conforto que podia, em palavras de afeto sincero, e com a habilidade inspirada por esse afeto ia desviando o seu cuidado para a arte, a outra companheira querida de toda a sua vida. Ao cabo via-o sorrir e sentia o seu agradecimento no aperto de mão com que se despedia.

Nas horas de bom humor, os seus comentarios sobre as noticias ou artigos de jornaes eram, nem podiam deixar de ser, muito interessantes. Não sei de outro leitor mais assiduo de jornais do que foi Machado de Assis; admirava-me que elle tivesse o tempo e o gosto de aplicar a atenção a tanta couza somenos, sem prejudicar a leitura dos grandes autores e o seu proprio trabalho literario. Concordava em que já devia abster-se delles, mas era um vicio de mocidade. O que lhe valia era o metodo de trabalho e a rapidez com que sabia ler.

Pela manhan, bebido o café, escrevia; depois do banho, lia os seus autores passeando pelo gabinete. Finda a tarefa diaria, entregava-se aos jornais antes, durante e depois do almoço e no bonde. Era tempo

suficiente para percorrel-os de ponta a ponta, a *Gazeta de Noticias*, o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, o *Diario Official* e ás quinta-feiras o folhetim do Dr. C. de Laet, no *Jornal do Brazil*. Aborrecia, mas não deixava de ler a « Seção livre » do *Jornal do Commercio*. Dava-lhe tema copiozo para o comentario dos homens. A propozito della, dizia-me como certos costumes e instituições da Europa se modificam e dejeneram no nosso meio. O kiosque, estação de jornaes, aqui baixara á condição de botequim de ultima classe. O « comunica-uos » ainda hoje nos jornais inglezes é de rigor sobre assunto publico. E comparava o redator do jornal a um senhor que está em sua propria caza.

— Lá na Inglaterra o comunicante bate palmas á porta, é recebido ceremoniozamente como vizita que é, dá o seu recado, que o outro escuta com interesse : e retira-se atenciozo e agradecido. Aqui a principio foi mais ou menos assim. Depois veio o abuzo. O sujeito já não batia palmas nem pedia licença : mais tarde começou a entrar de chapéu na cabeça, por ultimo nem mesmo se dirijia ao dono da caza; nem já o levava negócio de interesse geral. Tinha que dizer alguma couza pezada a João Fernandes, e como a caza do jornal dominava a praça publica e elle podia ser melhor ouvido, lá ia elle, de chapéu no alto de cabeça, armado de bengalão, ou de faca ou de revólver, e sem dar o bom dia ao redator, atravessava-lhe a sala, e da janela entrava a gritar ao João Fernandes : o' João Fernandes, tu

és biltre, és ladrão, etc. Quando não ia para a janela namorar uma dama do vizinho.

Era curiozo ouvil-o a exemplificar os varios tipos de comunicantes. Fazia-o com graça, com o humor de espirito fino a que irritava a indiscreção, a falta de gosto, a descompostura dos varios « A pedidos ». Elle era um delicado, a discreção em pessoa, a rezerva exajerada; e não sei como rezistiu tantos anos ao sentimento de repugnancia de meio tão adverso ao seu temperamento.

Imajino o que não teria passado na sua vida de funcionario publico exemplar. Contava Arthur Azevedo que uma vez um interessado em negocio da Secretaria da Industria procurára Machado de Assis para falar sobre o respectivo papel, pendente de sua informação. Machado de Assis disse-lhe o que julgava e era contrario á petição; a pessoa insistiu e, não se conformando á replica, discorreu sobre o assunto. Machado de Assis ouviu-o calado e atento e ao cabo ergueu-se, convidou-o a sentar-se á secretária e, quando o viu sentado, delicadamente lhe disse : — O Sr. diretor tenha a bondade de lavrar o parecer. Só então o pretendente deu pela sua inconveniencia e abalou.

Sem ter o ar distante, ao contrario, sendo afavel, de maneiras quazi humildes, Machado de Assis opunha um polido embaraço á semceremonia, á exuberancia, ao excesso de qualquer natureza no trato pessoal. Desconfiava dos muito amaveis.

Lembro-me agora de uma ocazião em que um velho conhecido seu, dirijindo-se a elle com grandes

gestos e palavras de entusiasmo, de mistura com intimidades brasileiras, entrou a louvar-lhe um livro recente. Elle escutava-o com o ar dezagradado de quem estivesse a ouvir dezaforos. Seguiu o homem o seu caminho, e eu que notára a sinceridade do louvor, disse a Machado a minha impressão, curiozo de entender a sua. Explicou-a numa palavra :

— E' um sujeito derramado. Faz-me mal aos nervos.

O *derramado*, realmente, definia o homem e o contraste dos temperamentos.

Compreendendo a sua suspicacia, creio que jámais o dezagradei pessoalmente, e a isso attribuo o haver mantido inteira a confiança delle e a afeição que me tinha. Essa afeição surprendia-me ás vezes, como em regra me surpreendem todas as afeições que tenho a ventura de merecer. Analizo-as, busco-lhes a razão de orijem, não acho em mim qualidades que as valham, e acabo sempre receiando perdê-las, porque as tenho como mera generosidade de bons corações iludidos por impressão passageira. A que elle me tinha, cheguei a concluir que nacera da afinidade do meu temperamento com o seu na feição principal da timidez doentia. Não alimentei o engano presunçozo de uma afinidade intelectual; posto que me acercasse delle a principio, por admiração do escritor, e aprendendo com elle, afeiçoasse o meu gosto ao seu, pareceu-me sempre que não era o atrativo literario que elle buscava na minha conversa. Eu era apenas um interlocutor

pronto a escutal-o com amizade inteligente, capaz de interromper-lhe a solidão moral, dolorosa. E a esse beneficio que eu lhe dava, retribuia-me com todo o seu coração agradecido.

O proprio fato da minha candidatura á Academia Brasileira, é assim que eu o explico por um movimento de amizade generosa.

Tendo assistido aos preliminares da fundação da Academia, não me ocorrera nem o dezejo nem a idéa de associar-me a ella. Rezolvida a fundação, propozitadamente me auzentei do escritorio da *Revista Brasileira*, onde se reuniam os fundadores, e não extranhei, não demorei o espirito um momento em notar, que não se tivessem lembrado de mim. Julgava-me, como ainda hoje, um aprendiz de litteratura, com muitas esperanças, a cada passo abaladas e quazi desfeitas pela duvida de mim mesmo. A responsabilidade individual me era já pezada; e o meu amor proprio soffria da desproporção dos meus esforços com a minha escassa produção, fragmentada, interrompida e imperfeita. Conciente do que ella valia, eu estava izento de susceptibilidades e pude sem constranjimento voltar a ser assiduo á *Revista Brasileira* e assistir, então e mais tarde, como camarada, aos trabalhos da *Academia*. A minha attitude não denunciava o interesse de aproveitar a simpatia pessoal, que me dispensavam quazi que todos os academicos. E, assim, passei alguns anos e passaria o resto de minha vida, sem pretender um logar nessa associação, a que me honro hoje de pertencer.

No dia em que faleceu José do Patrocínio, conversávamos, como de costume, no Garnier, e eu tendo lido a noticia, disse naturalmente, lamentando a morte do escritor : Mais uma vaga na Academia! Retirando-nos pouco depois, Machado de Assis perguntou-me : Por que não se apresenta candidato? — A que, Sr. Machado? — A' Academia. — Eu? A' Academia?

O meu espanto deixou-me aturdido. Não lhe entendia a pergunta nem a intenção. Zombaria não era, porque o seu ar não era zombeteiro nem eu lhe merecia a dezafeição de uma ironia. Cuidei que elle houvesse interpretado a minha frase como a expressão disfarçada de um antigo desejo. Disse-lhe, então, claramente que não dezejava pertencer á Academia, posto que a prezasse muito. Não possuia uma obra que me qualificasse dignamente para candidato. Não faltariam outros mais capazes. E acrecia a razão principal da minha timidez, que não suportava a responsabilidade de uma obra futura, á qual eu me obrigaria solicitando um logar entre os homens de letras de maior renome. Respondeu-me que essa razão ao contrario aconselhava a apresentar-me. Como timido que era, sabia o valor dessa responsabilidade, que eu precisava contrair para vencer pelo trabalho a duvida do meu espirito.

Teimei na recusa. Mas o meu bom amigo não se deixou convencer das minhas alegações, e durante dois mezes insistiu comigo. Ia terminar o prazo da inscrição e eu contava com o esquecimento delle para esquivar-me á obrigação penosa. Na manhan

do ultimo dia, porém, Machado de Assis foi á Secretaria do Interior, onde eu trabalhava, e interpelou-me sobre aquelle assunto. Quiz recuzar ainda, mas a sua fisionomia revelou-me o seu desgosto e nas suas palavras senti um pouco de irritação. Receei mágoal-o e declarei-lhe que me apresentava, mas que elle teria a responsabilidade do futuro academico. Advertiu-me ainda que era o ultimo dia da inscrição, e saiu com a promessa de receber á tarde a minha carta de apresentação. Horas depois appareceu-me o nosso amigo João Ribeiro, a quem elle, desconfiado da minha palavra, pedira que me obtivesse a carta.

Assim me apresentei candidato á Academia, para sofrer, com a minha eleição, a sinceridade de tanta gente que me negou tudo, amesquinhado-me a produção literaria. Essa critica não me doeu, pois não me dizia mal que eu já não sentisse. Quem mais se magoou della foi o meu saudozo amigo e ouvi-lhe então palavras de espontaneo conforto. Elle, em verdade, era o culpado de me terem eleito academico; e estou certo ainda agora que o foi por fraqueza, por bondade de coração. Se houvesse subordinado a escolha ao juizo do seu espirito justo e esclarecido, estou que lhe bastaria qualquer dos outros candidatos. A sua preferencia obedeceu a um impulso de alma boa : e supondo fazer-me bem, e servir num certo sentido á corporação que prezava muito, quebrou a sua rezerva habitual, venceu a sua timidez, e cazo sem exemplo em toda sua vida — fez-se até cabalista eleitoral na Academia.

Haverá quem me argua de vaidoso no recordar esse ato de Machado de Assis. Havia motivo para o ser, mas se o lembrei foi no puro intento de revelar a sua feição menos conhecida : a capacidade afetiva do seu coração, sensível e grato ás demonstrações da amizade.

\* \* \*

*Memorial de Ayres*, o ultimo livro delle, tem muito de auto-biografico, e é talvez por isso o unico dos seus livros em que a observação do romancista reduziu ao minimo a maldade do mundo. O seu sentimento pessoal está repartido entre Ayres e Aguiar; e a espoza deste, D. Carmo, é a reprodução da companheira querida da sua existencia.

Não era difficil reconhecê-lo aos intimos da caza ou a quem tivesse merecido de Machado de Assis as confidencias do seu coração viuvo. A saudade da espoza era nelle intensa e viva, e durou até o ultimo instante do seu espirito. Costumava repetir-me o que ouvira a uma amiga de D. Carolina, que era dezejo della sobreviver ao marido. A abnegação deste sentimento elle a comprehendia em toda a sua extensão, e contando-o tinha sempre os olhos molhados de lagrimas.

Continuava na viuvez a existencia de cazado, com os mesmos habitos, como se a pessoa della prezidisse ainda ao governo da caza. Ajudava a iluzão, no que respeitava ao arranjo material, a intelijente dedicação de uma criada antiga. Não se deslocou um movel em toda a caza; nos apozentos da morta o

toilette e o lavatorio ficaram sempre como eram ao tempo della, com as toalhas e panos bordados ou feitos por suas mãos : na sala de jantar estava no mesmo sitio a cadeira de balanço de dois assentos opostos, na qual os dois velhos, como o casal Aguiar, passavam conversando as horas do convívio a sós : e á meza a boa criada teve o cuidado de dispor os pratos de modo a parecer que a dona ainda ocupava o seu logar á cabeceira; Machado de Assis teve no primeiro momento uma forte emoção, entendeu a delicadeza da criada e ficou-lhe grato. Ella efetivamente obedecia ainda ás ordens e ás normas da dona auzente, e prevalecia-se disso para vencer alguma reluctancia do escritor ao rejimen que a senhora estabelecera por hijiene delle. Machado de Assis aborrecia o leite, mas a senhora conseguira carinhosamente substituil-o ao chá da noite, de que elle gostava e abuzava. Esse habito continuou, porque a criada lh'o foi dar a primeira noite lembrando que era como queria a sua ama.

E, assim, tudo o mais na caza, e tudo ali procurava disfarçar a solidão que deixára a auzencia insuprivel da dona. O mesmo exemplar de *Esau e Jacob* que ella começára a lèr e interrompera ao peiorar a molestia, era conservado como reliquia, com a marca na pajina interrompida.

A alma relijioza de Machado de Assis achára, emfim, na dôr da saudade a fórma de uma relijião. Os quatro anos ultimos da sua vida foram dedicados ao culto da espoza. Ignoro se rezava, mas valia a melhor das orações a concentraçãõ do seu espirito

nas primeiras horas do domingo que elle passava junto ao tumulto querido. Não havia mau tempo que o demovesse da piedosa vizita semanal; voltava aliviado, como os crentes depois de ouvida a missa. Vivia no seu coração a imagem da companheira morta e era natural que ella vivesse tambem na sua obra literaria.

O primeiro livro que publicou então, *Reliquias de Casa Velha*, coleção de paginas antigas, trouxe a dedicatória deliciosa, que vem a proposito reproduzir :

#### A CAROLINA

Querida, ao pé do leito derradeiro,  
Em que descansas dessa longa vida;  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquelle afeto verdadeiro  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existencia apeteçada  
E num recanto poz o mundo inteiro.

Trago-te flores, restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados,

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.

No outro livro, *Memorial do Ayres*, todo escrito durante a viuvez, era ella a principal figura, como era a principal preocupação da alma do escritor.

Tive noticia do livro antes de ser entregue ao prélo. Era a primeira exceção á demaziada reserva com que de todos ocultava os seus projetos literarios. E' que elle presentia a morte e receiava não acabar o trabalho ou, acabando, não poder revel-o. Confiava neste ultimo cazo o cuidado de revizão aos seus amigos José Verissimo, Graça Aranha, Magalhães de Azeredo (se aqui estivesse) e a mim. Chegou-lhe a vida para rever as provas ; reviu-as, e não sei com que pensamento, deu-m'as para lèr. Era a maior prova da sua afeição e estima, e aqui, sim, dizendo-o, eu cedo a um movimento de justo orgulho e satisfação. Devolvi-lh'as com uma carta a que elle respondeu com esta, de 22 de Dezembro de 1907 :

« Meu querido amigo. — Confiando-lhe a leitura do meu proximo livro, antes de ninguem, correspon-di ao sentimento de simpatia que sempre me manifestou, e em mim sempre existiu sem quebra ou interrupção de um dia ; não ha que agradecer este ato. Queria a impressão direta e primeira do seu espirito culto, embora certo de que aquelle mesmo sentimento o predispunha á boa vontade.

Assim foi ; a carta que me mandou respira toda um entusiasmo que estava lonje de merecer, mas é sincera, e mostrou que me leu com alma. Foi tam-bem por isso que achou o modelo intimo de uma das pessoas do livro, que eu busquei fazer completa, sem designação particular, nem outra evidencia que a da verdade humana.

Repito o que lhe disse verbalmente, meu querido Mario ; creio que este será o ultimo livro ; faltam-me

forças e olhos para outros; além disso, o tempo é escasso e o trabalho lento. Vou devolver as provas ao editor e aguardar a publicação do meu *Memorial de Ayres*.

Adeus, meu querido Mario, ainda uma vez agradeço a sua boa amizade ao pobre e velho amigo *Machado de Assis*.»

Em outra carta, de 8 de Fevereiro de 1908, escrevia-me para a Tijuca, onde eu permanecia de verão :

«... sobre o meu livro, nada; talvez na semana proxima venha resposta, e diz o Lansac que, provavelmente, o livro chegará em meiado de Março; espero. Aproveito a ocazião para lhe recomendar muito que, a respeito do modelo de Carmo, nada confie a ninguem; fica entre nós dois. Aqui ha dias uma senhora e um rapaz disseram-me ter ouvido que eu estava *publicando* um livro; elle emendou para *escrevendo*; eu neguei uma e outra couza. Pouco antes em um grupo no Garnier, perguntando-me alguem se tinha alguma couza no prélo, outro alguem respondeu : « Tem, tem... » Podia ser conjectura, mas podia tambem ser noticia. Talvez não valha a pena tanto silencio da parte do autor. »

Podia parecer que fôra eu o divulgador da noticia do livro, disse-lh'o afirmando o meu silencio a respeito da publicação. Escreveu-me então em outra carta :

« Esta (a minha carta) é quazi toda de explicações e mostra a impressão que lhe deu a minha ácerca do *Memorial de Ayres*. Agradeço-lh'as, mas não valia a pena, já porque a divulgação não viria de sua parte,

já porque, dado viesse, seria ainda um sinal da afeição que me tem. Não, meu querido Mario, o que lhe contei na ultima carta fil-o por lhe confiar estes incidentes, e foi bem que o fizesse, visto o que me recordou agora desde a minha resposta ao Pinheiro Machado, até ás confidencias ao Graça e ao José Verissimo. Quer saber? Na mesma data da sua carta (20) comuniquei ao José Verissimo a noticia do livro, como se fosse inteiramente nova; é certo que elle não se deu por achado. Acrecentei-lhe a primeira idéa de confiar aos quatro (o Magalhães de Azeredo não podia entrar por estar em Roma), a publicação de manuscrito, cazo eu viesse a falecer. Repita tudo isso comsigo e diga-me se ha nada mais indiscreto que um autor, ainda quasi septuajenario como eu. E diga-me tambem, pois que leu as provas, se o livro vale tantas cautelas e resguardos.»

Chegou-lhe ainda a vida para receber e reler o livro, e ouvir a impressão do publico. Perdurava, entretanto, o presentimento da morte proxima, e tinha agora em que fundal-o, pois, além do seu mal antigo, vieram outros e graves que lhe amarguraram muito os trez ultimos mezes. Sofria sempre, e a ponto que já se deixava ficar em caza, durante o dia; e isto era um real sacrificio para elle que fugia á solidão e ao silencio.

Costumava então repetir a sós, e ás vezes recitava-m'o, o *Mal secreto* de Raymundo Corrêa. Quadrava o sentimento dos versos ao estado do seu espirito; e ouvi-lhe que era um dos sonetos mais belos da lin-

gua portugueza. Compreendia-o agora como era verdadeiro e profundo.

Tudo conspirava contra elle no final da vida; a molestia fazia maior a solidão e, obrigado a permanecer em caza, sentia-se num meio hostil, porque a antiga empregada já o havia deixado e as novas elle desconfiava dellas, e não se rezolvia a ajir com receio de que fosse peor. O refugio do espirito tambem lhe começava a faltar. Previa não ter força para um novo trabalho, nem o estímulo, pois em torno do seu livro se fazia um silencio ingrato na imprensa. Eu procurava reanimal-o, e inventava razões para explicar a falta de apreciação ou mesmo de noticias sobre o *Memorial de Ayres*. Com as minhas palavras levava-lhe algum consolo. Escrevia-me em 20 de Julho :

« Muito obrigado tambem pelo que me diz do livro. Aguardo o seu artigo amanha; não escrevo mais por cauza dos olhos, mas, sempre ha vista para acrecentar que os seus carinhos me vão animando neste final de vida.»

Em outra carta de 1 de Agosto :

« Muito obrigado pelas boas novas. Vou ler o artigo do Alcindo e escrevo esta para não demorar a resposta. Folgo de saber o que o Felix e o João Luso lhe disseram, e ainda bem que o livro agrada. Como é definitivamente o meu ultimo, não quizera declinio. O seu cuidado, porém, mandando uma boa palavra a esta solidão é um realce mais e fala ao coração.»

Por esse tempo, agravando-se-lhe o mal, faltava-me o animo de ir mais frequentemente vizital-o. Mas

ia vel-o sempre que podia, e Deus sabe com que angustia de espirito, com que pavor doentio, proprio dos meus nervos, e de quem já o assistira em crises agudas, que pareciam trazer o desfecho daquella vida precioza. Machado de Assis conhecia o meu estado e entendia que o meu interesse de amigo fôra permanecer o maior tempo possivel a seu lado, se m'o permitira a saude. Quando não ia vel-o ou não o tinha visto na cidade, vizitava-o por carta. Alguns trechos dos seus bilhetes de resposta são muito significativos : «Estou passando a noite a jogar paciencias; o dia passei-o a reler a « Oração sobre a Acropole » e um livro de « Schopenhauer ». « Meu querido amigo, hoje, á tarde reli uma pajina da biografia de Flaubert; achei a mesma solidão e tristeza, e, até o mesmo mal, como sabe, o outro... » « Aqui estou em silencio, e a sua carta valeu por gente... »

Um dos seus grandes sentimentos, nesses ultimos dias, foi o que elle proprio chamou no *Memorial, de orfandade ás avessas*. Chegava a não entender mais o pensamento derradeiro de *Braz Cubas*, e tinha saudade dos filhos que não tivera. Sentia, e não se vexava de confessal-a, inveja de quem os havia, não importava em que numero. O essencial, o bom era tel-os, para a animação e consolo da vida, particularmente da de um solitario como elle de alma e corpo. Amava as crianças, e ha pajinas que o revelam no *Memorial*, posto que sabia que tambem a maldade se aninha ou já vem formada no coração das crianças. O que em outra época lhe havia mere-

cido a critica, parecia-lhe agora desculpavel e amavel. Era de ver o gosto com que acariciava os pequeninos. Sei que fazem sofrer os pais, dizia-me, mas, o bem que dão compensa todos os sacrificios. E escrevia-me que os carinhos de mãe, esposa e filhos eram o melhor viatico para a saude.

Tinha razão e não tinha. Nada é absoluto, e eu refletia sem dizer-lh'o, que os filhos, se podiam, se haviam de ser o consolo da sua velhice, podiam ter sido um tropeço ao escritor nos primeiros tempos da sua vida. Penso que sim. Elle fôra feliz, relativamente feliz, durante trinta e poucos anos de cazado. Era modesto, a esposa tambem, e os recursos do emprego chegavam para assegurar o ambiente confortavel em que elle veiu compondo as suas obras. Que fôra, porém, se a natureza lhe dêsse pouco depois do cazamento a alegria turbulenta dos filhos? Como o pai, doente e apreensivo, suportaria os pavores das molestias dos pequeninos; e cuidaria do futuro delles? e como havia de aumentar os recursos da subsistencia? Seria um pai carinhozo e dedicado e acrecentaria os seus bens para alimentar-os e educal-os; mas o escritor seria vencido e sacrificado pelo pai, e a literatura brasileira não possuiria talvez as melhores obras que elle deixou, concebidas e escritas com o vagar e o amor da arte, num meio tranquilo, no qual a presença da esposa inteligente lhe serviu de abrigo contra todas as importunações e *embaraços da vida material*.

Sim, foi um bem para elle não ter sido pai. No momento em que os filhos lhe deviam ser indispen-

saveis, houve carinhosas creaturas que lhes suprimam a falta. Fui testemunha da ternura filial com que o acompanharam, durante a molestia, velando-o dia e noite. Não lhe faltavam tambem os amigos : e ás ultimas horas vieram outros, novos e velhos, e o seu enterro foi uma glorificação.

Elle não podia, cazo houvesse orgulho excessivo, prever que deixaria assim a vida. Se o pudesse, não sei se acharia ainda aí o contentamento do espirito. A suspicacia roera-lhe o cerne; e a observação do mundo, com aquelles olhos agudos de romancista, tirara-lhe o prazer da ilusão. Elle discerniria, antecipando o tempo, na multidão dos homens os traços humanos que os diferenciam, os gestos que inculcam a natureza do sentimento, as palavras que traem as intenções; mas, que nós outros não discernimos nem analizamos, nem comparamos, nem entendemos, e por isso nos contentam e nos bastam para a alegria de viver. E ainda bem que é assim. Para que distinguir o mau do bom? e onde ha o mau e onde ha o bom, distintamente? A vida é já em si mesma o sofrimento; é um fruto amargo, a que a continuidade do habito faz esquecer o amargor; e o amargor que se não sente é como se fosse doce. Felizes os que o gostam sem a curiosidade de achar-lhe o travo. Machado de Assis não teve essa ventura; provou-o até ao fim, adivinhando-o e creando-o onde elle podia deixar de estar. Valeu-lhe isso a gloria, é certo; mas o que me está na lembrança é o homem, e eu vacilo em ambicionar tamanha gloria em troca do que ella lhe valeu. Ao pé da morte, doia-lhe a

saudade da vida e elle não tinha corajem de viver. Não sentia a duvida de Hamlet; não tinha as afeições que justificassem o gosto do sofrimento; mas faltava-lhe o essencial, que o seu genio ajudou a perder para sempre, a doce iluzão, que vive de esperança e de sonho, a boa iluzão que faz amar os homens, que faz prézar a vida, absolutamente, como um dom dos deuzes e a serviço dos deuzes.

---

### III

## EZAÚ E JACOB

---

De um livro de Machado de Assis não se deve dizer apenas que é bom, porque fôra ser superfluo ; nem dizer que é banal ou ruim, para se não negar a luz do sol. Que hei de afirmar então deste ultimo livro, *Ezaú e Jacob*? Direi que é melhor do que *Don Casmurro*, como este é melhor do que *Quincas Borba*, e *Quincas Borba* é melhor do que *Braz Cubas*. Acrescentando que *Braz Cubas* é admiravel e otimo, terei dito de certo modo, incompletamente e por circumloquio, a impressão que tive de *Ezaú e Jacob*. A lingua não me ajuda a traduzir o meu pensamento sobre a feitura e as idéas do livro ; menos ainda as sensações que me produziram no correr das pajinas. Lembro-me e confesso que ri tres vezes, com um gosto tão forte, que a rizada me surpreendeu e espantou ; e que duas vezes tive os olhos cheios de lagrimas e o coração apertado, como se eu estivesse, no livro ou na realidade, vendo morrer aquellas duas senhoras que morrem nelle, uma formosa e moça, amada e amante inexplicavel de dois formozos gemeos, outra já não moça, mas ainda formosa, boa e pura, que era a mãe delles. As outras

sensações são agora confuzas, multiplas e varias, intensas, mas confuzas como as sensações da vida. E' particularmente por esta feição que o livro me domina : pela superior, pela absoluta reprodução ou idealização da vida humana, a ponto que, lendo-o, eu não estava lendo, mas vivendo entre os personajens d'elle, no passado e no prezente, desde um tempo que eu não conheci, entre costumes que se foram, até aos dias de agora, com todos os nossos uzos, as nossas couzas e pessoas, com os seus feitios proprios, que eu não tinha notado antes porque não possuo os olhos agudos e perspicazes do autor.

Quando fechei o livro, foi como se saísse da realidade, do mundo em que moro, e tive pena de que a iluzão não continuasse sempre ou por muito tempo ainda. Não que a realidade do livro fosse mais alegre do que esta ou menos triste. Ao contrario, ali a tristeza é viva, os contrastes mais profundos, como acontece nos quadros, em que o crepusculo não corre tanto como na natureza, e ha de se perpetuar com as suas sombras e luzes pela força e pela mesma condição da arte humana. Sem sair da verosimilança e da verdade, o autor pôde juntar no livro o que anda espalhado na cidade e no tempo, ou apagado e indistinto no turbilhão das couzas e dos fatos.

Disse já que ri e chorei e tive outras sensações, confuzas, de curiozidade, de espanto, de desgosto, de amor, de pena, de socego e de tumulto; mas duas ficaram sobre a confuzão das outras : a de admiração pelo autor e a da antiga descrença da vida, cepticismo brando e doce, porque a curiozidade do

espetaculo ampliou a vizão de mim para o mundo; mas ao mesmo tempo cepticismo forte, porque a vizão do autor mais intensa que a minha desvendou novas impiedades da natureza, mãe e madраста nossa; nossa eterna inimiga e consoladora unica.

E ainda não lhes contei o enredo do livro. Como lhes hei de contar? Nada ha de extranho nelle, como mortes e crimes; nem ha nada banal, como o adulterio. Quazi todos os personajens são boa gente, alguns otimos, um superiormente sagaz e letrado, o Conselheiro Ayres, diplomata apozentado, sempre cordato, cheio de bom senso, capaz de afeição, olhando a vida com o interesse moderado, para não se deixar arrastar pelos outros, mas bastante para entreter as horas vadias com as observações do mundo, que elle ia rejistrando, entre virgulas de fina filozofia, num diario do lembranças. Foi desse diario, a que o Conselheiro chamára *Memorial*, que o autor depois da morte delle foi buscar a materia, gente e atos, com que fez *Esau e Jacob*. O tempo do livro vem de 1869 até 1901, mais de um quartel do seculo e já inicio de outro. Começa com uma consulta de Natividade, formozza mãe de dois gemeos, Pedro e Paulo, a uma cabocla do Castello, que era famoza nos seus dias, 1871, pelas muitas profecias que fazia na linguagem dobrada dos oraculos, que como o da Pythia contentava sempre á verdade do futuro, pelo incerto e vago das palavras. Natividade, mãe recente e carinhoza, dezeja conhecer a sorte dos filhos. A cabocla prediz que serão grandes; em que? não sabe, *couzas futuras*; grandes

embora brigassem antes de nacer; mas haviam de ser grandes, grandes — *couzas futuras...* (Lê ou relê esse capitolo : a arte da escrita não o produziu melhor no genero.) Compreende-se a duvida, os receios, mas por fim o entusiasmo materno, pelo futuro daquelles dois filhos que vão ser grandes, que ella vae criar para serem gloriosos, com a sua solicitude infinita, com os seus mil cuidados multiplicados, quer vel-os vitoriosos na vida, sem a emulação entre si, numa harmonia e amizade fraternal, e não só fraternal, mas de gemeos, filhos do mesmo amor, da mesma concepção, do mesmo parto, da mesma bençã e saudados pela mesma profecia. Mas a aluzão da cabocla á briga uterina era a sombra dessa esperança e foi a palavra verdadeira da profecia. Os dois gemeos, Pedro e Paulo, aprenderam a falar para contrariar-se : eram contrastes vivos Esaú e Jacob. Não havia a ambição da primogenitura, porque o amor de mãi era igual e a fortuna do pai era tambem igual para os dois. O cajado de Isaac e os seus rebanhos eram aqui ações de companhias diviziveis e subdiviziveis. Os genios é que eram deziguaes e insubmissos : na meninice os murros, na adolescencia a contrariedade de opiniões politicas — um republicano, outro monarquista ; e em todas as idades, todos os dias, a natureza, com a sua força invencivel, rezistente aos conselhos e á educação, e a sua perversa ironia de indiferente e eterna. O unico sentimento acorde e irmão que houve entre os gemeos, a natureza o creou justamente para separal-os mais, para que elles se des-

irmanassem e se odiassem : foi o amor de Flora, filha unica, moça formosa e boa, mas inexplicavel, no parecer do Conselheiro Ayres. Pedro e Paulo amam Flora, e Flora ama os dois, sem preferencia, porque ambos são um só no fisico, e as proprias diferenças moraes agradam a ella igualmente. Em presença de um, tem saudades do outro e não ama menos o que está presente. Pedro é estudante de medicina aqui no Rio. Paulo é estudante de direito em S. Paulo; as auzencias deste não dão vantagem a Pedro, nem as impressões da volta de Paulo, fazem minguar o valor de permanencia de Pedro. Inexplicavel este duplo amor : duplo ou unico? Inexplicavel, afirmava o Conselheiro Ayres. Tão inexplicavel que não diminuiu, não pendeu nem para um nem para outro, e levou a dona delle ao cemiterio. Os gêmeos continuavam a amal-a atravez do marmore, com o mesmo egoismo, que se tornou motivo de odio, apesar do ajuste feito no dia da morte de Flora. Ella que fôra a cauza da discussão, emquanto viva, devia unil-os pela sua memoria, depois de morta.

Mas o culto dessa memoria é que os apartava um do outro mais e mais, até que o tempo... O tempo fez que mudasse a politica delles : Pedro, o monarquista, depois da Republica, era republicano conservador, satisfeito com a Constituição e com tudo mais ; Paulo, o republicano historico, pensava que esta não era a republica dos seus sonhos.

O que não impedia que elle como Pedro fosse eleito deputado. Natividade teve antes de morrer a

confirmação do oraculo da cabocla : viu-os a ambos no mesmo dia tomar assento na Camara, embora eleitos por partidos contrarios.

A morte não permitiu que ella os visse maiores no futuro, mas foi pretexto para a reconciliação temporaria dos dois, pedida e instada por ella no leito mortuario, e jurada por elles, entre lagrimas de ternura e de dor. A natureza que os viu chorar foi ironica : concedeu a tregoa e os fez segunda vez gemeos, no gosto, nos habitos, na companhia, em tudo, para se rir depois, irmanando-os na repugnancia e no odio, quando passou a lembrança do juramento e da morte de Natividade. Tudo passa com o tempo ; mas aquella briga uterina continuou na adolescencia e na madureza, e perduraria na velhice, se o autor não fechasse o livro de Esaú e Jacob... Fechou-o com um comentario sobre a dezavença dos irmãos, depois daquella fraternidade efemera, fruto daquelle juramente feito junto ao leito de Natividade e que os extranhos ignoravam. O que era a propria essencia delles parecia aos outros um acidente de ultima hora, e um deputado que o havia notado, queria conhecer-lhe a cauza e perguntava ao Conselheiro Ayres :

« — O senhor, que se dá com elles, diga-me o que é que os fez mudar.

— Mudar? Não mudaram nada : são os mesmos.

— Os mesmos?

— Sim, são os mesmos.

— Não é possível.

Tinham acabado o almoço. O deputado subiu ao quarto para se compôr de todo. Ayres foi esperal-o á porta da rua. Quando o deputado deceu, vinha com um achado nos olhos.

— Ora espere, não será... Quem sabe se não será a herança de mãe que os mudou? Póde ter sido a herança, questões de inventario...

Ayres sabia que não era a herança, mas não quiz repetir que elles eram os mesmos, desde o utero. Preferiu aceitar a hipoteze, para evitar debate, e saiu apalpando a botoeira, onde viçava a mesma flôr eterna. »

Assim acaba o livro.

Contei-lhes o enredo; receio não lhes ter contado quasi nada. Nem poderia. Fôra preciso repetir-lhes as pajinas uma por uma, as linhas uma por uma; porque nada se póde perder nelle, nada é nelle banal. Ha muitos epizodios, mas nenhum que não tenha a sua significação profunda, desde a nota de dois mil réis que o andador tira ás almas do purgatorio até a taboleta da *confeitaria do imperio*. Dezisto de citar: quem se não poupou de ler-me, vá gozar o livro, lendo ou relendo-o, que elle não é desses que fatiguem ou satisfaçam no primeiro conhecimento. E' preciso conversar mais vezes com a cabocla Barbara, com o mestre Placido, com o lojista da Carioca, com o oportunismo do Dr. Baptista e a irrequieta ambição de D. Claudia, e a mansa e boa D. Rita, e o capitalista Nobrega, que começou irmão das almas. São elles que fazem a cidade do livro, o carater do tempo, e apezar disso a universalidade da obra, porque lhe dão o cunho verdadeiramente humano, que é o mesmo aqui como em Roma e em Paris e em Maricá.

Nessa feição superior *Esau e Jacob* não variou dos outros livros de Machado de Assis : ella é a característica de todos elles e do proprio temperamento do escritor. A razão e a intenção de sua obra póde-se dizer, como em outro sentido da filozofia de Socrates, que é a maieutica das almas. No filozof grego tudo era motivo para especulação em busca da verdade divina e derradeira : neste escritor brasileiro tudo é pretexto para desvendar a verdade intima dos homens, velada pelas apparencias do mundo.

Pretexto, mas não cauza unica ou principal : a cauza principal é o proprio enjenho d'elle, o gosto, o talento eximio de narrador perfeito. E este, que já o era nos livros anteriores, e parecia ter chegado á culminancia do seu desenvolvimento, continuou a crescer e veiu em *Esau e Jacob* mostrar-se superior a si mesmo : daí a differença do livro na sua feitura, que representa o equilibrio conciente a que deve aspirar toda a obra de arte. A critica no estudo deste escritor tem procurado firmar a filiação do seu espirito, dando-o como um produto legitimo ou espurio da influencia dos humoristas inglezes. Não serei eu que o conteste, porque não sou critico nem tenho gosto para genealogias intellectuaes. Mas se é força comparar para esclarecer o pensamento, eu prefiro confrontal-o quanto ao estilo com os escritores gregos. Não direi que é atico para não repetir o que está deturpado pelo abuzo da qualificação. Prezo-me de haver lido e ler ainda um pouquinho dos escritos gregos, e á minha memoria não ocorre outro

paralelo para o estilo e feitura de *Esaú e Jacob*. Ponham-lhe a diferença da lingua e dos seculos, e haverá pajinas que podiam ter sido concebidos por Homero, pelos trajicos e particularmente por aquelle ultimo gloriozo da decadencia, que foi Luciano. Equilibrio conciente e perfeito. Lessing, no estudo celebre sobre Laocoonte, cita para exemplo da perfeição da poezia e ao mesmo tempo de sua diferença da pintura alguns versos em que Homero descreve a beleza de Helena :

« Priamo, Panthoo, Thymoîtês, Lampo, Klytio e Hiketaôn, da estirpe de Arês, e Oukelegôn e Antenor, sapientissimos ambos, estavam sentados, velhos veneraveis, em cima das portas Skaias. Pela velhice já se abstinham da guerra; mas eram bons oradores, e eram semelhantes ás cigarras que, dentro da mata, pouzadas nas arvores, elevam a voz melodioza. Taes eram elles, os principes dos Troyanos, sentados ali sobre a torre. E quando avistaram Helena, que para a torre se dirijia, elles brandamente entre si murmuravam estas palavras aladas :

— Em verdade, não é de indignar que por tal mulher os Troyanos e os Acheus de belas cnemides sofram tanto, e desde tanto tempo, porque ella se assemelha muito pelo aspeto ás deuzas imortaes. Mas mesmo assim, bonita como ella é, que se vá embora nos navios delles e que não nos deixe a nós e aos nossos filhos uma lembrança doloroza. »

Nos livros de Machado de Assis eu respigaria varias pajinas equivalentes áquelles versos pelo efeito e pela sabedoria da feitura ; em *Esaú e Jacob*, mais que nos outros ; e não me privo de exemplificar : é do Capitulo CVI, a que o autor chamou *Ambos quaes?* Descreve-se a morte de Flora.

« ... Flora ainda vivia.

— Mamã, a senhora está mais triste hoje que estes dias.

— Não fales tanto, minha filha, acudiu D. Claudia. Triste estou sempre que adoeces. Fica boa e verás.

— Fica, fica boa, interveiu Natividade. Eu, em moça, tive uma doença igual que me prostrou por duas semanas, até que me levantei, quando já ninguém esperava.

— Então já não esperam que me levante ?

Natividade quiz rir da conclusão tão pronta, com o fim de a animar. A doente fechou os olhos, abriu-os daí a pouco e pediu que vissem se estava com febre. Viram ; tinha, tinha muita.

— Abram-me a janela toda.

— Não sei se fará bem, ponderou D. Rita.

— Mal não faz, disse Natividade.

E foi abrir, não toda, mas metade da janela. Flora, posto que já mui caída, fez esforço e voltou-se para o lado da luz. Nessa posição ficou sem dar de si ; os olhos, a principio vagos, entraram a parar, até que ficaram fixos. A gente entrava no quarto devagar, e abafando os passos, trazendo recados e levando-os ; fóra espreitavam o medico.

— Demora-se ; já devia cá estar, dizia Baptista.

Pedro era medico, propoz-se a ir ver a enferma ; Paulo, não podendo entrar tambem, ponderou que seria dezagradavel ao medico assistente ; além disso, faltava-lhe pratica. Um e outro queriam assistir ao passamento de Flora, se tinha de vir. A mãe, que os ouviu, saiu á sala, e, sabendo o que era, respondeu negativamente. Não podiam entrar ; era melhor que fossem chamar o medico.

— Quem é ? perguntou Flora, ao vel-a tornar ao quarto.

— São os meus filhos que queriam entrar ambos.

— Ambos quaes ? perguntou Flora.

Esta palavra fez crer que era o delirio que começava, se não é que acabava, porque, em verdade, Flora não

proferiu mais nada. Natividade ia pelo delirio. Ayres, quando lhe repetiram o dialogo, rejeitou o delirio.

A morte não tardou. Veiu mais depressa do que se receiava agora. Todos e o pai acudiram a rodear o leito, onde os sinaes da agonia se precipitavam. Flora acabou como uma dessas tardes rapidas, não tanto que não façam ir doendo as saudades do dia; acabou tão serenamente que a expressão do rosto, quando lhe fecharam os olhos, era menos de defunta que de escultura. As janelas, escancaradas, deixavam entrar o sol e o céu.»

Quando acabei de ler esse capitulo, tinha os olhos marejados de lagrimas, a que entretanto não ha nenhuma referencia nelle, nem choro, nem gritos. Ridas, as minhas lagrimas? Eu não acho; acho sim que a arte é divina, que me fez chorar por Flora que eu não conheci, nem existiu. Flora era filha unica; sabes como o autor conta a dor do pai? Nesta fraze curta, ao sair do cemiterio :

« Tudo feito, vieram saindo : o pai, entre Ayres e Santos, que lhe davam o braço, cambaleava.»

Não entendo de couza nenhuma se esta fraze não corresponde áquelles versos de Homero, e se o autor della não é um poeta acabado e grande. Podia transcrever outros muitos trechos identicos no valor, mas ia reproduzir a obra sem a continuidade e os outros encantos do livro. Para não sair dos Gregos digo ainda que é como o delles o processo mental de Machado de Assis. Da primeira á ultima pajina do livro encontrareis aqui e ali uma metafora, não rebuscada, mas espontanea e pura, que

revela como no cerebro do autor as abstrações se concretizam, se corporificam e nascem plasticamente, e por isso poeticamente, no bom sentido da palavra. E o que ha mais neste livro admiravel? Além da perfeição ha a eterna flôr viçosa que Machado de Assis tirou de si para pôr na botoeira do Conselheiro Ayres. E' flôr que sorri sobre as tristezas e as alegrias da vida e faz que a gente vá passando atravez dellas, enlevada pelo seu perfume que consola, pelo seu sorrizo enigmatico que é a ironia da natureza : e em *Esau e Jacob* o espirito fino e brilhante de Machado de Assis.

Leitor meu, vae ler o livro delle ; e eu não quero despedir-me de ti antes de te dizer que pódes lel-o sem dificuldade, porque não ha palavra ali que não uzes na tua linguaagem de todo o dia.

Não consultarás dicionario, e essa é outra virtude do livro. Anda ; vai lel-o.

1904.

---

## IV

# MEMORIAL DE AYRES

POR MACHADO DE ASSIS

---

Ayres é o mesmo Conselheiro Ayres, autor da materia de *Esau e Jacob*. Aqui elle aparece como autor da obra, materia e estilo. Entre um livro e outro, não ha, porém, de comum senão o proprio Ayres e a irmã d'elle, que aliás em ambos é figura secundaria na ação do romance.

Depois de haver escrito tantos livros orijinaes, Machado de Assis achou ainda como ser orijinal, compondo este romance com uma expressão moral diferente da sua obra anterior e em feitura nova, de execução difficil, mesmo para as mãos firmes de um mestre consumado da arte.

A fórma do diario em romance auto-biografico não é rara e é relativamente facil; mas em *Memorial de Ayres* ha um romance alheio. Ayres fala pouco de si; o mais e principal que elle escreve no seu rejistro é a observação feita em outros, sem preconceito, como quem olha interessadamente a vida e a vae notando por gosto ou desfastio.

Observações escritas assim não serão todas em si mesmas importantes; algumas podem parecer

banaes, se não fôr considerado o conjunto dellas. A maior difficuldade num romance desse feitio é a escolha habil de atos que o formem pelo seu seguimento e interesse, sem comtudo deixarem de ter a naturalidade da escriptura dia a dia, a auzencia de plano, a despreocupação de fazer romance, que é a feição propria de um jornal intimo. Escuzado é dizer que Machado de Assis venceu a difficuldade de um modo cabal, como artista perfeito que é. Fez um romance delizioso e fino, sem grandes lances dramaticos, mas admiravel de vida e verdade. Em outro molde compoz Flaubert um livro semelhante com *Education sentimentale*, coordenação de detalhes que, separados, valeriam pouco e reunidos formam um belo romance. Tal é o teór da propria vida.

Em *Memorial de Ayres* ha um casal sem filhos, Aguiar e D. Carmo, o qual se consola de os não ter, adotando um menino, Tristão, com exuberancia acumulada de afeto de corações nacidos para os terem muitos.

Onde não ha obrigação de natureza, parece que a afeição redobra : ao sentimento junta-se a vontade e o empenho de suprir o natural e crear o direito. E' assim como em sólo novo o esforço de uma planta que estende e multiplica as raizes para tomar posse da terra. Tal a afeição maternal de D. Carmo e de Aguiar pelo filho emprestado. Crece o menino e vai á Europa em passeio com os pais de verdade. E lá fica, e com o tempo vai esquecendo os outros. Estes, sem se consolarem nem convencerem do esquecimento, põem o mesmo afeto maternal em

uma linda moça, Fídelia, que é viuva recente e pelo que todos crêem, menos Ayres, viuva perpetua. Fídelia tinha cazado por amor, amor grande de um e outro, e tanto que havia rezistido á opposição dos pais d'elle e della, e ambos, brigados com os pais, tinham ido á Europa. Da Europa voltou a viuva Noronha com o corpo do marido e aqui o enterrou; e a todos pareceu que ficaria em viuvez eterna. Todos, menos Ayres, por cepticismo de diplomata apozentado, ou por simples gracejo para contradizer a mana Rita, que estando com elle no cemiterio e ao vêr a viuva afirmou a dedicação desta á memoria do morto.

« — Aquella não caza.

— Quem lhe diz que não ?

— Não caza : basta saber as circumstancias do cazamento, a vida que tiveram e a dôr que ella sentiu quando enviuvou.

— Não quer dizer nada, póde cazar; para cazar basta estar viuva.

— Mas eu não casei.

— Você é outra couza, você é unica.

Rita sorriu, deitando-me uns olhos de censura, e abanando a cabeça, como se me chamasse “ peralta ”. Logo ficou séria, porque a lembrança do marido fazia-a realmente triste. Meti o cazo á bulha; ella depois de aceitar uma ordem de idéas mais alegre, convidou-me a ver se a viuva Noronha cazava comigo : apostava que não. »

Eu disse a principio que Ayres conta um romance alheio, e não falei exato. Nem alheio só, nem só d'elle. E o embaraço de o dizer vem do que sente o Conselheiro Ayres, e o autor do livro lhe faz contar

com uma maestria de arte exquízita, cuja sobriedade, finura e naturalidade excedem todos os recursos conhecidos do romance psicologico. Ayres é sexajenario; o sentimento que lhe desperta a viuva Noronha não o direi eu, nem ninguem mais, senão Machado de Assis em poucas frases, aqui e ali, por todo o livro, e nas entrelinhas do livro e na atmosfera delle. E o estado de alma de Ayres cria, juntamente com o estilo do livro, a naturalidade do romance nacido de um diario que não tinha o intuito de o ser nem parecer.

« Ao vel-a agora (escreve Ayres sobre a viuva), não achei menos saboroza que no cemiterio, e ha tempos em caza de mana Rita, nem menos vistoza tambem. Parece feita ao torno, sem que este vocabulo dê nenhuma idéa de rijidez; ao contrario, é flexivel. Quero aludir sómente á correção das linhas — falo das linhas vistas; as restantes adivinham-se e juram-se. Tem a pele macia e clara, com uns tons rubros nas faces que lhe não ficam mal á viuvez. Foi o que vi logo á chegada, e mais os olhos e os cabelos pretos; o resto veio vindo pela noite adiante, até que ella se foi embora. Não era preciso mais para completar uma figura interessante no gesto e na conversação. Eu, depois de alguns instantes de exame, eis o que pensei da pessoa. Não pensei logo em proza, mas em verso, e um verso justamente de Shelley, que relêra dias antes, em caza, comó lá ficou dito atraz, e tirado de uma de suas estancias de 1821 :

*I can give not what men call love. »*

Assim disse comigo em inglez, mas logo depois repeti em proza nossa a confissão do poeta, com um fecho da minha composição : « Eu não posso dar o que os homens chamam amor... e é pena ! »

E outra vez :

« Eu deixei-me estar na sala, a mirar aquella porção de homens alegres e de mulheres verdes e maduras, dominando a todas pelo aspecto particular da velhice D. Carmo, e pela graça apetitosa da mocidade Fídelia; mas a graça desta trazia ainda a nota da viuvez recente, aliás de dois anos. Shelley continuava a murmurar ao meu ouvido para que eu repetisse a mim mesmo : *I can give not what men call love.* »

.....

« — ... Agora diga se é viuva que se caze.

— Com qualquer, não : pelo menos é difícil; mas, um sujeito fresco — continuei, enfundando-me e rindo.

— Você ainda pensa... ?

— Eu, mana ? Eu penso no seu jantar que ha de estar delicioso. O que me fica da historia, é que essa moça, além de bonita é teimosa; mas a sua sopa vale para mim todas as noções esteticas e moraes deste mundo e do outro. »

.....

« Ora, pergunto eu, valia a pena ter brigado com o pai, em troca de um marido que mal começou a lição do amor, logo se apozentou na morte? Se eu propuzesse concluir-lhe o curso, o pai faria as pazes com ella; ai, era preciso não haver esquecido o que aprendi, mas esqueci — tudo ou quazi tudo. *I can not, etc.* (Shelley). »

.....

« ... Parece que Fídelia mordeu uma pessoa; foram as proprias palavras della (da mana Rita).

— Mordeu, perguntei sem entender logo.

— Sim, ha alguem que anda mordido por ella.

— Isso ha de haver muitos, retorqui.

.....

Esta manhã, como eu pensasse na pessoa que terá sido mordida pela viuva, veio a propria viuva ter comigo, consultar-me se devia cural-a ou não. Achei-a

na sala com o seu vestido preto do costume e enfeites brancos, fil-a sentar no canapé, sentei-me na cadeira ao lado e esperei que falasse.

— Conselheiro, disse ella entre graciosa e séria, que acha que faça? Que caze ou fique viuva?

— Nem uma couza nem outra.

— Não zombe conselheiro.

— Não zombo, minha senhora. Viuva não lhe convém, assim tão verde; cazada, sim, mas com quem, a não ser comigo?

— Tinha justamente pensado no senhor.

Peguei-lhe nas mãos, e enfiámos os olhos um no outro, os meus a tal ponto que lhe rasgaram a testa, a nuca, o dorso do canapé, a parede e foram pouzar no rosto do meu criado, unica pessoa existente no quarto, e onde eu estava na cama.

Na rua apregoava a voz de quazi todas as manhãs :  
« Vae... vassouras ! vae espanadores ! »

Compreendi que era sonho e achei-lhe graça.

« ... Se fosse nos primeiros dias deste ano, eu poderia dizer que era o pendor de um velho namorado gasto que se comprazia em derreter os olhos atravez do papel e da solidão, mas não é isso; lá vão as ultimas gabolices do temperamento. Agora, quando muito, só me ficaram as tendencias esteticas, e deste ponto de vista, é certo que a viuva ainda me leva os olhos, mas só diante delles. Realmente é um belo pedaço de gente, com uma doze rara de expressão...

« Hontem, na reunião do Aguiar, pude verificar que o joven advogado está mordido pela viuva. Não tem outra explicação os olhos que lhe deita : são daquelles que nunca mais acabam.

« Ayres amigo, confessa que ouvindo ao moço Tris-

tão a dór de não ser amado, sentiste tal ou qual prazer, que aliás não foi longo nem se repetiu. Tu não a queres para ti, mas terias algum desgosto em a saber apaixonada d'elle : explica-te se podes, não podes. »

Explica-se que o conselheiro observe com miudo interesse e tenha a pachorra de ir rejistrando a afeição de Fidelia pelo cazal Aguiar e a deste por ella ; tudo que lhe diz respeito, o passado e o presente, os amores do advogado Osorio a que a viuva não corresponde, e depois da volta de Tristão, o filho adoptivo, as qualidades e maneiras d'elle, a probabilidade do seu regresso a Lisboa, a sua attitude para com a moça, o amor que adivinha nelle, que ouve em confidencia e a que por ultimo assiste declarado e retribuido.

« ... Um e outro esqueciam-se de nós e deixavam-se ir ao som daquella muzica interior, que não é nova para ella. »

.....

« Emfim, amam-se. A viuva fugiu-lhe e fugiu a si mesma emquanto pôde, mas já não pôde. Agora parece d'elle, ri com elle... »

.....

« Quem sabe se não iriamos dar com a viuva Noronha ao pé da sepultura do marido, as mãos cruzadas, rezando, como ha um ano ? Se eu tivesse ainda agora a impressão que me levou a apostar com Rita o casamento da moça, poderia crer que tal presença e tal attitude me dariam gosto. Acharia nellas o sinal de que não ama o Tristão, e, não podendo eu despozal-a, preferia que amasse o defunto. Mas não, não é isso ; é o que vou dizer.

« Se eu a visse no mesmo logar e postura, não duvi-

daria ainda assim do amor que Tristão lhe inspira. Tudo poderia existir na mesma pessoa, sem hipocrizia da viuva nem infidelidade da proxima espoza. Era o acordo ou o contraste do individuo e da especie. A recordação do finado vive nella, sem embargo de ação do pretendente ; vive com todas as doçuras e melancolias antigas, com o segredo das estréas de um coração que aprendeu na escola do morto. Mas o genio da especie faz reviver o extinto em outra fórma, e aqui lh'o dá, aqui lh'o entrega e recomenda. Emquanto pôde fugir, fugiu-lhe, como escrevi ha dias, e agora o repito, para me não esquecer nunca.

« Quando mana Rita veiu trazer-me a noticia official do cazamento, mostrei-lhe a minha carta de participação, e fiz um gesto de triumpho, perguntando-lhe quem tinha razão no cemiterio, ha um ano. Ainda uma vez concordou que era eu, mas emendou em parte, dizendo que a nossa aposta é que ella cazaria comigo, e citou a aposta entre Deus e o Diabo a propozito de Fausto, que eu lhe li aqui em caza no texto de Goethe.

« — Não, trapalhona, você é que me incitou a tentala, e desculpou a minha idade, com palavras bonitas, lembra-se?

« Lembrava-se, sorrimos, e entrámos a falar dos noivos. Eu disse bem de ambos, ella não disse mal de nenhum, mas falou sem calor. Talvez não gostasse de ver cazar a viuva, como se fosse couza condenavel ou nova. Não tendo cazado outra vez, pareceu-lhe que ninguem deve passar a segundas nupcias. Ou então (releve-me a doce mana, se algum dia ler este papel), ou então padeceu agora taes ou ques remorsos de não havel-o feito tambem... Mas não, seria suspeitar de mais de pessoa tão excelente.

.....

« Não esperava por esta. Tristão veiu pedir-me que lhe sirva de padrinho ao cazamento. Não podia negar-lh'o, e aceitei o convite, ainda que sem grande gosto. »

O casamento de Tristão e Fidelia decidiria a ficada do filho adotivo junto aos pais de coração; e o casal Aguiar podia ser feliz. Fidelia, ainda que recazada, convinha-lhe de certo ficar no Rio de Janeiro, onde havia a afeição de D. Carmo e Aguiar e estava o corpo do primeiro espoz. Tristão havia de preferir Fidelia á politica que o chamava á Europa. Tal o sonho dos Aguiares e o pensamento de Ayres.

Mas

Em Lisboa, sobre a mar,  
Barcas novas mandey lavar...

.....

Para veer meu amigo  
Que talhou preyto comigo,  
Alá vou, madre.

Para veer meu amado  
Que mig'a preyto talhado,  
Alá vou, madre.

que é a epigrafe do livro.

Cazados os dois, lá se vão em viagem anunciada de nupcias, depois de mudança definitiva, deixando aqui e para sempre o outro casal, orfam dos filhos que a natureza não havia querido dar-lhes.

Ayres acompanhou os noivos a bordo :

« Não acabarei esta pajina sem dizer que me passou agora pela frente a figura de Fidelia, tal como a deixei a bordo, mas sem lagrimas. Sentou-se no canapé e ficámos a olhar um para outro, ella — desfeita em graça, eu des-

mentindo Shelley com todas as forças sexajenarias restantes. Ah! basta! Cuidemos de ir logo aos velhos.

. . . . .

« Ha seis ou sete dias que eu não ia ao Flamengo. Agora á tarde lembrou-me lá passar antes de vir para casa. Fui a pé; achei aberta a porta do jardim, entrei e parei logo.

« — Lá estão ellas, disse comigo.

« Ao fundo, á entrada do saguão, dei com os dois velhos sentados, olhando um para o outro.

« Aguiar estava encostado ao portal direito, com as mãos sobre os joelhos. D. Carmo, á esquerda, tinha os braços cruzados á cinta. Hezitei entre ir adiante ou dezandar o caminho: continuei parado alguns segundos, até que recuei pé ante pé. Ao transpôr a porta para a rua, vi-lhes no rosto e na attitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que me pareceu. Queriam ser rizonhos e mal se podiam consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos. »

E' a pajina melancolica com que termina o livro.

Nem tudo é só maldade e simulação e egoismo nos homens. O cepticismo de Ayres perturba-se e quazi se declara vencido. A dôr, a continuação do viver que é, em suma, a experiencia da dôr, dezen-canta a ironia. Póde o sofrimento pensado fazer sorrir; mas aquelle que é verdadeiramente sentido apaga o sorrizo e abre os olhos para a bondade dos homens, onde a encontra. E' gosto dos que sofrem achal-a e rever-se nella, comprazer-se della e sentil-a. Em *Memorial de Ayres* ainda aparecem figuras ao geito ou da familia daquellas que o roman-cista creou e perpetuou nos seus outros livros. Cesaria e o marido, os pais de Fidelia e Noronha,

bastam para que Ayres não se espante de ainda estar no mundo. Mas no romance aparece ainda o bom e o ótimo, do carácter e coração humanos, e é a novidade, a que me referi, da expressão moral deste livro. Não mudou nem diminuiu a observação do romancista; mudou apenas o seu ponto de vista, e ainda bem para a sua obra, que assim se completa admiravelmente como quadro humano, do qual não ha dizer que houve proposito de exclusão nem deficiência de dezenho.

Humanidade, em que se conta uma creatura como D. Carmo, como Aguiar, vale ser amada; e do autor que lhe reproduziu a figura e a fixou pela sua arte fôra falso afirmar que só conheceu uma face dos homens.

O retrato desse casal Aguiar não está feito pelo processo dos instantaneos, ou no feitio de apresentação do velho uzo nos romances. Vêm aparecendo as duas figuras a pouco e pouco na urdidura do livro, um traço aqui, um traço ali, e por fim acabada a trama do tecido, que são as pajinas do romance, aí estão as figuras completas diante dos olhos da gente, na alma da gente, perfeitas, admiraveis, inescuciveis.

« Lá fui hontem ás bodas de prata (do casal Aguiar). ... Sei que não é seguro julgar por uma festa de algumas horas a situação moral de duas pessoas. Naturalmente a ocazião aviva a memoria dos tempos passados e a afeição dos outros como que ajuda a duplicar a propria. Mas não é isso. Ha nelles alguma couza superior á oportunidade e diversa da alegria alheia. Senti que os anos

tinham ali reforçado e apurado a natureza, e que as duas pessoas eram, ao cabo, uma só e unica.»

. . . . .

« D. Carmo possui o dom de falar e viver por todas as feições, e um poder de atrair as pessoas, como terei visto em poucas mulheres, ou raras. Os seus cabelos brancos, colhidos com arte e gosto, dão á velhice um relevo particular e fazem cazar nella todas as idades... »

. . . . .

« ... falei a D. Carmo nos talentos muzicaes da moça. e ella me confirmou que a viuva está disposta a não tocar mais. Se não fosse isso, pedia-lhe que nos desse alguma couza. Ao que eu respondi :

— A propria arte a convidará um dia a tocar em caza, a sós comsigo.

— Póde ser ; em todo o cazo, não a convidarei a tocar aqui ; o aplauzo podia avivar-lhe a saudade — ou, se a distraisse della, viria diminuir-lhe o gosto de sofrer pelo marido. Não lhe parece que ella é um anjo ?

Achei que sim ; acharia mais, se me fossé perguntado. « Do que ella me disse ácerca do « gosto de sofrer pelo marido », concluo que a senhora do Aguiar é daquellas pessoas para quem a dôr é couza divina ».

A impressão final deste livro é que o autor delle conserva o vigor de enjenho com que escreveu *Memorias postumas de Braz Cubas* ; e ganhou mais, o que só podia vir do officio de fazer os livros que fez, e perfeição crecente em cada um dos romances posteriores áquelle, e neste ultimo, suprema. Nenhum sinal de declinio em couza nenhuma ; ao contrario. Aqui não aparece nem se prezume o artificio. A Arte é absolutamente pura e da mais nobre.

Traz este romance, como já os outros e toda a obra de Machado de Assis, o cunho da universalidade, que é a característica da obra de pensadores-artistas. Será entendido em todas as linguas da terra; e é brasileiro como os que mais o são. Em Portugal não o escreveriam mais puro, e não tem nenhuma influencia portugueza. Porque não é só o meio que o faz do Brazil, é a expressão do estilo, inconfundivel com outro qualquer de lá. As figuras são nossas, particularmente nossas, mas no que é de todo o homem, humanas. O molde é do meio que as formou; a essencia é do genero, é da natureza, e a filozofia do livro comenta a natureza no que ella tem de geral e eterno. Daí a sua universalidade. Não é tambem do pensamento da filozofia acuzar os homens e a vida; os homens e a vida são o que são, porque assim têm de ser. Olhal-os e reproduzil-os, sem os culpar ou desculpar, fazendo delles o espetaculo em que os comparsas se interessam e, levados da emoção, se supõem um momento espectadores, tal é o officio da arte. Não tem outro fim, nem outra razão de orijem. Felizes os que têm o dom de a entender e realizar!

Acabando a leitura de *Memorial de Ayres*, levou-me exquizita associação de idéas a pensar em como são as arvores grandes e as maiores as que dão em geral flôres simples, em contraste com os arbustos que as dão tamanhas e complexas. E ainda nestas o homem perturba pelo artificio a sinjeleza das fórmas, e mistura as côres e confunde as especies.

Pensei tambem no que diriam os deuzes se acazo

retornassem á terra. Dos grandes dramas humanos ? Deuzes são deuzes, para os quaes não ha dramas, nem aspetos extraordinarios, porque á vizão delles tudo é transparente e vulgar, couzas minimas e maximas tudo é o mesmo á distancia da perspectiva divina. Depois de vizitarem a terra e conversarem os homens, os deuzes nos falariam de cazos curiozos de psicologia humana, ou escreveriam nos troncos seculares das arvores algumas palavras de sabedoria ou graça que consolassem da vida.

E' certo que muitos dos homens ouviriam indifferentes as couzas simples que os deuzes dissessem e passariam sem lêr as inscrições dos troncos antigos : como é certo que quazi todos preferem a complexidade e extravagancia das parasitas ás flores sinjelas das arvores grandes. Que importa ? As arvores grandes são grandes e vivem seculos : e os deuzes são deuzes, nem morrem as palavras que dizem.

18-7-1908.

---

## CAPISTRANO DE ABREU

---

Ha cerca de dez anos esteve aqui no Rio o escriptor portuguez Moniz Barreto que pouco tempo depois, ao voltar ao seu paiz, morreu. A morte foi o unico tropeço da sua gloria, que seria grande. Era um espirito forte, laboriozo, honesto, fecundo : sabia muito e aprendia sempre com a serenidade de um beneditino, o gosto de um artista e a sofreguidão de um incipiente. Era sobretudo serio. Não dizia senão o que julgava, e o seu juizo não era leviano, não estava subordinado á ocazião nem ao interesse. Quando não podia dizer bem, calava, para não dizer mal ; e evitava assim a mentira, ainda na sua forma desculpavel de polidez, e a confiança jactancioza dos irrefletidos, os quaes de tudo pretendem saber e julgar. Eu que já o conhecia de nome e de escritos, gostei de conhecê-lo pessoalmente : pareceu-me chão e discreto e todas as palavras que lhe ouvi parecem-me ainda hoje acertadas.

E é por isso que o lembro agora, querendo falar do meu mestre Capistrano de Abreu. Capistrano de Abreu foi aqui apresentado a Moniz Barreto por Domicio da Gama, amigo de ambos e companheiro

do ultimo em Paris nas visitas a Eça de Queiroz. O encontro foi por volta do meio dia : Capistrano e Moniz Barreto entraram num café e conversaram. Separaram-se ás 4 horas da tarde e ao chegar á livraria Garnier, a primeira couza em que falou Moniz Barreto foi no saber de Capistrano de Abreu. Estava surpreso de tão vasta e tão variada erudição. Ouvira-o durante quatro horas sem fadiga, entretido pela abundancia e pela solidez de seus conhecimentos, expostos naturalmente, com simplicidade, ao acazo da conversa.

Eu estava presente no Garnier, e ouvindo essa impressão, confesso que, apesar de avaliar em muito o saber do meu mestre, de conhecer-lhe a vida intima de incessante estudo, a palavra de Moniz Barreto foi quazi uma revelação, foi pelo menos uma demonstração a que eu por mim mesmo não chegaria, e outros não chegariam ou não chegaram porque o tratamos de perto e diariamente. Para essas revelações não ha como o estrangeiro, que é a posteridade antecipada, porque não vê com preconceitos nem sentimentos pessoaes. No caso de Capistrano de Abreu e em relação a mim é certo que a simpatia e a amizade só podiam influir para a opinião afirmativa e mesmo excessiva. Mas ha um feitiço nelle que embaraça os seus mais intimos de medir-lhe o valor da intelijencia e da cultura : é a sua maneira natural de character educada pela consciencia de sabio.

Modesto e dezinteressado, por mais que estude e por mais que saiba, não esquece a suprema verdade,

que o saber é relativo e ainda o mais sabedor é um ignorante. Sendo um professor por officio e gosto, teme parecer que o é no commercio com amigos ou simples conhecidos. Por isso evita o tom de quem fala ensinando. Raro se lhe ha de ouvir uma affirmação, sem que lh'a peçam. Na propria materia em que é autorizado por prova publica e professional, elle prefere ouvir a dizer, prefere consultar a mostrar que já sabe o que consulta. E não procede assim por simulação insidiosa : é por modestia e ao mesmo tempo por curiosidade. A conversa, em vez de ser uma exhibição, é um estudo ameno em que elle, se não fica conhecendo mais idéas, fica conhecendo, sem intenção embora, o interlocutor. Este se quizer aprender, consulte-o, e ha de aprender o que deseja em quazi tudo. Levada por esse modo, a palestra d'elle é uma lição substancioza e excelente, expressa com a clareza e fluidez de uma fonte : vem-lhe prontas as idéas, sem embaraço, sem mistura, como da propria nacente. E é a outra qualidade do seu espirito, a assimilação facil do que aprendeu. A sua erudição não foi adquirida para adorno, não lhe ficou depositada no cerebro para as necessidades previstas ou possiveis ; procurada, reclamada pela aguda curiosidade da intelligencia, entrou-lhe na massa do sangue. Chamar-lhe só erudito é limitar a sua cultura larga e profunda e esquecer-lhe a intelligencia de primeira agua, sem a qual a erudição fôra apenas obra de paciencia e improduttiva. A produção original de Capistrano de Abreu seria grande se elle quizesse, ou se não fizesse — admi-

ravel contradição de um espirito clarividente! — tão pouco cazo de si mesmo. Quem melhor nacido e provido do que elle para a critica de idéas e costumes? Agudez de observação psicologica, capacidade de representação, sentimento de harmonia, percepção rapida dos contrastes, faculdade de generalização, e o dom — precioso para um romancista — de descobrir quazi de relance as características individuaes e fundil-as, fixal-as num traço; tudo isso elle possui da natureza. Não aproveitou em maior extensão essas qualidades para a obra escrita, porque a curiosidade do sabio absorve a iniciativa do escritor, o qual tambem não achou no nosso meio estímulos fortes para a produção da sua obra.

Ainda assim não é facil dizer nem compreender o que principalmente determinou a sua abstenção da publicidade frequente. Seria a demaziada exigencia do autor descontente de sua obra? Seria a pura modestia? Seria o gosto da conversa, que é uma fórmula de publicidade, limitada embora, mas que satisfaz a alguns grandes espiritos? O que é certo é que Capistrano de Abreu só não tem produzido mais porque não quer; mas o que produziu e é muito, se fôr, além dos folhetos e prefacios, colijido o que anda ignorado e esquecido nos jornaes, desde ha 30 anos, sem assinatura quazi sempre, é tudo de valor, nada somenos, e só faz lamentar que elle não publicasse mais e logo na forma definitiva de livro.

Do Ceará, Capistrano veiu já um espirito formado, independente, nutrido de muito saber que só espe-

rava utilização. Qual seria o genero de trabalho a que o applicasse, supponho que elle proprio não sabia exactamente. Os accidentes e as circumstancias da sua vida é que tinham de fixal-o, como succedeu efetivamente. Mas um fato era já então verificado, a sua vocação de escritor.

Escrever, expor idéas, notar observações das couzas e dos homens, era uma necessidade para a sua intelijencia em constante elaboração, era impulso a que elle obedecia, sem cojitar do publico e da nomeada. A forma adequada a esse estado de espirito é o diario, e nesse tempo elle o começou a escrever e, como me disse, aí rejistrava dia a dia as conversas que tinha com meu pai. Ia vizital-o ao cair da tarde em S. Clemente, fazendo o trajeto a pé, ida e volta, desde Santa Thereza, onde rezidia. Nunca me foi dado ler esses escritos, naturalmente reservados pelas notações intimas que comprehendem, mas imajino que preciozo documento ha nelles, pela materia tratada e pelo modo da expressão. Podem avalial-o os que conhecem o autor de perto, os que lbe ouviram alguma vez definir incizivamente fatos e pessoas.

Do que elle publicou nesse tempo nada tenho presente. O seu mais remoto trabalho que achei agora foram algumas linhas escritas sobre meu pai em 1883 na *Revista do Centro Literario e Scientifico José de Alencar*, em comemoração do aniversario de sua morte. São breves e vou transcrevel-as porque são características.

« Ninguem, melhor que elle (Alencar), teve a in-

tuição da vida colonial ; e ha pajinas do *Guarany* e das *Minas de Prata* que valem por longas monografias.

Foi tambem elle quem primeiro manifestou as tendencias modernas, e o que ha de bom e natural no estilo dos escritores tambem atuaes, é de seu exemplo que deriva. »

Não sei se me engano, mas neste simples trecho ha uma revelação de escritor. Ainda que mais nada houvesse delle, com essas duas frases se poderia verificar um tipo literario, como faria um naturalista concluindo e reconstruindo de um osso uma especie natural desaparecida ou ainda ignorada. Esse breve escrito demonstra um estilo. Tem clareza, sobriedade, concisão e ritmo, que são qualidades fundamentaes da boa proza ; e revela além disso capacidade da melhor critica, porque é uma expressão sintetica das feições do romancista brasileiro. Desdobrado, daria a materia de um livro. Póde-se concluir, sem erro nem exajero que o autor estava aparelhado pelo pensamento e pela forma para o exercicio da literatura.

O acazo de um emprego firmou a preferencia do genero literario, em que teria de uzal-as ; a consulta e catalogação de manuscritos, na Biblioteca Nacional, quazi todos brasileiros e a atmosfera brasileira formada naquella caza pelos preparativos e a realização da exposição de Historia do Brazil, foram os fatores da especialização do estudo e trabalho de Capistrano de Abreu. Anos depois o concurso para a cadeira de Historia do Brazil do Colejio

D. Pedro II completou a preferencia com a obrigação do officio.

Antes, porém, já em 1886, era elle um historiador acabado. Com uma consciencia menos exigente, poderia desde então fazer a historia do nosso paiz e teria feito a melhor, a mais completa de quantas havia. Estava provido das informações originaes, tinha a cultura geral e o sentimento da terra e da gente, e sobre isso uma habilidade de investigação minucioza, aliada a um metodo de comparação, dedução e exposição de uma simplicidade transparente. Cronicas e papeis antigos não lhe serviam sómente para objeto de compilação, eram creaturas que elle se comprazia em reviver, conversar, discutir e em seguida apresentar renovadas, sem a poeira do tumulto, com as suas feições recompostas.

Perfeito trabalho de arte critica, com que o estudioso, honesto e paciente, preparava a sua obra futura. São desse tempo os prefacios ás *Informações de Anchieta* e á *Historia de Fr. Vicente do Salvador*. Sente-se ao lê-lo a carinhosa atenção que elle punha no estudo desses achados manuscritos, a seriedade com que os tratava, a aguçada perspicacia que o fazia discernir a autenticidade e o prestimo de cada obra, a faculdade de esmerilhar e destacar nos pequenos factos os valores essenciaes ou accidentaes da operação historica.

E' do prefacio ao trabalho de Anchieta o seguinte trecho :

« A importancia dos *Apontamentos*, a julgar pelos fragmentos aqui reunidos, deve ser grande. Anchieta

era um grande observador, sabia reunir pequenos factos característicos, dezenhar os retratos com grande nitidez e dar-nos a sua nota pessoal dos documentos humanos que enfeixava. O que elle escreveu sobre o Padre Manoel da Nobrega é mais instructivo psicologicamente que muitos volumes.

« Das *Informações* ha muito que aprender; a falta de açougues (pags. 34 e 37), a preguiça da terra e a falta do enjenho dos estudantes (pag. 37), a pintura dos enjenhos (pag. 47), e muitos outros pontos rasgam perspectivas novas.

« Chamarei a atenção rapidamente para dois delles; o primeiro é que os primitivos colonos achavam a terra melancolica, e tinham razão porque bastavam as privações descritas ás paginas 20 e 21 e que não eram privativas dos Jesuitas : as cobras que caíam dos telhados sobre as camas ou metiam-se nas botas (pag. 51), as formigas que obrigavam os moradores todas as noites a andarem de facho a catal-as (pag. 52); os receios dos inimigos externos que, segundo Gabriel Soares, os traziam de constante sobresalto, bastavam para produzir uma irritação constante. Ora, segundo a bela expressão de Taine, as sensações fazem a sensibilidade. *Por ser nesta terra*, diz-nos Anchieta, pag. 38. E' o que todo o mundo dizia então e pensava.

« O segundo ponto é que os filhos de Portuguezes nascidos no Brazil eram tratados com desdem : *faltos de enjenho*, diz o autor, pag. 37, *afeiçoados dos costumes dos indios*, diz, pag. 70. Couzas semelhantes diz elle nas suas cartas, e repetem os contemporaneos.

« Este ponto — o desdem pela terra, o desdem pelos naturaes *mazombos*, como então os chamavam em opposição aos *reinoes* — é capital em nossa historia, e se quizermos definir em poucas palavras o periodo que começa com o descobrimento de Cabral e remata com a conquista do Maranhão, nem um ha tão característico. Neste periodo que se póde chamar *transoceanico*, de

nosso ponto de vista particular ou, segundo a classificação genial de Ratzel, periodo da *distribuição periferica*, é elle que tudo domina, tudo explica e sistematiza. »

Completam esse trecho dois paragrafos que se seguem, e em que elle estuda a exploração do interior e das minas. Todo prefacio de Capistrano de Abreu tem um valor duplice, o da analyse particular e exhaustiva da obra e o da sintheze de largos periodos da nossa historia. Reunidos e apenas coordenados, esses trabalhos formam um admiravel rezumo da civilização colonial do Brazil.

Delles se póde dizer o contrario do que disse Capistrano de Abreu sobre a obra de Fr. Vicente do Salvador :

« Sobre seu estilo pouco ha a dizer; um ou outro trocadilho innocente (pau e pão, dominio e demonio), supressão de uma palavra para dar a outra duplo emprego. Quanto ao mais, simples, familiar, tomando a côr da parte que copia. *Seu livro, no fundo, é uma coleção de documentos, antes reduzidos que redijidos; mais HISTORIAS do Brazil, que HISTORIA do Brazil; menos uma flor que um ramallete.* E é uma vantagem : do tom do estilo dependem as couzas que se podem incluir nelle; compare-se um classico e um romantico, e mesmo um romantico e um realista. No de Fr. Vicente cabê tudo : a historia não se lhe antolha de coturno, mas de chinelos. »

Mas com esse preparo e essa aptidão, que já eram consumados em 1886, com o que aprendeu depois, em todo o tempo de majisterio, porque não escrevia elle a *Historia do Brazil*? Era a pergunta reiterada e instante dos amigos. Respondia que não era che-

gado o tempo, ainda lhe faltava muita couza. Excesso de honestidade, é que era : escrupulo de consciencia exigente de mais. Havia sempre um ponto obscuro a esclarecer, um documento a consultar, a necessidade de um manuscrito que pertencia a uma biblioteca da Europa; e entretanto elle ia derramando o saber em monografias, em artigos de jornaes e revistas, e nos intervalos, alongados o mais possivel, continuava o estudo.

A leitura é tão necessaria para elle, tão dominadora como um vicio. Acredito que passaria um dia em jejum ou sem fumar, mas não passaria sem ler. Numa interrupção de sono, alta noite, repouza lendo. Lê no bonde, ás horas da comida, em toda a parte, e lê de tudo, poezia, obras de ficção, direito, ciencias fizicas e naturaes, filozofia, economia politica, e ainda lhe sobra atenção para acompanhar os jornaes daqui e os principaes do estrangeiro. Devora um artigo de revista da mais enfadonha materia com a brevidade facil com que se lê um conto interessante. A sua curiozidade intelectual é infinita. Assunto que o interessa leva-o de livro a livro até que outro lhe agarra o espirito. E nunca se sente transviado, porque tem a seu serviço uma memoria colossal, tanto para as grandes como para as minimas couzas. Afeito a tamanho gozo, esquivase quanto póde ao trabalho de produzir, que é sempre penozo para as intelijencias sérias e cultas.

Apezar disso, porém, era certo que elle havia de compor finalmente a sua obra definitiva, e independente de resultado pecuniario. Era uma questão de

tempo e tambem de condição mental. O seu espirito estava saturado de historia brasileira; precisava descansar para que se renovasse o impulso da produção contente. Antecipou a oportunidade um convite para colaborar na obra *O Brazil, suas riquezas naturaes, suas industrias*. Pediram-lhe uma noticia e elle escreveu um livro, a que chamou modestamente *Capitulos de historia colonial (1500-1800)*.

Ainda não é a *Historia*; é, porém, mais do que tudo anteriormente feito por elle : e já o alicerce da sua construção, são as paredes mestras de arcabouço acabado. Pelos fundamentos que ali estão, pelas paredes, sabe-se o que será o edificio e a arquitectura, na qual « o belo não será senão a honestidade absoluta, a razão » como da architectura de Athenas disse Renan. « As partes occultas do edificio serão tão cuidadas como as que ficarem á vista ». Não haverá artificio a disfarçar fraquezas de travejamento. Tudo solido e duradouro como a verdade concreta.

São 11 capitulos : I. Antecedentes indijenas ; II. Factores exoticos; III. Os descobridores; IV. Primeiros conflitos; V. Capitánias hereditarias; VI. Capitánias da Corôa; VII. Francezes e Espanhoes; VIII. Guerras flamengas; IX. O sertão; X. Formação dos limites; XI. Tres seculos depois. E' uma visão de conjunto e ampla de quem já não caminha por atalhos; conhece-os todos, palmo a palmo; percorreu a estrada real, demoradamente, e disse o que viu. Anos que passem, ninguem verá melhor nem

com maior segurança. Não é em vão que um espirito prendado da natureza e enriquecido de saber se detem por tanto tempo no estudo paciente, pesquisando, acumulando factos, comparando e corrigindo observações, concentrado num esforço continuo, sem evitar dificuldades, sem pressa, quazi indifferente á gloria que o solicita.

Não pretendo analizar o livro, particularizando o seu valor, para não parecer presunçozo. E' um livro de mestre para mestres, e a estes cabe discutilo. Mas de sua estrutura não haverá que tirar nem mudar. Falta apenas completal-o, e eu tenho a esperança de vel-o completado em breve pelo proprio autor, ao qual já não é licito parar na construção da sua obra, austero monumento, com que perpetuando a passada civilização do paiz concorre para a demonstração da nossa mais alta cultura no momento atual e das qualidades de espirito que em alguns Brasileiros se podem achar, não diferentes nem menores das que mais avultam nos centros intellectuaes do mundo.

Se vale alguma couza a minha palavra, peço ao meu mestre Capistrano de Abreu que não interrompa mais a concluzão da sua obra, e estas linhas só tiveram esse intuito, além da homenagem que lhe devo da minha admiração e da minha amizade.

23-10-1907.

---

## VI

### POEZIAS

DE ALBERTO DE OLIVEIRA

---

Para quem se propuzesse ensinar como os poetas concebem e o que os distingue uns dos outros e a todos os poetas dos demais homens, seria um excelente tema de estudo a poesia *Alcova dezerta*, que é a ultima do livro agora publicado por Alberto de Oliveira.

Figure-se um homem, orfam da mulher amada e que vai vizitar-lhe a camara, onde ella viveu no esplendor da mocidade e do amor, subito interrompidos pela morte. A camara está dezerta, mas tudo ali se conserva como ella deixou ao partir. A mobilia, os objetos de ornato ou de uzo intimo, tudo lhe acrecenta a recordação e a saudade. Esse homem naturalmente sofre e chora.

Se é poeta, nem tudo serão lagrimas nelle; uma parte da sua dôr se irá concretizando em imajens, que começam a surjir-lhe no espirito, compondo com os seus movimentos e alternativas uma nova emoção que se traduz em ritmos. A principio indecizas, inquietas, irão as imajens se acentuando mais, se tornarão distintas, viverão nelle de uma

existencia tão real que o poeta quasi inconscientemente, injenuamente, acabará por dar-lhes a forma com que se dezagreguem do seu cerebro entumecido. E' um trabalho identico ao da fecundação material na natureza, é a mesma operação da vida em todos os seres. E' assim que abotoa a flor e evolve o fruto sem a colaboração refletida da planta. O poeta não prevê nem escolhe as suas imajens; a emoção é que as faz e o governa.

O sofrimento que nos outros homens abrandaria com o dezafoço das lagrimas, no poeta apenas se modifica, se subdivide em sequencia como um eco que se reproduz e vai de novo ecoando emquanto dura a ondulação do ar que o leva e que o traz pelo espaço entreaberto.

Esse é o cazo em que o poeta sofre pessoalmente. Distinção mais frizante entre elle e os outros homens, é que elle póde sentir tambem, embora o seu sofrimento não tenha uma realidade objetiva. Não lhe é preciso para sofrer senão evocar, voluntaria ou involuntariamente, um motivo de sofrer. As imajens virão, como no primeiro cazo indicado, e a emoção nelle será tão intensa, pois não terá o derivativo das lagrimas que sempre pervertem a vizão interior. A expressão mais perfeita, mais verdadeira, mais comunicativa da dôr humana em suas infinitas e complexas modalidades, deram-na os grandes poetas de todos os tempos, e os grandes poetas não têm sofrido mais do que os outros homens senão o sofrimento de serem poetas, de terem uma alma de sensibilidade extrema e multipla em que o destino

combinou e fundiu todas as almas. Se não fossem os poetas, não haveria a tradição da dôr humana. E ai! dos homens mortaes se lhes faltasse a tradição do desespero e da perpetuidade das lagrimas. Teria acabado o consolo de viver : não achariam para os seus gemidos a solidariedade universal e eterna com que a natureza atenúa o mal da individuação da especie. O poetas são creaturas providenciaes na terra, porque com todas as suas frequenzas e miserias e maldades, guardam em si a injenuidade, que é o dom das creanças e dos deuzes.

Ha nelles um poder compulsivo de comunicar aos outros homens os seus pensamentos e impressões, que serão os pensamentos e impressões de todos os homens.

O poeta é uma especie de adevinho, de omnisciente, dotado de uma segunda vista, para a qual não ha limite no espaço e no tempo. Dessa segunda vista é que nacam as imajens da poezia e por ella principalmente é que os poetas se diferenciam dos que o não são.

Na qualidade das imajens e no numero dellas tambem está a razão da diversidade entre os poetas. Evocado o motivo de emoção que é o da *Alcova dezerta*, seria diversa a expressão que lhe dariam por exemplo Machado de Assis, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Graça Aranha, Domicio da Gama, Magalhães de Azeredo e outros. Em todos a expressão seria forte, mas diferente, e eu lamento não ter a perspicacia de um critico para definir agora a caracterisca de cada um.

Em Alberto de Oliveira a imaginação se caracteriza pela sensualidade, na melhor e na mais pura accepção desta palavra.

Ha nos seus sentidos uma força, uma capacidade de apreensão que é extraordinaria. As suas sensações são profundas, complexas, abundantes, a ponto que se desdobram e refluem para os objetos que o impressionam, animando-os com os sentimentos e com a vida que trazem delle.

Na solidão da *Alcova dezerta* o poeta não se sente só. A vista das couzas que 'pertenceram á mulher amada, acorda nelle a saudade tão vivamente pelos sentidos, que a emoção não se abstrai no pensamento, reflete sobre as couzas, dá-lhes alma, dá-lhes voz, dá-lhes a mesma saudade que tem o amante. Tudo ali surje e lhe fala della e para ella. O poeta interroga o leito :

Templo esquecido, altar sem deus, leito vazio,  
Leito onde ella dormiu, que esperas entreaberto?

. . . . .

AS CORTINAS

Porque não vens ?

UM LEQUE

Porque não vens ?

O ESPELHO

Porque teu ro  
Me esqueceu, e esse olhar e esse sorrir que tens ?

O DIVAN

Ha tanto que te aguarda o meu macio encosto !

A VIDRAÇA

Que tarde ! Expira o sol ! ultimo sol de Agosto !

## UM LIVRO

Porque não vens ?

## UM QUADRO

Porque não vens ?

## UMA ESTANTE

Porque não vens ?

.....

## A JANELA

Vem ! Já brilha uma estrela !

## O CORTINADO

E' quazi noite. Vem !

.....

## O CINTO

Vem ! O ceu se estrelou. As minhas pedras finas  
Começam de luzir, são estrelas tambem...

## OS ANNEIS

Vem ! Toma-nos a rir nessas mãos pequeninas.

## UM RAMILHETE

E' o baile que te espera ! Afastai-vos, cortinas !  
São horas della entrar ! Não tarda o baile.

## O RELOJIO

Vem !

.....

O efeito dessas vozes multiplas, que se sucedem e que se repetem, é como o de um côro de supplicas e de gritos e de gemidos. A saudade que nos transmitem é imensa e avulta pelo contraste da consciencia dolorosa do amante e da inconsciencia interrogativa e ancioza das couzas. Tudo ali a espera, tudo ali a quer, tudo chama por ella, e o poeta chega a vel-a que resurje gerada pelas vozes da angustia.

.....  
 Quem és tu? De onde vens com palidez tamanha,  
 Sob o nimbo de luz que te circumda e banha?  
 Fala, vizão do céu : és o fantasma da Emma ?

A VIZÃO

Poeta ! aos raios do sol que lá rolou no Poente,  
 Gerou-me a tua dor e a das couzas que vês ;  
 Como a divina Eloah de uma lagrima ardente,  
 Exsurje de teu pranto a tua amada auzente !  
 Objetos meus que amei, vejo-vos outra vez !

.....  
 Não creias para nós tudo acabou no instante  
 Em que sentiu teu beijo a friez de minha mão ;  
 Para os que amam, a morte é porta de diamante ;  
 Vêm-se della atravez, falam-se amante e amante  
 Oh ! a saudade, poeta, é uma resurreição !

\* \*  
 \* \*

Resurreição sim, verdadeira, não mera figura de retorica, porque a saudade tem essa força creadora que lhe dá a opulencia da imaginação. O sentimento aqui é concreto, é palpavel, tem vida propria, que o final do poema eleva, aumenta e perpetua.

Parece-me caracteristico esse exemplo, porque aí estão reunidas todas as qualidades de Alberto de Oliveira. Vê-se nesse poema o molde da sua concepção, o seu estilo abundante, e as suas outras feições essenciaes que o distinguem dos demais poetas brasileiros, e que se tem conservado, atravez e apesar de influencias extranhas, em todas as suas obras.

Prefaciando *Meridionaes*, em 1884, Machado de Assis disse delle de um modo que é definitivo e nas

palavras com que sabe dizer de tudo : « imajinozo, vibrante, muzical, despreocupado dos problemas da alma humana, fino cultor das formas belas, amando por ventura as lagrimas, comtanto que ellas caiam de uns olhos bonitos. Conclua o leitor, e concluirá bem, que a emoção deste poeta está sempre sujeita ao influxo das graças externas. Não achará aqui o dezespero, nem o fastio, nem a ironia do seculo. Se ha alguma gota amarga no fundo da taça de ouro em que elle bebeu a poezia, é a saudade do passado ou do futuro, alguma couza remota no tempo e no espaço, que não seja a vulgaridade presente. D'aí essa volta frequente das reminiscencias hellenicis ou medievaes, os belos sonetos em que nos conta o nascimento de Venus, e tantos outros quadros antigos ou aluzões espalhadas por versos e estrofes. D'aí tambem uma feição peculiar do poeta, o amor da natureza ».

Os criticos do futuro e do presente estou que nada hão de alterar nesse juizo perfeito que é tão applicavel ao autor de *Meridionaes* como ao de *Alma livre e Terra natal*. O poeta não mudou : os seus poemas posteriores e recentes, revelando no estro a mesma riqueza antiga, na novidade da expressão só apresentam o desenvolvimento de suas qualidades dominantes.

O amor da natureza e a sensualidade da imajinação, por influencia simultanea e reciproca, imprimam-lhe ao sentimento e ás ideas a forma pantheistica, que é uma das feições mais notaveis dos seus ultimos poemas. Porque tenho para mim que o

panteísmo de Alberto de Oliveira não é resultado da maior cultura do seu espirito. A sua compreensão da natureza tornou-se mais nitida pela continuidade do amor que o foi identificando com ella. Houve transfusão de sentimento : e a natureza morta ou inferior deixou de ser para elle como antes apenas um aspeto de poezia para ser a unica realidade da vida, de que o homem é uma parcela efemera que só se diferencia pela forma. Não ha conquistas da razão nem ha só concepções humanas, visto que não ha outra força no mundo senão o amor. Todas as manifestações da existencia são manifestações do amor ; do amor e por consequencia do sofrimento. Se todos os seres, se toda a natureza, a que a nossa cegueira chama morta, amam e sofrem, porque excluil-os da nossa piedade, porque separal-os na consideração universal de que o orgulho humano se fez juiz ? O poeta não terá proferido esses pensamentos nem tão mal, mas sentiu-os : e o seu novo livro, mais dos que os anteriores, está cheio delles.

*Noctivago* é uma piedoza elejia feita a um inseto, que o poeta sem querer, matou esmagando-o.

Pobre inseto !

.....  
 Foi o frio que o trouxe ? um canto aqui sonhou  
 Tepido, aberta viu esta janela, e entrou...  
 Mas melhor que este quarto, a bom dormir convida  
 O ramo unido ao ramo, a folha á folha unida,  
 E no enlace nupcial a flor unida á flor.  
 Foi o amor ? Foi, talvez, porque o não tinha, o amor.  
 Sim, veiu por amor, e por amor, baldado

Giro, e voltas que deu, caiu, foi esmagado.  
 Pobrezinho ! E fui eu que dezastrado o pé  
 Te puz em cima ! eu fui que abstrato sem dar fé  
 Do que fazia, a vida, o vôo teu aflito  
 Atalhei ! E morreste, inerme, sem um grito,  
 Sem um protesto, como um sonho alado e vão,  
 Como cançado ideal ou cançada ilusão !

*Depois da morte termina assim :*

... em morto, é meu sonho em meio da espessura  
 Ter em virjem torrão aberta a sepultura,  
 Entre um pouco de barro e pedras da montanha.  
 Lá, em nova existencia, alma ventura estranha  
 Será sentir-me voar em folhas pelos ares,  
 Em perfume evolar-me, ou rujir nos palmares,  
 Inseto — fosforear pelas trevas noturnas,  
 Pedra — encher-me de limo, eco — reboar nas furnas,  
 Ou por noites de luar em declive sombrio,  
 Espuma, — ir onde vae coleando incerto o rio...

Podia citar, multiplicar as citações, que seriam de quazi todas as poesias, salvo uma ou outra em que o poeta, arroubado da paixão pessoal esquece a natureza ambiente num subjectivismo impetuozo.

Sendo o amor da natureza uma feição peculiar deste poeta, estranha a doutrinas de arte, era de prever que a predileção pela terra natal teria de influir notavelmente na escolha dos temas poeticos e no estilo, na mesma nomenclatura dos objetos que elle considera : d'aí a expressão brasileira dos seus poemas. Não foi — sente-se á primeira leitura — por ponderações de nativismo politico que Alberto de Oliveira abandonou os assuntos da antiguidade classica pelos da actualidade brasileira.

A sua sincera emoção é que o dirige. Dominou-o a contemplação da terra, o contacto intimo com as couzas deu-lhe a ciencia dos nomes particulares dellas, e a saudade, filha da distancia no tempo e no espaço, agora que elle vive num meio cosmopolita — resurjindo o passado creou com maior realce esses motivos de emoção. Alma cheia de lembranças de caza não vae a alheios climas em busca de evocações. Por isso o poeta em vez de assuntos exóticos, conta-nos as suas *Saudades de Petropolis*, pinta-nos a paizagem de *Pedra-Assú*, diz-nos em linguagem magnifica a historia do *Parahyba*, e recorda aquelle deliciozo romance de *Alma em flor*.

Outro belo romance que vem no livro é *Flores da serra* (pajinas de outrem), onde ao contrario de *Alma em flor* e excepção unica neste volume e em toda a obra do poeta, ha ironia e amargura da vida, mas ainda assim sem explozões, apenas sentida como a essencia que d'aquellas flores fica a pairar na atmosfera que ellas perfumam.

Da tecnica do livro não ha que dizer quando o autor é um poeta como Alberto de Oliveira, nem eu escrevi estas linhas para lhe fazer a critica, senão para prestar-lhe a minha homenagem de admiração e agradecer-lhe o bem que fez ao meu espirito a leitura dos seus novos versos.

1906.

---

## VII

# PAJINAS DA GAZETA

1903

---

### PALAVRAS, PALAVRAS...

*Un peu de chaque chose, et  
rien du tout, à la françoise.*

MONTAIGNE.

Conhece-te a ti proprio — era a palavra predileta de Socrates, o preceito maximo da sua filozofia. Maximo pela consequencia, minimo pela simplicidade.

Nada mais facil que olhar a gente para dentro de si, esquadrinhar com os olhos os desvãos da propria alma, estudar-lhe os costumes domesticos, as suas vontades, as suas exquiritices, as suas fraquezas, os seus defeitos e excessos, os seus vicios e virtudes. Não saimos de caza; nem é preciso ao menos abrirmos as janelas da rua, por onde possam pular os olhos indiscretos e palreiros da vizinhança; basta que no deزالinho da veste matinal, depois de bebido o café, nos debrucemos á janela do interior, considerando o que vae no quintal.

Só isso, e nada mais facil. Mas nada tão util, de

tantos efeitos para o bem estar nosso e dos nossos vizinhos. Toda a filozofia ai está, toda a moral, toda a ciencia, toda a verdade, toda a ventura, tudo — menos a simulação, menos a vaidade.

Foram estas duas senhoras — duas comadres maliciozas e inventivas — as que trouxeram para o mundo essa chalice de filozofias desvairadas, essas expressões abstratas dos sabios, essas argumtações subtis de relijiões e esse guerrear sem treguas de politicos. Duas damas perversas que já estavam no ventre e nos labios daquella outra, conhecida nossa do Paraizo.

Sabeis que ali vivia na santa paz do Senhor e da ociozidade um casal exemplar — Adão e Eva. Eram dous somente no mundo; que melhor occupação que a de se conhecerem a si e depois se conhecerem um ao outro! Assim devia ser, mas assim não foi. Adão só cuidou de conhecer a Eva; esta só cuidou de conhecer a Adão e ao fruto prohibido. Os olhos que só se alimentavam de fóra, enganaram-se, os labios mentiram, e nesse momento foram concebidas a simulação e a vaidade. Duas mexeriqueiras que mal pouzam no lar, e andam correndo as calçadas de rotula em rotula, soprando de sob os biocos as costumeiras intrigas do bairro.

Não ha socego que se concilie com esse cochichar de rotulas, nem governo cazeiro que não sofra de um tal viver de janela, em que se consomem as horas do dia á escuta das infatigaveis enredadoras.

As da noite não chegam para a inconciencia. E nesse teor se está envelhecendo, olhar dependurado

sobre a rua, enquanto no quintal vai subindo admirativamente a tiririca, criam-se e avultam as serpes e os sapos, e na mesma caza fazem ninho farto os percevejos, as pulgas e os camondongos. Ai que imenso e grave descuido! Foi elle o pai, não direi que de todo o sofrimento, porque este nasceu com o homem, mas senão todo, quazi todo, o que nasce do convívio humano, as discordias, as lutas de ambição, os desgovernos e tiranias, os crimes, as desiluzões, o tédio, as aleivozias e o maior erro de todos os erros, a mesma obra da civilização.

Voltemos ao começo do mundo. Ainda se não transpoz a porta larga e ali está a primeira mentira, que é a folha de parreira. Pouco além do limiar, a primeira inveja e o primeiro crime, que foi a morte do pastor. Depois a primeira ambição confuza : a torre de Babel. Deuzes e reis, sabios e profetas, bandidos e filantropos : tudo fruto de simulação e de vaidade. Sómente os simples e os pastores se conheciam a si proprios; só elles foram felizes. Socrates tambem, mas em parte; quando proclamou aquelle imperativo de sinceridade; elle mesmo, porém, se desconheceu depois, embriagado pela flozofia de praça. Não se limitou á ciencia de caza, foi bulir na ignorancia alheia. Deram-lhe a cicuta, que o matou; e foi então que elle deceu ao porão e á adega. Não houve tempo para dizer o que viu; mas cá nos ficou a sua lição que tem atravessado os seculos, incolume, inefficaz e dezobedecida.

Conhece-te a ti proprio. Para a luz da verdade é que se fez o imenso guarda-sol, que é a um tempo a

estupidez e a cegueira dos homens. A manhan não chegou a ser dia ; e já da escuridão vinham saindo o catolicismo e o protestantismo, as formas de governo, as revoluções e a inquisição, a majistratura e a advocacia, o direito e a politica e... que mais sei? tudo o mais, tudo o que é do homem, e para lhe pôr um minimo termo de humilde prova, este mesmo escrito em que me perdi, emmaranhado nas teias de uma linguagem bizonha e tarda.

Comecei tão bem! com a circumspeção adequada á velhice do assunto, e o pensamento disposto a uma filozofia coordenada e serena. Confesso que errei o caminho, mas agora não devo retroceder.

O que eu dezejava ensinar aos povos é em suma que o preceito do templo de Delphos, immortalizado pela morte de Socrates, é toda e a maxima filozofia humana. Ninguem a praticou ; e por isso ninguem deixou de errar e sofrer. Ninguem se conhece a si proprio. Mas por que não repetir a lição, pedindo aos homens que se estudem? Ah! bem sei que ninguem se quer conhecer, e mui de industria, porque ninguem dezeja deixar o que não é seu. Particularizando a geografia, nenhum homem no Brazil seria o que tem sido. Não teriamos politicos, nem jornalistas, nem mestres, nem juizes, ou pelo menos não teriamos os que temos, senão outros que não temos.

Mas é preciso repetir sem descanso o preceito de Socrates, até que elle seja eficaz e universal :

Conhece-te a ti proprio !

Grande lição e, para vergonha nossa, grande

verdade entre todas as plantas e entre todos os animaes, menos no homem!

Menos no homem ; nem tanto. Ha em nós alguma couza que é mais do que nós, porque tem consciencia e obedece á filozofia de Socrates.

Toda a moral, toda a virtude está nos nossos pés. O pé direito não sofre o sapato do seu irmão, nem o esquerdo o daquelle. Conhece-te a ti mesmo! No templo de Delphos e na planta dos homens! Infamia das almas que não sabem nem querem levantar a verdade de sob os pés que a pizam. Foi bem que se inventasse a cicuta para que Socrates não vivesse na terra a nos inflijir a humilhação.

\* \* \*

Que seria da vida sem a saudade do que passou para sempre ?

A vida seria um longuissimo caminho, sem encruzilhadas e sem desvios, direito e limpo, igual e monotono, até... o polo boreal.

Menos o polo boreal, a comparação é velha como a vida. Dante já o disse *Nel mezzo del camin...* e não foi orijinal, pois que o simile era anterior, de gregos ou de outros, mas anterior e antiquissimo. Naceu por ventura com o primeiro passeio solitario do primeiro homem na primeira tarde em que elle sentiu a primeira melancolia da existencia. A imagem fez ninho no cerebro delle e cantou pelos labios de todos os filhos poetas que têm depreciado a vida. Esta, pois, seria um longuissimo caminho, intermi-

navel e vazio, se não fôra a morte, que é a variedade suprema das couzas.

Foi a morte uma excelente amiga, mandada ao mundo pela Providencia, para nos deleitar o coração, os olhos e o apetite, o apetite principalmente. Suponhamos que os camarões não morriam e nós, sibaritas incorrijíveis, continuavamos a engulir camarões. Haveria numero suficiente de camarões para as bocas humanas ou entrariam os camarões a engulir os homens? Em metafizica não ha limite para a hipoteze, e esta podia ser generalizada ás batatas, por exemplo; mas é absurda, é hipoteze de estomago que não morre. O inverosimil della e das outras do genero é já um serviço daquella boa amiga, inseparavel companheira nossa, amante enjenhoza, autora unica dos dons que nos liberaliza a terra.

Deu-nos ella o maior de todos, a mesma vida, formoza moeda sem preço, com a sua corôa de lagrimas e o seu cunho de rizos. Nisso mostrou sagacidade e previdencia, que nos quiz dar logo na feição da vida a materia do passatempo e da alternativa da sorte.

Corôa ou cunho? Gira celere a moeda, a companhia folga e arrisca, aneia na expectativa, palpita na incerteza e acerta ou perde. Para alguns, corôa mais frequente. Mas é numeroza a companhia, e as dezigualdades de individuos têm a compensação no equilibrio das vicissitudes do conjunto.

Se alguem reclama, é voz izolada que se não conta, não faz sinfonia, nem quebra o compasso largo do côro barulhento.

O côro é de alegria, sempre *animato*, porque as

vozes que emudecem são logo supridas por outras frescas, vigorosas. É nessa sucessão indistinta é que está a virtude da novidade e continuidade do côro. Por serem multiplos os clamantes, fazem as bocas a perene consonancia do mundo. Se todos entoassem a mesma nota, já teria havido a dezafinação universal que ha de ser o juizo derradeiro anunciado pelos profetas. O espetaculo fôra impossivel, ou por dezacordo dos coristas ou mais certo por falta de auditorio.

Ora, aí estão dois serviços da nossa amiga : o jogo e a opera lirica. O terceiro é a saudade para os comparsas que ficam dos comparsas que se vão. A saudade... Não tem outro, nem melhor rejente a orchestra humana. Garrett celebrou-a, mas a delle era sómente a acre-doce da auzencia momentanea, forma atenuada do sofrimento. Eu falo das audade imensa, do irreparavel e do inacessivel, do que transpoz o mar grande, em caminho do porto ignorado e sem limites. Não sei se os outros homens serão como eu, para quem a saudade, filha da morte, é a maior razão do bem, a geradora suprema da alegria e do amor.

Só amo o que receio que morra ou o que já é morto. Couzas e pessoas, se a estabilidade as prezer-vára da ruina do tempo, eu as abominaria eternamente por não poder evital-as na eternidade dos seculos.

Graças a Deus, não nos falta a solícita jardineira do Campo Santo que me faz amar os homens, nem a enerjia do Dr. Pereira Passos que me vai

fazer amar no futuro esta cidade do Rio de Janeiro.

Se a paciencia do leitor o veiu arrastando até aqui, estou que a sua perspicacia ainda não atina com o fim desta estiradas cojitações. Pois saiba que, ao contrario da imajem do principio, vieram, por tantos desvios e atalhos, de uma doce esperanza que me traz o morticinio das cazas do Sacramento e a promessa dos que se preparam com tamanha furia por toda a cidade.

Até hoje era motivo de tristeza para a minha sensivel alma de carioca a imortalidade grotesca das couzas do Rio.

Desde que eu me conheço, desde que naci, que o vejo tal como elle é hoje, umas cazas mais, umas cazas menos ; mas no todo, nas feições e nas maneiras, o mesmo, feio e sujo, dezelegante e tortuozo, malcriado e macambuzio. Póde-se amar uma creatura destas, com tantas imperfeições e a maior das imperfeições, a durabilidade da existencia ?

Todo o meu amor se refujiou no passado, comecei a querer bem ao Rio de Janeiro que os meus olhos não conheceram, ao Rio das cronicas antigas ; das ruas do Cano e dos Tanoeiros e do Provizorio, quando o campo de Sant'Anna era ainda uma vasta planicie inculta, cheia do vozerio dezencontrado e bulhento das negras lavadeiras.

Com que enlevo evoca a minha imajinação o traçado indecizo da rua Aleixo Manuel, com as circumstancias da epoca, os epizodios de desconforto e privações, as restrições de liberdade em vila de reji-men de colonia, o grito do Aragão, os trajes coevos,

as cerimoniaes da religião do Estado, e mais remoto, com mais acentuado dezejo, o tosco arraial que subia agarrando-se ás faldas do Castello e prolongava o contorno da Guanabara no tempo das primeiras conquistas e lutas com francezes e selvajens? A evocação das velharias primitivas têm o sombreado pitoresco que aliza as asperezas das couzas na perspectiva da distancia e da saudade.

Mas isto é mais literario que efetivamente sentido. A saudade, real e de lagrimas, não a tenho porque não vivi no que passou, senão no que está sob os meus olhos cansados do presente, que é o espetaculo igual de todos os dias. Tão intensa em mim é a sensação da sua falta, que eu chego a lastimar não ter, em vez da juventude chorada pelos que se abeiram do tumulto, a velhice experimentada dos velhos, que viram tantas couzas hoje mortas e guardam dellas a recordação paralizada dos instantaneos fotograficos. Invejo-lhes as lagrimas e daria por bom preço a vida do meu coração em troca dos cemiterios que se estratificaram nos delles.

A um destes, dos mais illustres e que é ao mesmo tempo antigo e novo, pois o tempo só lhe poude tocar os cabelos, sem lhe atinjar o fulgurante espirito, eu particularmente e grandemente o invejo, quando o releio, nas inimitaveis pajinas, em que a sua pena, subtil e entre todas superior, tão enjenhozamente nos diz das couzas que já não são, com a sua singular finura que em tudo põe e a sua orijinal sabedoria de quem de perto olhou e ouviu aquillo que nos vem dizer. A inveja só é mal quando é um

dezejo latente de aniquilação do que a inspira. A minha neste cazo bem ao contrario, bem ao contrario ; nem o meu amigo Sr. Machado de Assis se magoará do meu sentimento, sabendo que eu só lhe invejo o que elle viu e sofreu e acompanhou á vala comum de tanto cemiterio esquecido ; aquelle preto, por exemplo, que ia pelas ruas apregoadado, alta noite, para a ultima forca ; aquelle *velho senado* que já estava enterrado e apodrecido, quando lhe deitaram a pá de cal de 15 de novembro ; a loja do Paula Brito ; aquelle teto da caza de Matacavallos, esta mesma denominação expressiva da rua que o patriotismo estragou ; a procissão do Santissimo... e tudo mais de que elle foi espectador, factos e couzas locaes, na sua côr nativa e excluzivamente nossa, que se foi depois desbotando e desvanecendo no decorrer dos anos.

Eu já não a vi, porque entrei num Rio amaneirado e estrangeirado em que a derradeira herança da originalidade antiga foi a escravidão, desmoralizada pelo fervor do abolicionismo triunfante. O meio era ingrato ás impressões duradoiras e vivazes ; a vida, uma sucessão de monotonias ; as velhas uzanças, cacos em abandono no lixo do passado : e o cosmopolitismo dominando mais e mais, com as invazões de imigrantes e costumes de todas as orijens. Em vez do alvoroço da chegada periodica e incerta dos navios de vela, a divulgação parcelada e diaria dos telegramas ; em vez das gondolas, os bondes ; em logar dos africanos de ganho, com o seu chocalhar suavizador do trabalho, os tipos exóticos

dos arredores de outras terras com a sua algaravia antipatica; em suma, em vez do Brazil, uma feira simiesca das falsificações da cultura universal.

Certo que, se eu vivesse naquelle tempo, teria naquelle tempo este mesmo tedio e este mesmo dezejo de um mais antigo e inatinjivel; mas estaria agora, aqui nestas colunas, contando aos novos, no tom pachorrento dos velhos, as couzas de antanho. Ao passo que hoje nada tenho a contar, por que o que eu vi é das couzas que não avultam no papel e merecem pela vulgaridade ficar onde estão.

Valha-me entretanto a esperança de vir a ser velho e poder dizer aos vindouros leitores da *Gazeta* o que havia no Rio antes que um grande administrador tivesse transformado a antiga cidade num outro Paris da America do Sul.

Graças a Deus que ainda existe a enerjia do Dr. Pereira Passos para me fazer amar no futuro o Rio de Janeiro incolor, que eu tenho sob os olhos. Os outros o aplaudem na expectativa do conforto e do luxo; eu só lhe quero bem pela saudade que vou sentir um dia das velharias que elle vai desfazer e apagar.

Quando o Rio de Janeiro fôr todo cortado de avenidas, todo cheio de palacios e cazas de architectura exemplar, sorri-me a esperança de que eu possa, encanecido e triste, indifferente á actualidade ruidosa da multidão, andar refujiando o espirito no passado de hoje, embalando-o nas recordações das vielas dezaparecidas para sempre, dos velhos edificios demolidos, com a mesma ternura com que

contemplo essas poucas e curiozas antigualhas que raro ainda se encontram num ou noutro recanto das cercanias do Castello e de São Bento.

Algumas cazas feias, de varanda de rotula, que havia ali na rua S. José, valiam para mim como poema lido em sonho.

Olhando-lhe as rexas de confessorario, quazi ouvia os cochichos de amor soprados por labios enamorados no recato e severidade do lar antigo. Resurjia-me um tempo de conquistas de coração, de torneios, de trajedias, mas um tempo que eu só realizo em fantazia, atravez dos livros.

Mas quando eu percorrer envelhecido a futura cidade, levarei comigo uma saudade vivida e sincera, porque se os anos forem passando por mim, irá ficando em mim, para a memoria do amor, a multidão das sombras amigas, das tristes sombras amigas que houverem passado com os anos.

---

## VIII

# PAJINAS D'A IMPRENSA

1900

---

### A'S QUARTAS

UM NOVO DICCIONARIO. — Quem aqui se der ao estudo das letras portuguezas de além e aquem-mar deve ter sentido a grande falta de um bom dicionario da lingua que falamos e escrevemos. Os nossos lexicos não são muitos; e os cinco de maior fama, desde Viterbo, Bluteau, Moraes, Vieira, Aulete e Constancio, todos são deficientes ou incorretos, ou uma e outra couza. Para verificá-lo basta a leitura da prefacção de cada um delles; é regra engrandecerem o trabalho proprio, desfazendo no alheio-e assim andaram os lexicografos que, succedendo a Moraes e se aproveitando da sua obra, entenderam, não sem razão, que lhe deviam apontar as lacunas e os erros. Mas, humanos sujeitos, elles tambem não foram limpos de culpa, e outros surjiam para respigá-las e vulgarizá-las. Apezar de tudo, a nomeada maior ficou para o velho Moraes. Primeiro em precedencia (excluidos os vocabularios de Viterbo e Bluteau), o de Moraes ficou sendo o primeiro em autoridade

para a maioria dos escritores, pelo menos do Brazil. E nessa conta devia ser tido.

Primeiro não equivale a perfeito, nem mesmo a bom — a inferioridade dos outros é que lhe dava a primazia. Tanto assim, que do Moraes disse um dos maiores escritores da lingua, Alexandre Herculano, a respeito de um de seus naturaes enganos, que era *um dos bastos destemperos daquella babel da lingua portugueza* (1). Desconfiemos todavia da severidade do grande escritor, que sem duvida não pouco se utilizou da obra do brasileiro; provavelmente escreveu aquellas duras palavras em momento de mau humor contra o livro, que lhe não acudiu com a explicação de algum vocabulo obsoleto. Não raras deveriam ser essas decepções; mas lacunas justificaveis pelo tempo em que a obra foi escrita, não eram bastantes para tão eliminadora sentença. Uma critica imparcial, ainda hoje, qualificaria essa obra, a 4ª edição, como a melhor que temos no genero, e só lhe notaria, a par de algumas incorreções de definição, uma crescente e fatal carencia de vocabulos modernos, de toda a maneira inevitavel, pois que a linguajem é corpo vivo, e sofre as mesmas mutações intimas de todos os corpos animados.

Assim para nós hoje esse é o principal defeito do dicionario de Moraes; e sem poder renunciar aos grandes serviços que elle nos presta, para a intelligencia dos classicos, necessitavamos não tanto de outro que o substituísse, mas apenas de um novo que o completasse.

(1) « Lendas e narrativas », vol. 1, p. 160, nota.

Desse trabalho em boa hora se encarregou o conhecido escritor portuguez Candido de Figueiredo. Cultor intelijente e esmerado da lingua, critico discreto, poeta elegante nos primeiros tempos de mocidade, era dos que melhor e mais cabalmente podiam dezempenhar-se da pezada empreza. A obra, ora publicada em dois grandes volumes, corresponde exatamente á favoravel espectativa dos que por essas couzas se interessam. Preocupou-se particularmente o autor com a linguagem popular, quazi desdenhada dos anteriores lexicografos. Nacido nas alturas da Beira, onde se conserva ainda hoje livre do contacto mau a expressão genuina do antigo falar portuguez, deu-se o escritor á interessante e proveitosa tarefa de colijir os idiomas e termos populares daquella e das outras provincias de Portugal.

Ao mesmo tempo, cá no Brazil, pessoa competente reunia para o autor os elementos linguisticos peculiares ao nosso paiz, e que já por isso poderiam, pela abundancia, conglobar-se em um lexico brasileiro.

Não é, porém, nesta parte inatacavel o livro de Candido de Figueiredo; uma das boas fontes e indispensaveis para um dicionario, são dos nossos escritores os que se caracterizam pelo cunho nacional, impresso concientemente na maneira de falar dos seus personajens.

Ora, na lista dos autores citados por Candido de Figueiredo, não achei o nome de José de Alencar.

Que ignore o lexicografo a sua imensa produção, não é crível, nem perdoavel; e se a não ignora,

não se explica que não tenha encontrado em *Iracema*, *Ubirajara*, *Sonhos de oiro*, *Til*, *Tronco de Ypê*, nos outros romances de Alencar centenaes de expressões nossas, genuinamente nossas, colhidas pelo romancista diretamente do povo, ou por elle creadas e depois vulgarizadas e batizadas pelo prestijio de quem as deu a lume.

Mas se a falta é grave, tem a sua razão de ser no resentimento que deixou a campanha de José de Alencar em prol de um estilo nosso, brasileiro, e livre das aljemas enferrujadas dos quinhentistas.

Mas por isso não se pode calar o verdadeiro valor da obra de Candido de Figueiredo. Penso que é um livro indispensavel, ao lado do de Moraes, que elle completa, não só nos idiomas populares e vocabulos modernos, como ainda para vocabulos antigos que aos outros escaparam. Assim, segundo informa o autor no seu longo e bem feito prefacio, só em Antonio Vieira se lhe depararam mais de quatrocentos vocabulos, que não vira em outros dictionarios, e que neste incluiu. Em Gil Vicente e Filinto, mais numeroza foi a colheita.

Espero que Candido de Figueiredo, animado pelo successo da sua obra, leve ávante o projeto, que nos diz ter succumbido ante a difficuldade de um editor — o de organizar um grande dictionario da lingua, em seis ou sete volumes. E' do que muito necessitamos, mas até lá consolemo-nos com a brilhante prova que nos deu o autor da sua competencia e força para empreza tão séria e difficil.

DEINA.

\* \* \*

Estimava Portugal por todas as suas qualidades de velha nobreza, que enchem a historia de exemplos grandes e inumeros. Mas essa estima era como que retrospectiva, vivia da lembrança dos feitos antigos, nos quaes se firmava de vontade para não esmorecer com as fraquezas atuaes do povo, que a meus olhos errados parecia decaido do valor de outrora. O meu erro se desfez. Se, por força da ação do tempo, perdeu a nação entre as nações o prestijio politico e guerreiro que ha quatro seculos lhe dava a preponderancia nos negocios do mundo, vejo, com admiração e alegria, que o povo não mudou com as mudanças de politica e conserva a bravura do coração e a fidalguia do espirito, de certo mais valiozas que todas as prosperidades e primazias nascidas das circumstancias do momento.

O povo portuguez acaba de receber em seu seio o cadaver de Eça de Queiroz, com as mesmas honras funebres com que receberia o cadaver de um monarca ou filho de sua caza real.

E Eça de Queiroz, no emtanto, foi sómente um escritor; raramente vivia na patria; e gozou no estrangeiro a sinecura de um cargo official, escrevendo romances em que retratava a sua terra, nas suas couzas e nos seus homens, com os traços da verdade, mas com as tintas orijinaes da imaginação de artista delicado e profundo, capaz de ver atravez da realidade e mais do que a realidade apresenta aos olhos do vulgo.

Nobreza, clero e povo, politicos, letrados, burocratas, burguezas de todos os matizes, deram o seu continjente para a formação das vivas figuras que compõem o admiravel mundo novo do *Primo Basilio*, *Crime do Padre Amaro*, *Reliquia* e *Os Maias*.

O poeta passára a primeira mocidade nas cidades da sua terra; e nas suas retinas de vidente se foram gravando inapagaveis esses multiplos tipos, que por toda a parte existem, e sómente diferem nas peculiaridades da raça e do meio.

Passavam, inconcientes dos seus defeitos e dos seus vicios; e os olhos perfuradores do romancista ignorado os verrumavam involuntariamente, impiedosamente, no corpo e na alma de todos elles.

Depois, no remanso do gabinete de trabalho, quando a fantazia poderosa começava o labor da procreação, a imaginação do artista plasmava os seus personajens daquelle material insensivelmente accumulado pelas mais variadas impressões do mundo circumstante.

E por temperamento, não por propozito mau, os caracteres que seu espirito surjia, eram no maior numero tipos de comedia, eivados de culpa, salpicados de ridiculo, manchados de maldade. Vicios e defeitos que todos temos em dozes variadas e a que nos afazemos pelo habito, avultavam em cada um dos seus personajens, com um realce vigoroso, ás vezes com uma intensidade escandalosa, que fazia tremer e raivar a quantos se reviam em creaturas dos romances e se julgavam nellas copiadas. Mas Eça de Queiroz não copiava; creava: a sua intuição

de poeta, a anciedade de sua visão de observador, o poder de sua fantazia, sem focalizar ninguém, sómente com as impressões que lhe ferviam no cerebro, conglobavam num individuo imaginado os traços verdadeiros e característicos, dispersos na realidade por um sem numero de tipos humanos.

Esse trabalho de sintheze creadora era natural, era efeito da gestação inconciente do seu cerebro de artista.

A tendencia do seu espirito determinava tambem a sua preferencia por certa classe de seres do meio social. Nunca, estou convencido, o romancista teve outro intuito na sua obra que não fosse o de verdadeira arte; nunca pensou nem quiz utilizar o seu talento para se vingar de inimizadas pessoas, nem desmerecer, por especulação, nas couzas de sua patria.

Reproduzia o que a imaginação lhe apresentava; e pois que as suas produções eram verosimeis, verdadeiras, humanas, o artista não decia da sua dignidade e cumpria honestamente a missão que o destino lhe dera. Podia censural-o talvez, essa gente semiletrada, de curto espirito, cujo estreito patriotismo se revolta com a mais louvavel critica ou a mais interessada indicação dos defeitos da patria. Podia malquerel-o essa gente que presentia a propria afinidade com aquelles personajens que faziam a delicia de inumeros leitores. Podiam dezamal-o os padres, os politicos, os fidalgos, os pelintras do Chiado, as criadas, as burguezas devotas das aldeias, os Accacios de Portugal e do Brazil. Dificil e incrici-

vel que o não amassem os que amam as expressões superiores da beleza artistica. E entretanto, todo Portugal, desde o seu monarca até ao mais obscuro dos homens que sabem ler e leram a obra de Eça de Queiroz, todos acudiram a prestar honras funerarias ao cadaver de quem morrera deixando á patria meia duzia de livros imortaes. Meia duzia de livros, de romances! Foi o que elle deixou á sua patria; não foi deputado ás côrtes, não foi ministro, não trabalhou «pela regeneração», não foi *patriota*; e Portugal acolheu o corpo, em que o seu espirito morou na terra, com as mesmas honras com que receberia os despojos de um rei! Aqui, no Brazil, isso fóra um milagre; e o escritor que ousasse brincar com os pelotiqueiros de cá, não teria um só dia a sinecura de um consulado. Para ter aquellas honras funebres é mister que se não seja escritor, que se não tenha talento; é preciso ter-se a gloria dos fuzilamentos, a corajem dos estados de sitio, a humanidade das degolações de Canudos e a sabedoria das tricas electoraes.

Mas cá e lá maus homens ha. Ha em Portugal alguem que levou a mal a boa acolhida que se fez ao cadaver de Eça de Queiroz. O escritor F. de A., depois que os restos do romancista se cobriram de terra no profundo sepulcro, dedicou-lhe, á guiza de necrolojio, um longuissimo artigo, de longuissimos periodos, erriçados de palavras desmodadas e eruditas, cheirando a drogas medicinaes, para dizer a Portugal que Eça era um tizico, não era patriota, não sabia escrever o portuguez de Luiz de

Souza, não tinha estilo variado, não tinha observação de filozofa, e fez uma obra imoral, que por felicidade dos portuguezes nunca será popular, porque é uma obra dissolvente dos costumes da terra e deve ser repelida pelos patriotas de coração! Disse tudo isso com uma delicadeza de veterinario que autopsia um cão leprozo, com uma sabedoria de filozofa que ficou enfezado no embrião, com uma elegancia de estilo que convida o leitor a nunca mais ler as suas obras e com um patriotismo de quem está a pedir o consulado de Paris.

E tudo isso porque a unanimidade dos escritores portuguezes aclamou Eça de Queiroz como o primeiro romancista de Portugal e porque o governo portuguez fez transportar o cadaver de Eça num navio de guerra! O' generoso escritor! tu nunca terás, com a tua variedade de estilo, com a tua filozofia de aldeia, com a tua erudição de dicionario, com os teus neolojismos de mau gosto, a tua saude de ferrabraz, o teu patriotismo apregoado, tu nunca terás a primazia na literatura do teu tempo, nem transportarão o teu corpo num navio de guerra.

Mas consola-te, porque a grandeza e a gloria só servem para provocar o insulto e a inveja e a malquerença.

DEINA.

\* \* \*

Nunca é tarde para dizer bem de um livro. Este a que me refiro é obra de um dos moços de mais forte enjenho e estudo que o Brazil possui. *Baladas*

e *fantazias*, de Magalhães de Azeredo, saiu a lume ha poucos mezes, editado pela caza Laemmert e impresso em Roma, sob a vista do autor.

Magalhães de Azeredo é assaz conhecido e estimado de todos os que lêm, aqui e em Portugal. A sua pena elegante e fecunda já nos deu bastante para se fazer amar dos espiritos de bom gosto, amigos das letras; e a pequenos intervalos, pelos jornaes ou em livros, tem firmado incontestavel a sua reputação de excelente poeta, critico erudito e fino, e prozador perfeito.

Como poeta, cincoenta poezias das *Procellarias* lhe dão logar saliente entre os nossos melhores da geração de Raymundo Correia, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Critico, poucos se lhe egualam nesta e nas outras gerações passadas, pela habilidade de analize, agudeza de entendimento, clareza de idéas, excellencia de criterio e conhecimento dos mestres antigos e modernos. Aí estão os artigos sobre Machado de Assis, Eça de Queiroz, Alphonse Daudet e outros mais. Do narrador e fantazista, a *Alma primitiva* foi promessa esperançosa; *Baladas e fantazias* é a realização completa do seu talento neste genero literario. O titulo bem define a natureza do livro. Podia, com a mesma propriedade, chamar-lhe *Poemas em proza*, que outra couza não são estas belas pajinas nem outra couza pode ser o autor dellas senão poeta. A muza Polymnia é boa amiga e inseparavel companheira sua. Creio que elle terá poder de lhe impor silencio e mesmo afastal-a, porque o não perturbe o seu encanto, quando quizer

ouvir os graves conselhos de Calliope na elaboração desses livros que já nos anuncia. Mas neste — elle mesmo é quem diz — foi submisso ás seduções da companheira constante. Ouviu-a, deixou a pena correr no papel e — caprichos da muza — se não escreveu em verso, deu-nos boa poezia, sem rima, mas de ritmo variado e harmonico, que admiravelmente veste estas baladas e fantazias, com a indeciza tonalidade tão particular da muzica.

O conto em proza exige, sem excluzão do lirismo aqui e ali presentido, uma contextura definida, precisa, com a sua fabula logo vizivel e encaminhada ao desfecho. Neste livro haverá dois assim : os outros teem, de certo, um entrecho orijinal e bonito, mas é simples urdidura para os broslados da fantazia irrequieta, que os doira com esse vago subjetivo que se evola da narração como um perfume de flôr dentre a rama de uma moita silvestre. E esse é o dom e o encanto do poema. Mas a flôr, que se não esperava encontrar na moita silvestre, encanta ainda mais pelo imprevisto do achado.

Que bem nos fazem estas pajinas admiraveis, levando o nosso espirito das couzas ambientes, num deliciozo embalo que adormece os cuidados ponderozos e a lembrança das futilidades do mundo humano! E elle vai para o alto, como numa rede tenuissima de doces e vagas sensações de sonho. Que maior utilidade ! que maior beneficio nos pode trazer um livro de arte !

Almas preocupadas com os debates inuteis do parlamento, cerebros empoeirados das banalidades

desta monotona aldeia, espiritos absortos na especulação do cambio, faladores vazios que andaes a declamar contra tudo, lêde este livro, que elle será remedio eficaz contra o vosso desproveito, contra o vosso mal-estar, contra a vossa maldade, os vossos prejuizos e a vossa chateza. Entrareis aqui em pleno dominio da beleza pura, mergulhareis nas ondas salutaes do sonho e da poezia.

E tu, poeta ou prozador, sonhador e artista nefelibata, moço de simbolos e letras maiusculas, lê tu tambem este livro, sem preconceito de escola, sem a resistencia do teu gosto pervertido. Muito lucrarás da leitura d'elle : verás que obra de arte não é feita pelo molde dessas muitas de agora, vistoras e tilintantes, mas fofas á menor pressão. Verás quanto vale o bom senso nas letras, o amor do estudo, a leitura constante dos grandes antigos e a força da consciencia, que se não deixa escravizar pelas formulas estapafurdias das *coterias* literarias dos botequins. Tens a prova disso neste livro, cujo autor, moço de vinte e oito anos apenas, é já um dos escritores nossos mais perfeitos, mais acabados ; já possui o seu proprio estilo, que pela elegancia do vocabulario, pelo boleio do periodo, pela harmonia, pela nitidez, pela precisão e pelo delicado e discreto sabor classico, não encontra mais de meia duzia de prozadores que se lhe avantajem nas letras brasileiras e portuguezas destes tempos de agora.

DEINA.

\* \* \*

A guerra do Transvaal parece que findou. Felizmente para mim, que já me cansavam os olhos de ler as tiradas sentimentaes que os jornaes andavam aqui a despejar, todos os dias, para sumo regalo da anglofobia da terra. Creio que, a não ser o Banco da Republica, assunto nenhum nestes dois ultimos anos trabalhou tanto o espirito e o coração da gente fluminense.

Não sei de jornal que não tivesse o seu critico militar para corrigir a inhabilidade dos generaes inglezes, e não me lembra nenhum cronista que não haja choramigado sobre a injustiça dos céus, impassiveis ante a violencia sofrida pelos campos da Africa austral.

Pobres inglezes! o que se disse delles aqui! como a pericia estratejica de um esgrimidor de Mallat, lhes punha o sitio e os reduzia a frangalhos! como um ociozo passageiro de bonde, algum negociante de carnes secas, entendedor de uzuras e batotas, arrazava impiedozo e cruento aquelles bravos guerreiros, quebrando-os entre os dedos gordurozos como a soldadinhos de chumbo! E que alegria! que entusiasmo, quando os telegramas anunciavam algum dezastre para os inglezes! Morriam no combate centenas de homens? Era um tema de rizo e de comento jocozo.

A rainha chorara toda uma noite pelos soldados mortos na guerra? E a chalaça espocava, a caricatura acocorava-se no cimo dos jornaes: e o povo ria, de

mãos ás ilhargas, saboreando o enjenho dos dedos grotescos. E os boers ! que heróes famosos e inauditos ! que inegalaveis guerreiros ! que justos e que santos ! que puros patriarcas e insignes patriotas ! Labios de quem não sabia onde era esse Transvaal, cantavam beatamente louvores aos inimigos dos inglezes. Leões invenciveis que elles eram, atiravam-se com denodo contra os milhares de bandidos que os caçavam ! Os nossos sertanejos bahianos, com espingardas de matar passarinho, rezistiram e venceram, sem recursos, sem generaes estrangeiros, sem oiro e sem forças, a toda uma força armada que lá foi contra o seu arraial pequenino ! Ninguem se comoveu por elles ! ninguem apregou a corajem delles ! Mas os boers !

Todo o tempo que durou essa guerra estive a investigar a razão do dezechilibrado sentimentalismo indijena pelos rudes africanos hollandezes, e da destemperada expansão de rancor contra a culta Inglaterra.

Ainda hoje não sei qual foi. Parece-me, entretanto que na balança do juizo fluminense pezavam o gravame da *Trindade* e os cem kilos da ignorancia de quem só lê jornaes francezes e só pensa pelos labios francezes.

Não vou agora discutir e explicar essa ignorancia. A guerra que finda é produto de cauzas complexas e antigas, inapreciaveis e inanalizaveis numa estreita coluna do jornal. Quero exclusivamente ser a nota discordante no concerto de hosanas aos boers e de doestos aos inglezes.

Acompanhei a luta com simpatia fervorosa pelos homens que encarnam a justiça no mundo : passei dias dolorozos na incerteza dos sucessos parciaes na guerra ; vejo com alegria o seu desfecho pela derrota dos boers. E sabeis por que ?

Porque, além de muitos outros motivos de aplauzo á attitude dos inglezes, eu via na luta a obra superior da justiça dos céus ; via a punição dos bandidos exploradores da liberdade humana, a caça aos caçadores de negros, aos aviltadores da especie ; a esses ignorantes e rudes feitores estrangeiros que rebaixavam a bipede irracional o pobre africano, que a Inglaterra vae elevando ao nivel de homem civilizado. A justiça dos céus é ás vezes tardia, mas é inevitavel. O Deus das batalhas, invocado, ouviu o apelo e deu justiça. A poeira das aringas levou-a o vento até aos céus, e o sangue dos negros retalhados a foice espadanou sobre as nuvens altas, emquanto que as ossadas de tribus inteiras, comidas pelos corvos, ainda branquejavam nos vales, onde pizou e se implantou a cubiça e a crueldade dos filhos da Hollanda. Choram agora pelas lagrimas de Kruger, que volta ao paiz natal, deixando o paiz de adoção ? Gritam contra a iniquidade da conquista da republica ? Eu vejo, entretanto, as lagrimas dos negros que elle venceu, que elle roubou e dizimou ; vejo a arrogancia da anexação das colonias inglezas que elle invadiu e assolou ; e não posso ouvir, pelos fios do telegrama, o gemer do seu pranto, porque, mais alto que elle e mais tilintante, soa aos meus ouvidos o som doirado da-

quellas pilhas de libras que, açodadas e cautelozas e contadas, o vão precedendo no caminho da fuga para a Europa.

DEINA.

\* \* \*

« Sei que todos sofreis, mas nenhum de vós tanto sofre como eu : pois a dor fere - vos a cada um individualmente, não aos outros ; a minha alma, porém, doe por mim, por ti e pela cidade ao mesmo tempo.

« Não viestes despertar-me de um sono repouzado ; ao contrario, sabeis que eu tenho chorado muito, e o meu espirito se transvia, errante, pelos multiplos caminhos do inquieto pensamento.»

Respondia assim aquelle rei *Edipo* ao velho sacerdote, voz experimentada e triste do povo, aflito pela mortandade que devastava a antiga Thebas e pela fome que se abatera sobre todo o povoado com a esterilização repentina das sementes nos campos. E o povo buscava a vizinhança dos templos dos deuses ; queimava os incensos propiciatorios : prostrava - se nos brancos degraus dos altares, esperando a intervenção divina. O velho rei ouviu o seu choro e deceu da majestade do trono ao encontro da multidão sofredora. Não tinha dormido o velho *Edipo* ; a solicitude pelo povo lavara-lhe as palpebras, e a dor vijilante enchera a sua alma, perscrutando um remedio para o mal terrivel que um deus, em colera, atirára sobre a cidade. Era ao tempo da grande fé na ação dos deuses. O

unico remedio que *Œdipo* achou foi a consulta do oraculo ; e como o *theorós* não voltava e as horas passavam, vazias e tardas, medidas pela impaciencia de sua alma, o rei deceu ao meio do povo prostrado para ouvir o que já sabia, para derramar com a sua palavra bemvinda o consolo suave que esperançava a multidão.

« Nenhum de vós tanto sofre como eu ; a dor fere-vos a cada um individualmente, não aos outros ; a minh'alma, porém, doe por mim, por ti e pela cidade ao mesmo tempo. Sabei que tenho chorado muito, e o meu espirito se transvia, errante, pelos multiplos caminhos do inquieto pensamento. »

Era ao tempo em que os homens acreditavam na ação e intervenção dos deuzes e dos reis eleitos pelos deuzes. Os deuzes se foram ; mas os reis ficaram e proliferaram na terra, e o povo ainda crê nos reis.

E é com essa crença injenua e inextinguivel dos simples corações que, ainda agora, toda aquella gente faminta do norte volve os olhos d'alma para o sul, buscando o alivio da palavra majestoza nos labios do alto senhor e rei da grande terra. A alma do povo não sabe discernir entre as subtilizas dos rejimens politicos ; e o chefe supremo, seja-o por quatro anos ou por toda uma vida, é sempre o rei para o povo.

A multidão faminta desce dos sertões arenozos, abandona as cazas resequidas, as sementeiras queimadas, os rebanhos esmaecidos ; e avança pelo dezerto, sob as vergastadas do sol vermelho, tos-

tando os pés nas brazas do caminho, correndo em poz da ultima esperanza de salvação, que ella espera achar, não já nos degraus dos altares dos deuzes, mas nos degraus luxuozos e atapetados por onde sobem os pés reaes do altissimo rei.

Senhor, fazei como *Edipo*. Não deixeis que a multidão vos espere nem vos busque : decei solícito e bom a levar-lhe a efficacia do vosso remedio.

Mal chegaes da viagem alegre, carregado de dons de valia e cheio de recordações inesqueciveis do acolhimento triumphal de uma nação afortunada e hospitaleira. Nos vossos labios ainda prurem as saborozas lembranças dos acepipes principescos ; ainda vos trescala as narinas o perfumozo acridoce dos vinhos finissimos de champagne ; ainda vos cantam nas oiças deleitadas as ovações gloriozas e aturdidoras de milhares de vozes estrangeiras. Dias regalados e felizes passastes, esquecido das mizerias da terra, ignorante das torturas da fome e da sede.

Fazei agora come *Edipo* ! Decei da vossa ventura ás tristezas da patria, ás aflições da pobre terra faminta e sedenta ! Daí á multidão que sofre o alívio do vosso verbo eloquente e doirado. *Edipo* consumira as suas noites na dor insone ; regava o seu coração com as lagrimas da piedade e da inquietação. Vós, rei nosso, consumistes as vossas noites na insonia dos prazeres festivos, nas contradanças cadenciadas dos bailes fulgurantes, nos doces cuidados de satisfazer o apetite aguçado ; e as lagrimas que chorastes, foram aquellas lagrimas vertidas nas

barbas do outro rei amigo, quando, peito no peito, faces nas faces, sentistes, na hora da partida, que o sonho acabava e que a vida não era só de folias, e que a realidade assomava ao lonje, no contorno indecizo das costas do oceano. Mas o povo é sempre o injenuo povo. Decei da vossa altura e dissei-lhe, como *Ædipo*, que a sua dor e a sua fome vos levaram dos olhos o repouso, e que a vossa alma doeu e chorou pelas torturas que o dizimam. O povo tem fé, ainda mesmo nas mentiras dos reis, e só busca a intervenção delles perante o grande deus sonoro destes tempos de agora.

Não careceis de mensajeiro para escutar o oraculo divino. Apollo deixou a Delphos antiga e plantou a sua sabedoria aqui, na mesma cidade que habitaes ; e a voz publica ecoa aquellas mesmas palavras com que o mensajeiro de *Ædipo* retornou á Thebas glorioza.

« As desgraças, se forem bem tratadas, mudar-se-ão em prosperidades ». A voz publica ecoa taes palavras e não as julga tão enigmaticas como o foram outr'ora para os entendimentos obcecados dos gregos. O povo profetiza e diz que os males da fome e da sede se tornarão em bens para a terra dezolada do Ceará, se a vossa majestade abalançar-se a levar aos famintos, com a prezença do vulto real, a animação e o conselho da vossa palavra. Que muito, rei nosso e altissimo senhor, que sacrifiqueis o bem estar de alguns dias da doce vida de palacio, e viziteis o povo faminto, em cujas veias afrouxadas flde o escasso sangue, que é tambem vosso sangue, e em

cujas carcassas angulozas se articulam ossos despidos, que são tambem vossos ossos ! Arrostastes a furia dos pampeiros, gastastes milhares de moedas na ornamentação e equipação de tres vazos de guerra, levastes majistrados, politicos, poetas e ministros, com pingues ajudas de contos e contos — sómente para serdes gentil com o rei amigo que vos fez vizita.

Que muito, grande rei, que, sem afrontardes os vagalhões dos mares do sul, sem consumirdes milhares de dinheiros num simples navio modesto, sem levardes majistrados, nem politicos, nem poetas, nem ministros com ajudas do erario — singreis os mansos mares do norte, sózinho, com a vossa benevolencia e a vossa mizericordia, com o vosso prestijio supremo, e viziteis por uns dias o triste torrão devorado pela seca, para com os vossos olhos cheios (se não de lagrimas piedozas) cheios de justiça severa, prezidirdes á distribuição das esmolos pelos pobres miseraveis que morrem de fome !

Fazei de *Edipo*, se não sincero, ao menos de mentira ; porque o povo é injenuo e se consola com as mentiras dos reis. Fazei de *Edipo*, senhor ; ide vizitar e aliviar os vossos subditos famintos da terra cearense.

DEINA.

\* \* \*

EL BRAZIL INTELLECTUAL. — Entre os paizes da America do Sul não prima o Brazil, nem se distingue pela sua industria, ou pelas expressões

materiaes de sua cultura estetica. Abundante em prodijios de formozura, a natureza contenta o gosto da gente: e a sua graciosa prodigalidade de encantamentos nos debilita para o custozo e prolongado esforço de embelezar os sitios, onde os homens, na luta pela vida, têm durante seculos desconcertado e desmanchado o que era naturalmente e primitivamente perfeito. Habitados a ter gratuitos os mais admiraveis quadros da majestoza téla que nos envolve e cobre, descuramos do que está cerca de nós, nem sentimos impulso forte que nos anime a empreender com dispendio largo de fortuna e de perseverança os melhoramentos indispensaveis das cidades e capitaes do paiz. Quem de passagem nos olha, não leva de nós lisonjeiro conceito; menos ainda quem vem da Republica Argentina, e traz alma e corpo empapados das delicias do conforto europeu, com que a todos presenteia e surpreende a elegante miniatura de Paris, que é Buenos Aires. Nisso e em outras couzas força é reconhecer e declarar a inferioridade deste grande Brazil: mas consolo e alegria nos seja a nossa incontestavel primazia sobre toda a America latina nas couzas da intelijencia e da produção mental.

Não é o meu juizo suspeito de filho da terra quem o afirma; escreve-o convencidamente um estrangeiro distinto, um argentino que em nosso paiz se hospedou quazi um ano, e é na sua patria reputado por homem de saber, de criterio e de poezia.

« Por minha parte, não vacilo em confessar que, surpreendido da variedade e valor real da produ-

ção litteraria brasileira, a mim proprio tenho perguntado mais de uma vez como nos poude ella passar até hoje quazi despercebida.» « A actividade intellectual daquella nação é superior, sem duvida alguma, á que apresentam as suas irmãs do continente. Ella pode mostrar com orgulho, no passado e no presente, um nucleo compacto de sabios, de escritores e estadistas dignos de figurar em qualquer dos centros mais adeantados do velho mundo. Uma instrução methodica e séria, em que tem predominado os estudos classicos, um genero de vida mais concentrado que o nosso, menos subordinado aos atractivos do prazer e dos esplendores e ao refinamento de um sibaritismo elegante, uma larga epoca de tranquillidade e de desenvolvimento pacifico, sob uma administração tranquila e de intuitos elevados, — todas essas cauzas aliadas á intelligencia natural dos seus homens, ás tendencias artisticas da raça e ás vantajens de um meio mais equal, mais interessado nas couzas do espirito, — propenderam a dar ao Brazil uma cultura litteraria mais solida e orijinal que a das outras nações sul-americanas.»

São palavras essas de d. Martin Garcia Merou, na sua obra recente intitulada *O Brazil intellectual*.

Livro de amigo, sinceramente interessado pela produção dos nossos melhores homens de letras, não tem os intuitos superiores da alta critica nem o deliberado motivo de só fazer lisonjas. E' uma obra simpatica de vulgarização, destinada a revelar aos hespanhoes da America o que elles, por cauzas diversas, têm até hoje ignorado.

O escritor argentino abre o livro com a questão, já discutida por notavel compatriota seu, o general Mitre, na revista *A Biblioteca*, se existe realmente nos paizes latino-americanos uma literatura propria, nacional. Conclue pela negativa, mas supponho que a concluzão foi precipitada, senão quanto ás nações hispanicas, que melhor do que eu conhece, ao menos quanto ao Brazil. Certo não temos a obra tipica, livro dos livros, que para o illustre general constitue a baze da emancipação literaria de uma nacionalidade. A nossa maioridade literaria, porém, é atestada e provada pelo maximo das obras escritas desde o começo da nossa maioridade politica.

Não atinjimos ainda o grau de cultura mental que nos dispense beber ideas nas fontes estrangeiras, nem isso é dado a nenhum povo na terra, por mais completo e perfeito. O que porém possuímos, já bastante acentuado e caracteristico, é certo sentimento, que atravez de todas as modalidades de produção e de espirito, reziste a influencias estranhas e torna inconfundiveis os livros brasileiros com os vazados em molde identico e expressos na mesma lingua.

Transparece dos primeiros capitulos da obra de Merou o projeto primitivo de escrevel-o como historia literaria, senão exhaustiva, tão completa quanto possivel. O autor parece tel-a empreendido com entusiasmo e estudo acurado. Não se limitou a principio ao parecer e memoria dos cronistas da nossa literatura; foi ás fontes mesmas, e guiando-se

pela historia de Sylvio Romero, deteve-se na leitura e apreciação individual dos epicos brasileiros, de que nos dá acertada e orijinal opinião. Mas, ou me engano, ou a tarefa lhe pareceu difficil, ou o entusiasmo arrefeceu, o escritor em meio caminho muda de rumo, e saltando um largo e talvez o mais brilhante e fecundo periodo das letras brasileiras, entra em plena contemporaneidade. Já não o embaraçam cuidados de cronolojia ou de metodo; o autor que tem ás mãos, como subsidiario de seu plano orijinal, passa naturalmente a objeto de sua especulação.

E já revela aqui o escritor a sua izenção. Louvando o nosso patricio, na medida do seu merecimento reconhecido, aponta-lhe os defeitos e excessos de critico e de filozofa. Conjuntamente com Sylvio Romero, é julgado o seu primeiro mestre, Tobias Barreto. Nem se pode falar de um sem o outro, tão entrelaçada anda a obra deste á daquelle. Merou não partilha a extrema admiração de Sylvio pelo mestre sergipano; nota-lhe o valor, exalta o seu esforço, mas ponderadamente diverje da encomiastica apreciação do critico : « O que acho é que nada do que diz Tobias Barreto é uma novidade para espiritos cultos de nossa epoca, para diletantes mais ou menos profundos que hajam frequentado bibliotecas e estejam um pouco ao corrente do movimento das letras da Europa. O que dezejaria achar nelle não é o que disse Ewal, Hartmann, Jellink, Ranke e outros, porque isso me é facil averigual-o lendo-lhes as obras; senão alguma couza

original, nativa, tirada de sua propria substancia, como é a *historia de literatura brasileira* de Sylvio Romero, como são os estudos de José Verissimo e de Araripe Junior, como é esse admiravel *compte rendu* do livro de Balfour, *Os fundamentos da Fé* pelo sr. Ruy Barbosa, e no qual aparece com rasgos tão definidos e brilhantes a distinção desse talento extraordinario que é hoje a mais alta e indiscutivel gloria das letras no Brazil.»

A proposito do livro *Doutrina contra doutrina*, do mesmo Sylvio, o escritor habilmente digride com o estudo do positivismo para os factores da politica republicana no Brazil, e faz uma referencia a um dos nossos heroes, a qual transcrevo com prazer. « Fui sempre um pouco incredulo quanto á influencia de Comte sobre o espirito dos militantes que ordenaram os atrozes assassinatos de Santa Catharina e Corytiba. Nem Lopes nem Oribe leram seguramente a Comte e qualquer delles, como o nosso famozo Cuitino, pode mostrar em seu activo algumas, ainda que não tantas das façanhas sangrentas que fizeram celebre o coronel Moreira Cesar, uma das personificações mais caracterizadas do verdugo politico, que pode ensinar a historia de nossas pobres nações americanas.» Embora de labios estrangeiros essa justa sentença merece ser transcrita e guardada.

De José Verissimo, transcreve o escritor muitas pajinas publicadas na *Revista Brasileira*. Sente-se logo a franca simpatia do sr. Merou pelo nosso illustre critico, ao qual dedica em seguida alguns

capitulos de real amizade. Admira-o com muita justiça, tanto na obra exejetica e erudita, como na de fantazista. Ha entre os dois espiritos plena harmonia de tendencias e de gosto; e póde-se dizer que o escritor argentino viu a nossa literatura toda pelo prisma dos escritos de José Verissimo. Não sei se por essa razão ou se mesmo por impressão espontanea e directa, tanto admira elle e tanto eleva as novelas do visconde de Taunay. Não lhe faz limitações ao talento de romancista e dedica-lhe carinhozas pajinas de um enlevo tão grande, que me deixou para o final do livro uma pontinha de suspeita. Tratava-se de um vivo e pareceu-me enxergar o diplomata com as suas amabilidades de sangue hespanhol.

O sr. Merou equipara as novelas de Taunay ás de Loti! Admiro e estimo a obra do saudozo escritor, mas confesso que ella nunca me deu a impressão de pura e perfeita obra de arte. Homem de talento, observador curiozo, cheio de aptidões variadas, faltou entretanto a esse escritor o que é essencial ao artista, a emoção poderosa, que se reflecte no estilo, e como a vibração de uma corda de aço, se transmite fortemente á alma dos que o lêem. Essa lhe faltou. E o sr. Merou o eguala a Loti, o nervozo pintor do Pescador de Islandia! Em plena diplomacia...

Mas logo adeante, sobre as primeiras produções de Araripe Junior, novelista, revela o escritor, pela primeira vez na sua obra, uma pretensão de fazer critica, — e não oculto a má impressão que

me deu — critica pequena, de detalhes, com um tom de pedagogo, que não condiz com o restante do livro e sobre tudo com a complacencia e a pasmada admiração pelo novelista Taunay. Os capitulos seguintes resgatam essa descabida com a apreciação do critico, de quem louva plenamente admirado o estudo sobre Gregorio de Mattos. Elojia tambem o estudo sobre José de Alencar, mas... desconfio que as opiniões politicas de Araripe Junior, que o sr. Merou confundiu com as do literato, não lhe deixaram intacta a serenidade do gosto e do juizo. Merecia-lhe mais a obra do distinto critico brasileiro.

Em seguida começa a parte mais interessante da obra de Merou, e a mais sincera talvez. Ocupa-se dos publicistas Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa.

O escritor conheceu-os pessoalmente, conversou-os atentamente, e leu os seus trabalhos, com particular simpatia pelo talento e pela natureza do assunto, de alcance mais universal, sem precisar de recorrer ás opiniões dos nossos criticos.

« Ruy Barbosa e elle, disse-o ao começar estas notas, são as duas colunas mais solidas da intellectualidade brasileira, os mais altos representantes do espirito e do engenho da sua raça.»

O trabalho de Nabuco em que mais se detem é o estudo sobre Balmaceda; tema fecundo de reflexões sobre os negocios da America do Sul e sobre a superioridade incontestavel, mas contestada por Merou, da nação chilena acima das demais republicas hespanholas do continente. A admiração pelo engenho e o louvor ao estilo do sr. Nabuco, creio

que têm algo de excessivo, mas não duvido da sinceridade do escritor argentino. Ha mesmo entre nós quem os julgue com tamanho exajero.

O que se aceita sem restrições é o seu entusiasmo profundo pela obra e pela individualidade de Ruy Barbosa. A sua opinião, bazeada no estudo minuciozo e vasto de todos os trabalhos do grande brasileiro, alegra-nos porque vem de um estrangeiro e é a confirmação do juizo unanime e de longa data concebido por todos os espiritos cultos do Brazil. Merou estuda-o como orador, estadista, jurista, publicista e artista da palavra. A cada passo transcreve-lhe largos trechos da prosa majestosa, a cujo esplendor não reziste e cuja força contajiozamente lhe revigora as proprias frases.

« Ante os escritos de Ruy Barbosa, não se sabe que admirar mais, se o homem de letras, o cultor da frase, o artista da forma ou o pensador vigoroso e orijinal, o jurisconsulto ou o estadista de concepções transcendentaes. » E em cada uma dessas faces notaveis busca Merou destacal-o na plena luz da verdade, sem sombras para os olhos imparciaes e admirados de um estrangeiro de nação e de preconceitos partidarios.

Resalta principalmente da analize que faz dos seus trabalhos a attitude superior e brilhante do defensor do direito, do apostolo da justiça, naquella faze negra que enlutou alguns anos o Brazil. Fala Merou do celebre discurso de *habeas corpus* em favor dos prezos politicos. Tinha sido denegado o recurso. « O jurisconsulto vencido pelas exigencias

de um interesse politico mal entendido, não se deza-lenta e acode á imprensa periodica para continuar ilustrando a opinião publica e despertando a consciencia nacional numa serie de admiraves artigos. A erudição desses estudos é realmente assombroza. Seus vastos conhecimentos da historia contemporanea, a sua leitura frequente dos comentadores da constituição americana, o seu dominio perfeito da ciencia juridica, proporcionaram-lhe um arsenal inexgotavel de argumentos para pulverizar o erro do tribunal supremo, mostrando a sua inconsistencia e os mobeis secretos que o haviam inspi-rado.»

As *Cartas de Inglaterra* ocupam belas pajinas do livro, mas Merou não se satisfaz com apreciação forçadamente resumida, e aneia por espaço para expandir a sua admiração. « Em todos os ensaios que compõem o volume está impressa a garra leonina do talento de seu autor, deste talento luminoso, repleto de transbordante entusiasmo, dotado de incomparaveis seduções, lirico e pratico, politico e artistico, talento enciclopedico em cuja liga entra a forma exquizita de Macaulay, a poezia intensa de Ruskin, a eloquente enerjia de Froude, compondo uma das personalidades mais completas do nosso continente, uma das mais dignas do serem estudadas e enaltecidas pelos seus dotes excepcionaes, pela sua elevação moral, pelo seu respeito á justiça, pela sua fidelidade á ciencia e o seu amor á liberdade.»

No restante do livro faz Merou pequena rezenha dos poetas vivos, entre os quaes cita, com exemplifi-

cações, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raymundo Correia, Francisca Julia da Silva e João Ribeiro. Sobre o talento deste ultimo diz couzas muito exatas, que o poeta deve ler para de uma vez pôr termo ao inexplicavel silencio em que tem deixado desde anos a sua inspirada muza.

O nome do eminente Machado de Assis aparece no capitulo em que fala Merou dos periodicistas. Esta é uma falha e grande falha no seu livro. Ao escritor, que é um dos romancistas do Brazil, não pode, quem quer que nos estude a literatura, deixar de dedicar-lhe longa apreciação condigna; e mais valeria o silencio completo que a ligeira menção de sua obra. Não é essa a unica falha, outras existem, que não é oportuno discriminar, desde que o autor as previu talvez e atenuou-as reduzindo o seu trabalho á modestia de impressões e notas. Não é de certo um livro de alta critica; mas nos moldes em que está escrito, é obra excelente de vulgarização, traçada em linguagem eloquente e encantadora, que seduz e deleita sem fadiga.

O estilo é cristalino; e o conceito quasi sempre acertado. Não se podia exijir mais de um bom amigo, que tão espontaneamente se encarregou de nos fazer conhecidos em seu paiz. E' essa a melhor propaganda contra a sistemática depreciação de que é vitima o Brazil nas terras estrangeiras.

Louvado seja D. Garcia Merou!

DEINA.



Eu tambem acredito na veracidade dos sonhos. Tinha-os outr'ora por meros fantasmas, vãos, que, nas nossas retinas adormecidas e excitadas, se formavam das multiplas e minusculas impressões dos sentidos, tal como nos tubos de caleidoscopio se formam aquellas vistas variegadas de pequeninos e multicores fragmentos de trapos inuteis. Hoje, não. Tenho inteira fé na significação e na orijem dos sonhos. Quando o corpo mergulha no esquecimento das sensações externas, a alma, que não dorme, mais livre das importunações do meio e das exigencias vis da materia, aproveita-se do silencio e, repoltrada no salão do nosso craneo, trava palestra amiga com as outras almas irmãs. Imajino que é uma perfeita cena de familia. Iluminado o salão, abrem-se portas e janelas, e a dona de caza, sollicita e amavel, vae á porta receber as habituaes vizitas de amizade. E já desde a soleira é um apressado e afanozo trocar de idéas. Cada uma traz a sua porção mais variada, e com pouco na pequenina sala confortavel, compostos os grupos de acazo, a pratica se enlaça, se acalora, se alteia, nesse vozerio barulhento, que é tão peculiar aos salões do fluminense inquieto.

E' claro que estou falando de um salão de caza nobre de Botafogo. Nem todos são como esse, de luxo e conforto, iluminados a bicos de luz Auer. Ha-os de todos os tamanhos, de todos os gostos e preços; e alguns nem chegam a ser salões, senão

pequenas quadras de chão de terra e teto de colmo, fumarentos e escuros, com a chama suja de um candieiro de petroleo. Nem todas as almas dispõem dos mesmos recursos de riqueza. A de um mesteiral, por exemplo, não tem o salão egypcio do palacio do prezidente ; nem mesmo a do prezidente é provavel que dê recepções em tantas salas, como faz o seu dono nos dias de gala. Este recorre ás arcas do orçamento ; mas ella... terá com que manter tamanho luxo e dispõe de tanto espaço e conta acazo, com tantas vizitas ?

Dou mais pelo salão e pelo conforto da alma do poeta Orlando Teixeira e da tua, poeta João Luso. São almas fidalgas, mais relacionadas (não digo no meio social inferior que anima a cidade, mas na comunhão elevada de aristocraticos espiritos). A do prezidente receberá talvez essa gente politiqueira, que vive dos setenta e cinco mil réis diarios... e que vale essa gente ? que continjente de idéas traz ? votos eleitoraes, tricas eleitoraes, violações da constituição, projectos de perseguição e abafamento da liberdade... mais nada, ou então couzas estapafurdias como aquella fraze extraordinaria que tu glozaste na *Folhinha* com tanta graça e facundia.

Para isso e para essa gente basta uma loja á tôa. Mas a tua alma, a do Orlando e as dos outros sonhadores, essas têm palacio, porque são almas ricas, almas nobres, que convivem com os grandes espiritos da terra e do céu ; ás recepções que ellas dão frequentemente acodem esses espiritos eleitos, que se nomearam no mundo por Shakespeare, V. Hugo,

Dante, Camões, Cervantes, Balzac, Eça de Queiroz e outros e outros, e os dos vivos ainda, pois que as almas não são obrigadas a ficar em caza, e até passeiam muito, vão de polo a polo, correndo terras da Europa e da Asia, num vôo tão rapido que nem o corpo percebe a auzencia dellas. Ora, a tal companhia, não é qualquer saleta que a recebe; só um salão espaçozo e claro, mobilado com arte e fausto, é que atráe essa gente illustre, além da valia pessoal da dona da caza. Isso succede contigo e com os outros como tu. Estás dormindo, no repouzo da labuta de escritor, e em cima, no salão doirado do teu cerebro, ajita-se o enxame das almas grandes que conversam calorozamente com a tua alma hospitaleira e animada. E pela manhã, quando acordas, ha muito que a palestra findou; o teu corpo não sabe o que houve por caza, nem tem senão vaga reminiscencia de uma palração lonjinha, que elle supõe fosse talvez da caza do vizinho. Mas, quando tomas da pena, quem te inspirou as idéas dos teus contos, a poezia dos teus sonetos, a graça das quadrinhas de todo dia; quem te deu aquelle ritmo admiravel das tuas frases, aquelle gosto apurado do vocabulo e do torneio sintactico? Quem, senão os teus sonhos, os grandes espiritos que a tua alma convida para a superior confabulação? Deixemos de vaidade, meu amigo.

O que temos e valemos vem delles, vem assim, no processo inconciente das vizões noturnas e queridas. Isso, porém, não te desmerece a ti, nem aos teus eguaes. Não é qualquer que pode vangloriar-se

de tamanho favor dos espiritos divinos, e a só prezeção delles na alma dos poetas já revela quanto ella vale acima dos outros mortaes. Estes tambem têm vizitas, cada qual as da sua classe e preferencia. Pudesses espiar o cerebro de um burocrata dormido, e voltarias espantado e abalado com a vista das figuras alquebradas e poidas, tagarelando sobre promoções e avizos, timidamente falando de s. ex. o ministro, naquella linguaagem official de chapas e precedentes e de vós e de saudes e fraternidades. O craneo de um intendente municipal, de um juiz, de um banqueiro... tapemos os olhos, amigo João Luso. Ha couzas feias lá dentro.

E assim sonham todos, cada um consoante as relações e habitos que tem, e conforme a capacidade do salão em que recebe.

Mas os espiritos nem sempre guardam a austeridade que lhes attribuimos. Alguns ha, como os juizes do supremo tribunal, graves sómente por fóra. De noite, como a gente os não vê, saem de caza aos grupos, em folgança, a pregar peças nos bobos que dormem. E que peças nos pregam! que sustos! que enganos!

Entram por caza da gente e começam a falar de sortes grandes, de riquezas fabulozas, de amores superfinos, de delicias olympicas; e ai! de pobre mortal quando desperta. La por cima, no espaço, escondidos á espreita, como os garotos nas ruas, elles riem-se, riem-se a morrer, das carantonhas desiludidas pelo logro bem feito. E quando se lembram de aterrar a gente! ou tomam a apparencia de

monstros e arremettem de guelas abertas, ou finjem de ladrões e nos constriñem o pescoço, com um punhal a ameaçar-nos, ou simulam um enterro, com todas as minucias da cena luctuoza, com as choradeiras, o esquite, os cirios e o morto, muito palido e frio. E que terror que é o nosso ! que peza-delos medonhos ! Estes espiritos têm uma pontinha de perversidade que levaram da terra ; aquelles são folgazões, vivem num continuo carnaval. E ahí está por que os sonhos ás vezes são tão disparatados, tão contrarios á verdade. Mas por isso deve a gente desacredital-os ? Pois os espiritos têm o direito de divertir-se algumas vezes ? Olha, outro dia tive um sonho desses. E foi para contar-te este sonho que eu tanto falei até aqui. Supõe que nada leste, ilude a fadiga que te dei com esta proza solavancada e escuta o sonho.

Foi depois de um dia de grande sol, gozado debaixo d'árvores, num dos mais altos tezos da bela Tijuca. Não foi bastante o refrijerio da sombra, nem o gosto do espirito, para prevenir na volta a indisposição e fadiga do corpo, que vinha balançado impiedosamente num bonde da S. Christovam, ao chouto monotonico de dois magrissimos muares. E' de uma hora essa viagem ; a meia luz da lamparina não permitia a leitura, nem a companhia de rudes passageiros me dava socego para devaneios.

Rezolvi não pensar, mas os ecos das festas em Buenos Aires zoinavam nos meus ouvidos. Via, áquella hora, a cidade ornamentada e brilhante, as avenidas iluminadas... e, a pouco e pouco, ador-

meci. Logo os espiritos brincalhões alvoriçaram para o meu cerebro.

Eu estava a bordo de um transatlantico, em demanda da barra do Rio de Janeiro. O vapor vinha cheio de passageiros, quazi todos europeus, e havia anciedade pela chegada. Ouvi exclamações de admiração ante as belezas da bahia, e quando o paquete amarrou, junto ao caes, surpresa das surpresas! beleza das belezas! houve de todos os labios, de todos os passageiros apinhados no tombadilho, uma larga e calorosa expressão de alegria e de pasmo.

Esfreguei os olhos incredulos e fitei-os. A realidade correspondia á admiração; mas fiquei abalado e entontecido pela incerteza da cidade a que eu chegara. Era mesmo o Rio de Janeiro? Tinha embarcado cinco anos antes para a Europa, deixando aquella praça imunda que era o embarcadoiro e o desembarcadoiro de gente e de imundicies.

Agora, estava o vapor de grande calado atracado a um caes de branca alvenaria, e, ante meus olhos esbugalhados, se estendia infinita a mais bela das mais belas avenidas do mundo. Larga de cinquenta metros, longa de milhares, atravessava, em linha recta, toda a cidade, desde o mar até ás faldas da montanha da Tijuca.

Ao centro corria, entre caes, un canal, que despejava as aguas no mar, em amplo seio murado, e a pouca distancia se bifurcava em braços converjentes, rodeando o magnifico templo da Candelaria. Ladeavam o canal, em todo o seu percurso, duas linhas de palmeiras imperiaes, balouçando as palmas á

briza marinha ; e paralelas, outras linhas de arvores, talvez mangueiras ou figueiras bravas, fechavam no alto as copas folhudas, formando abobadas verdes, cuja extrema oposta se não podia avistar. O chão era de asfalto ; e as cazarias, de um e outro lado, eram palacetes de todos os estilos, modernos e antigos, alguns de vinte andares, outros de menor altura ou de um só andar, circumdados de jardim. Quando me cansei de ouvir as mesmas exclamações de admiração dos passageiros europeus, deci ao caes e acomodei-me num carro de praça. Indicou-me o cocheiro um hotel, e partimos com esse destino. O carro deslizava sem ruido e sem balanço. Eu tinha os olhos esbugalhados, a boca aberta de espanto, e a alma atarantada de duvidas. Palacios e palacetes se sucediam ; aqui o da *Imprensa*, ali o da *Gazeta de Noticias*, mais lonje os dos outros jornaes ; imensas cazas, de fachadas soberbas e multiplos andares ; as secretarias de estado, a prefeitura, palacio grego, ocupando todo o espaço que antes era baldio em frento ao quartel ; e carros passavam, corriam bondes e a multidão dos transeuntes circulava livremente, sob as abobadas do arvoredos ; ao longo do canal, ladeado de caes e de bancos, espareciam os passeantes, brincavam creanças em bando á doce luz da tarde que morria. Pleno Paris ! Não, melhor que Paris ! Eu chegava da Europa, tinha vizitado as grandes capitaes e não vira couza semelhante áquella deslumbrante avenida, em que o trabalho do homem só ajudára a obra formozza da natureza. No fundo, no extremo da imensa

via real, levantava-se a montanha da Tijuca, tocada obliquamente dos raios do sol, que rolava pelas verdes encostas cascatas de luz irizada e doirada.

Ficava o hotel no sopé da montanha, e do terraço fronteiro pude recorrer com a vista toda a extensão da avenida grandioza, que direita, igual, cheia de movimento e de vida, como estupenda arteria de uma estupenda capital, cruzava-a de extremo a extremo, ligando o mais belo arrabalde da cidade á mais bela bahia do mundo. Sonho? Sim, era sonho; era brinquedo dos alegres espiritos folgazões, que andavam em troça no meu salão de visitas.

Abalou-me o corpo um solavanco brutal; não podia ser da carruagem que me levava pelo chão de asfalto, era do bonde, que descarrilava de encontro a um pedreiro. Abri os olhos; senti um ruido na cabeça : o enxame de espiritos pandegos abalava. Tudo era um sonho. Mas talvez, quem sabe? Talvez a intendencia, afinal, não era tão difficil; ao menos a idéa, um projecto...

Abri um jornal que trazia. Ah! lá está um projecto apresentado á intendencia. Talvez, tantos considerandos, tão extenso!... Li-os todos... Sabes o que era o projecto : propunha a mudança do nome antigo de uma rua para o de *Republica Argentina*. Grande intendencia!

DEINA.

---

## BILHETES DE LONDRES

45—IX—1900

Os meus amigos e patricios dessa bonita aldeia do Rio de Janeiro não podem espiritualmente realizar a bemaventurança em que tenho mergulhados corpo e alma, aqui, neste sombrio, imenso e atroador turbilhão de gente, conhecido na geografia pelo nome de Londres. Eu, que amo a solidão, jámais a tive tão verdadeira como aqui, na mais habitada de todas as capitaes do mundo. Ninguem me conhece, ninguem me conversa; e a educação e consciencia dos creados de hotel evita-me o cuidado monotono e trivial, de prover ás necessidades do corpo. Viajo incognito, mas como burguez, que não como os monarcas, prenunciados pelo telegrafo e pelo luxo dos batedores policiaes.

Vim só e estou só — eremita da cidade. Para não ser conhecido dos meus patricios, falo-lhes no inglez mais dentalizado e rapido em que já nenhum inglez falou; e para os inglezes não preciso artificio; a sabedoria delles não deixa que sejam importunos ao individuo do *humanum genus*. Amo-os principalmente por essa qualidade — orijem talvez de

todas as outras que delles fazem a primeira gente da terra.

Foi dessa intuição rarissima que lhes nasceu a profunda compreensão da liberdade. A do corpo é respeitada sempre, mas a do espirito não só respeitada, mas sagrada, intanjivel. O corpo é mortal, é frajil, pode ser constranjido, nos cazos legaes; mas o espirito é divino, não deve ser tolhido, na mais minuscula das suas expressões. E não vos parece que é um direito esse que tem o nosso espirito de não ser interrompido nos seus prazeres, na sua atenção, nos seus cuidados? Se um policial ahi agarra um vadio e limita-lhe o espaço de locomoção, por 24 horas, os meus palradores e revoltados patriocios clamam contra o abuzo da policia, contra a infração dos nobres preceitos constitucionaes. Mas não ha clamor, não ha invocação de leis, não ha revolta, não ha censura publica, contra o vadio que vae roubar a um homem de pensamento e trabalho as suas poucas horas de estudo ou devaneio; que se coloca junto á meza em que um abstrato escritor mal pode, com a pesada pena de aço, reproduzir no papel uma fantazia imponderavel, que rapida passa, para não mais voltar, ante os olhos de sua alma — coloca-se junto á meza, obriga a mão febril a abandonar a pena, para apertar-lhe a mão suada e salpica sobre o papel o perdigoto de uma banalidade estúpida.

O mizero sonhador levanta os olhos, abaixa os olhos, retoma a pena; mas o sonho se foi, a realidade ali está, concretizada naquelle vulto que fala,

que fala talvez sómente para não deixar que o misero produza, com este instinto especial do inferior, que faz o cão ladrar contra a beleza da lua.

Ahi no Brazil, no Rio, pelo menos, essa violação de liberdade é normal, está no sangue da gente, está nos habitos da terra.

Aqui não existe. O inglez nem ao menos a concebe como possivel. E por isso não pode avaliar do gozo infindo que graciosamente oferece a um pobre mortal, como eu, tanto tempo vitima indefeza do inconsiderado, do precipitado, do travesso, do mal creado costume da semi-letrada gente neo-latina.

Agora, que delicia! Saio á rua, percorro a cidade horas e horas, contemplo o que me agrada, penso no que a imajinação me sujere; e na rua, como no hotel, o meu corpo é livre, o meu espirito é livre! A sensação desta liberdade plena entre a plena multidão é inexprimivel — e por isso não me sae d'alma, não me dá tempo para cojitar de outra couza. Quem deixa um estreito tunel enfumaçado, quando atinjê a primeira altura de montanha, abre a boca, respira em amplos haustos o ar puro da serra — e basta-lhe essa impressão do sitio novo para regalal-o.

Eis o que me succede agora. Aquella sensação, nunca antes sentida, me domina, e eu me esqueci do que devia á gentileza da *Imprensa*, que me incumbiu espontaneamente de contar-lhe tres vezes por mez as couzas de Londres. Desculpae o vazio do primeiro bilhete; os outros, pontuaes e suculentos, serão registro fiel de noticias da terra, desde a politica até

ás letras. Os diarios e periodicos são manancial inexaurivel; e a clareza e simplicidade classicas dos redatores permitem a qualquer leitor, embora ignorante, apreender dos artigos as verdades de todas as couzas.

Escondo o meu nome com o falso, que adotei contra a indiscreção dos patricios daqui. Convem prezervar-lhe o segredo, para não despertar contra a real pessoa do autor as zangas do publico fluminense, motivadas por algum comentario que me escape no correr dos bilhetes.

JOHN ALONE.

\* \* \*

22—IX—1900.

Terça-feira ultima foi dissolvido o parlamento. A ajitação das eleições começará com o começo de outubro. Qual será o rezultado dellas? Raramente o voto popular, que nesta terra perfeita é a genuina expressão da vontade do povo, terá despertado tamanho interesse, como desta vez em que o governo imperialista se apresenta perante o juizo supremo e universal da nação, para o julgamento da sua politica e dos seus atos. A attitude altiva e enerjica do governo, da qual rezultou a declaração de guerra do Transvaal, foi desde logo rudemente atacada no parlamento pela opozição dos liberaes e das outras seitas intranzijentes. O governo não fraqueou e perzistiu em trilhar em todo o seu curso o programa ouzado que traçara. As eleições dirão se elle repre-

zentava o pensamento nacional. Mas desde já a convicção dos profetas politicos de maior vulto é favoravel á afirmativa. *The Spectator*, o esclarecido hebdomadario desta capital, faz uma resumida diagnose do sentimento dos eleitores. Estes não se têm de modo algum por ofendidos com a guerra, nem admitem duvidas sobre a sua lejitimidade.

Estão decididos a conservar as duas republicas dentro do imperio e a não tolerar absolutamente couza nenhuma que lembre, muito vagamentè que seja, o ajuste de Majuba; e no cazo de surjir o imprevisto de uma intervenção estrangeira, lutarão contra a Europa inteira e não cederão uma linha do seu direito. O partido liberal não lhes incute confiança; descrêm da habilidade delles, para neste momento dirijirem os negocios do imperio. Não estão, comtudo, plenamente satisfeitos com os atos do ministerio atual. Não perderam, certo, a confiança que tinham individualmente nos membros diretores do gabinete, em lords Salisbury, Balfour, Hicks-Beach e Chamberlain; mas, acertada ou erradamente, pensam que não foi completa nem certa a gerencia praticada no processo dos negocios nacionaes, no seu todo. Em suma, os eleitores, ao passo que têm por inaceitaveis os liberaes, e pensam que lhes convém a direção dos unionistas, julgam insatisfatorio o gabinete, qual é prezentemente organizado. E é presumivel que o resultado das eleições seja a volta dos unionistas em grande, mas talvez diminuida maioria.

Esta diminuição da maioria é uma vantagem para

o prestígio do parlamento; porque é indubitavel que uma constituição parlamentar beneficia realmente, quando existe um eficiente e equilibrado sistema-de partidos. Na ultima camara dos comuns o governo foi prejudicado pela sua propria força e a opposição pela sua fraqueza. A cizão nas fileiras liberaes, devida á contesta entre William Harcourt e lord Rosebery, pareceu á primeira vista vantajosa para o governo. Na realidade, porém, foi para o governo um fundo golpe, pois que o privou da critica efetiva, que é tão revigorante. Partido que não tem o estimulo de uma critica externa é sempre propenso ao enfraquecimento pela interna frouxidão; e tal se deu no cazo presente. O gabinete, intelectualmente um dos mais fortes nos tempos modernos, e completamente supremo pela sua enorme maioria, entretanto, mais de uma vez pareceu mostrar inhabilidade em dirigir-se, como se o cinjira todo um circulo encantado.

Estas palavras extractei-as do *Spectator* como lição para os politicos da nossa terra. Muito tratadista tem discursado longamente sobre esses segredos de intimo maquinismo do Estado, e creio bem que raro será dos nossos deputados que não tenha lido essas couzas. Mas dozes grandes são em regra indijestas; mais eficaz é beber remedio e sabedoria em pingos, poucos e espaçados. Medite a gente amiga do governo sobre o beneficio da critica sizuda aos atos officiaes e veja, pela experiencia e opinião dos homens inglezes, quanto é malefico o aplauzo incondicional e unanime, que se faz voluntariamente

cego, para não dezagradar a vaidade dos Senhores do Poder. Ah! quanto lucraria a nossa terra se a nossa gente, em vez da excluziva imitação das couzas de França, voltasse os olhos atentos para esta Ilha, onde tudo se pode aprender eficazmente da sabedoria acumulada pelos seculos e do bom senso e superioridade deste povo invejavel!

**John ALONE.**

---

# INDICE

---

	PAJINAS
I. — <i>Discurso de recepção, na Academia Brasileira</i> .....	1
II. — <i>Machado de Assis (pajinas de saudade)</i> .....	28
III. — <i>Ezaú e Jacob, por Machado de Assis</i>	54
IV. — <i>Memorial de Ayres, por Machado de Assis</i> .....	66
V. — <i>Capistrano de Abreu</i> .....	80
VI. — <i>Poezias, de Alberto de Oliveira</i> ....	92
VII. — <i>Pajinas da « Gazeta de Noticias »</i> .	102
VIII. — <i>Pajinas d' « A Imprensa »</i> .....	114

---





89011306404



b89011306404a







89011306404



89011306404

